

VAMOS JOGAR JUNTOS?

Dante De Rose Junior
Adair José Pereira da Rocha
Mônica Cristina Flach

O Papel da Família no
Desenvolvimento Esportivo de
Crianças e Adolescentes.



Edições EACH

Rafael
Camargo

“VAMOS JOGAR JUNTOS?”

**O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

ORGANIZADORES:

Dante De Rose Junior

Adair José Pereira da Rocha

Mônica Cristina Flach

SÃO PAULO

2026



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

2026– Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP
Rua Arlindo Bettio, 1000 – Vila Guaraciaba
Ermelino Matarazzo, São Paulo (SP), Brasil
03828-000

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-Reitor

Prof. Dr. Aluísio Augusto Cotrim Segurado
Profa. Dra. Liedi Légi Bariani Bernucci

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Diretor
Vice-Diretor

Prof. Dr. Marcelo Fantinato
Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa

Conselho Editorial das Edições EACH

Profa. Dra. Isabel Cristina Italiano (Presidente EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Rosely A. Liguori Imbernon (Vice-presidente EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza (EACH/USP – Brasil)
Analúcia dos Santos V. Recine (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Anna Karenina A. Martins (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Flávia Mori Sarti (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Maria Eliza Mattosinho Bernardes (EACH/USP – Brasil)
Maria Fátima dos Santos (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Maria Silvia Barros de Held (EACH/USP – Brasil)
Prof. Dr. Sergio Feliciano Pacca (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Verónica Marcela Guridi (EACH/USP – Brasil)

Rafael Augusto Camargo (capa)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca.
Maria Fátima dos Santos (CRB-8/6818)

“Vamos jogar juntos?” : o papel da família no desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes / [organizadores], Dante De Rose Junior, Adair José Pereira da Rocha, Mônica Cristina Flach. – São Paulo : Edições EACH, 2026.
1 *ebook*

ISBN 978-65-88503-84-3 (*ebook*)
DOI 10.11606/9786588503843

1. Esportes – Aspectos psicológicos – Aspectos sociais. 2. Treinamento esportivo. 3. Adolescentes. 4. Crianças. 5. Família. I. De Rose Junior, Dante, org. II. Rocha, Adair José Pereira da, org. III. Flach, Mônica Cristina, org. IV. Subtítulo.

CDD 22. ed. – 796

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023: 2025:

DE ROSE JUNIOR, D.; ROCHA, A. J. P.; FLACH, M. C. (org.). **“Vamos jogar juntos?”**: o papel da família no desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes. São Paulo: Edições EACH, 2026. 1 *ebook*. DOI 10.11606/9786588503843.

Como citar o capítulo desta publicação, segundo ABNT NBR 6023: 2025:

SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s). Título do capítulo. *In*: DE ROSE JUNIOR, D.; ROCHA, A. J. P.; FLACH, M. C. (org.). **“Vamos jogar juntos?”**: o papel da família no desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes. São Paulo: Edições EACH, 2026. p. xx-yy. DOI 10.11606/9786588503843.

SUMÁRIO

Cap	APRESENTAÇÃO	5
	PARTE I	7
1	Entre o apoio e a pressão: o papel dos pais no desenvolvimento e desempenho de jovens atletas Hermes F Balbino	8
2	Pais em Campo: Heróis ou Vilões da Formação Esportiva? Sílvia Deschamps, Francinéli Becker	18
3	Os pais como componentes da ação pedagógica no desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes Dante De Rose Junior	31
4	Habilidades socioemocionais: um caminho que também deve ser trilhado pelos pais Michele Alves Ferreira Barbosa, Sarith Anischa	42
5	Influência parental no esporte: em busca do equilíbrio nas relações estabelecidas no desenvolvimento esportivo Carine Collet , Leilane Alves de Lima, Eduardo Santana Silva	55
	PARTE II	70
6	Perspetivas sobre o suporte social dos pais para o desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino Mônica Cristina Flach, Larissa Fernanda Porto Maciel, Alexandra Folle	71
7	A família na trajetória esportiva: um relato de experiência formativa Adair José Pereira da Rocha, Dante De Rose Junior, Gislaïne Cristina Vagetti, Valdomiro de Oliveira	84
8	Família e desenvolvimento esportivo no handebol: um olhar biológico sobre as percepções de treinadores e atletas Mariana Trindade Rosa de Souza, Caio Vagetti de Oliveira, Valdomiro de Oliveira	95
9	Esporte, família e escola: desafios e possibilidades na formação de jovens atletas de basquetebol Vanessa Melina Cotrim Rojas, Caio Vagetti de Oliveira, Valdomiro de Oliveira	115
	PARTE III	126
10	Sobre como educar no esporte formativo Ricardo Bojanich	127
11	Do que fomos ao que somos: família e esporte em uma travessia de gerações Dante De Rose Junior, Adair Pereira da Rocha, Mônica Cristina Flach	138
	ORGANIZADORES – AUTORES	144

APRESENTAÇÃO

O livro **“VAMOS JOGAR JUNTOS?” O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES** surgiu da ideia de trazer à tona um tema que tem sido relevante na atualidade do esporte infanto-juvenil.

Recentes decisões tomadas por federações estaduais de futebol proibindo a presença de pais e familiares em competições de crianças e adolescentes despertaram nos organizadores desta obra a vontade de convidar especialistas em diferentes áreas do esporte para discutir o assunto e trazer seus posicionamentos e experiências vividas neste cenário tão importante para o desenvolvimento de jovens que iniciam suas carreiras esportivas e desejam mantê-las independentemente das atitudes de pais e familiares.

O livro está dividido em três partes.

A primeira delas conta com cinco capítulos que nos trazem o tema à luz da literatura nacional e internacional e das experiências dos seus autores que exploram a participação de pais e familiares que procuram apoiar de forma incondicional a participação dos jovens em suas atividades esportivas apesar de que, nem sempre, este apoio seja feito de forma positiva. Temas como apoio, pressão, habilidades emocionais, equilíbrio nas relações entre pais e profissionais do esporte, os pais como componentes da ação pedagógica são alguns dos temas abordados nesses capítulos.

Na segunda parte são destacados quatro estudos realizados por experientes pesquisadores do esporte, que trazem resultados interessantes sobre a participação dos pais e familiares na vida esportiva dos filhos, sua interação com os profissionais que atuam nesta área e sobre como esses pais e familiares lidam com situações no ambiente competitivo dessas crianças e jovens. Esses estudos foram realizados com atletas de basquetebol e handebol e com pais e familiares em situações reais de competições nacionais retratando a nossa realidade e comparada a estudos internacionais.

Finalizando, a terceira parte é reservada para relatos, observações e experiências pessoais dos organizadores do livro e de um convidado internacional que oferece sugestões para que a relação pais/familiares/filhos/profissionais seja a mais proveitosa possível e que

contribua de forma significativa para o desenvolvimento esportivo de crianças e jovens que se aventura neste mundo competitivo.

Desta forma, acreditamos que o livro trará relevantes temas e servirá para que pais e profissionais do esporte passem a entender melhor como uma criança e um jovem possam disfrutar adequadamente das atividades que o esporte pode proporcionar.

Dante De Rose Junior

Adair Pereira da Rocha

Mônica Cristina Flach



PARTE I

Os autores nos trazem o tema à luz da literatura nacional e internacional e de suas experiências explorando a participação de pais e familiares tanto de forma positiva, quanto negativa e até mesmo a omissão dos mesmos na vida esportiva das crianças e adolescentes. Temas como apoio, pressão, habilidades emocionais, equilíbrio nas relações entre pais e profissionais do esporte, os pais como componentes da ação pedagógica são alguns dos temas abordados nos próximos capítulos.

ENTRE O APOIO E A PRESSÃO: O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO E DESEMPENHO DE JOVENS ATLETAS

Hermes F Balbino

INTRODUÇÃO

O esporte de formação tem se consolidado, nas últimas décadas, como um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Nele, os jovens aprendem não apenas habilidades motoras e táticas, mas também constroem valores, significados e competências socioemocionais que ultrapassam o ambiente competitivo. Nesse cenário, a família, em especial os pais, ocupa um papel de protagonismo. Sua presença e influência específica é um dos fatores mais determinantes na trajetória esportiva dos filhos, seja no estímulo inicial à prática, na sustentação emocional durante as fases de aprendizagem ou no suporte diante das adversidades que compõem uma jornada esportiva (Côte, 1999; Gould e Carson, 2008).

Entretanto, essa presença parental, essencial e significativa, é também paradoxal. O mesmo envolvimento que pode nutrir a motivação e o prazer pela prática esportiva pode, quando desajustado, converter-se em fonte de pressão e ansiedade. O equilíbrio entre apoio e exigência é delicado e, muitas vezes, difícil de considerar na prática cotidiana. Freud já indicava que o desejo dos pais tende a se projetar sobre os filhos, moldando suas aspirações e conflitos internos. No contexto esportivo, essa projeção pode se traduzir na busca inconsciente de realizações não concretizadas, transformando o incentivo em cobrança. Assim, compreender o “jogo duplo” parental é compreender também a dinâmica emocional e psicológica que sustenta o desenvolvimento de jovens atletas.

Pesquisas contemporâneas em Psicologia do Esporte, como as de Harwood e Knight (2015) e Knight, Harwood e Gould (2016), demonstraram que a forma como os pais se envolvem com o processo influencia diretamente a motivação, a autoconfiança e a longevidade da carreira esportiva dos filhos. A Teoria da Autodeterminação, proposta por Deci e Ryan (2000), oferece um importante referencial para compreender essas características: quando os pais promovem autonomia, competência e vínculo afetivo, estimulam a motivação intrínseca; quando impõem controle, metas ou condicionam o afeto ao

desempenho, provocam ansiedade, desmotivação e risco de abandono. Essa dialética entre apoio e pressão revela-se, portanto, um dos pontos nevrálgicos da formação esportiva.

Para além da relação pais-filhos, o contexto esportivo envolve outros atores, como treinadores, psicólogos e gestores, que também são impactados pela qualidade desse vínculo familiar. A comunicação entre pais e comissão técnica, por exemplo, é um fator decisivo para a construção de um ambiente de desenvolvimento equilibrado e cooperativo. Nesse sentido, a compreensão do papel parental ultrapassa a dimensão individual e se insere em uma perspectiva sistêmica, na qual o ambiente social, emocional e educativo precisa estar alinhado para favorecer o crescimento integral do atleta.

Dessa forma, este capítulo propõe-se a discutir as fronteiras entre o apoio e a pressão parental, analisando como diferentes estilos de envolvimento influenciam o desenvolvimento esportivo, o prazer pela prática e a saúde psicológica de jovens atletas. A partir de exemplos reais extraídos do cenário esportivo contemporâneo e sustentados em referenciais teóricos da Psicologia do Esporte, da Neurociência e da Educação, busca-se oferecer subsídios teóricos e práticos para pais, treinadores e profissionais do esporte.

Em resumo, o objetivo central deste capítulo é analisar criticamente o papel dos pais no processo de desenvolvimento esportivo de jovens atletas, discutindo como o equilíbrio entre apoio e pressão pode favorecer ou comprometer o crescimento pessoal, emocional e esportivo. Pretende-se, ainda, contribuir com orientações que ajudem a transformar a experiência esportiva em um espaço de autonomia, prazer e realização, tanto para os filhos quanto para os pais, fortalecendo o vínculo entre esporte, educação e formação humana.

O DUPLO JOGO PARENTAL NA FORMAÇÃO ESPORTIVA

No universo complexo e dinâmico do esporte de formação, a figura parental emerge como um dos elementos mais determinantes na trajetória de jovens atletas. O apoio familiar é, frequentemente, reconhecido como um pilar essencial para o desenvolvimento do talento esportivo, o fomento do bem-estar emocional e a manutenção da persistência diante dos inevitáveis desafios competitivos (Côte, 1999). Contudo, essa mesma presença, quando desprovida de um equilíbrio delicado e uma calibração adequada, pode converter-se em

uma fonte significativa de pressão, desencadeando uma cascata de consequências negativas que afetam tanto o prazer intrínseco pela prática esportiva quanto o desempenho atlético e a saúde psicológica do jovem esportista.

Este paradoxo se mostra através da tênue e, por vezes, intrincada linha entre o apoio construtivo e a pressão debilitante. Nesta medida, configura a essência da complexa relação entre pais e filhos no contexto esportivo. De um lado, manifesta-se a intenção genuína de prover as melhores oportunidades, encorajamento contínuo e suporte incondicional; de outro, espreita a possibilidade de transfigurar esse incentivo em uma cobrança excessiva, projetando nos filhos ambições não realizadas, expectativas desmedidas ou, ainda, uma super identificação com o sucesso do jovem esportista.

Desta maneira, podemos afirmar que é consensual a força que a presença dos pais exerce na formação esportiva dos filhos, tornando-se um dos fatores mais determinantes no desenvolvimento dos atletas. A presença de pais e mães no amplo contexto da formação e ações decorrentes influenciam diretamente a motivação, o prazer e a longevidade da carreira esportiva. Desde os primeiros contatos com o esporte os pais e mães, e por vezes outros membros da família, atuam como vetores de socialização, moldando valores, pensando e influenciando a forma como o jovem percebe o sucesso e o fracasso. Essa influência, no entanto, pode se manifestar de maneira positiva, como apoio nutridor e curador, ou negativa, como pressão e submissão às equivocadas ações de membros da família do jovem esportista.

Exemplos do campo esportivo

Quando o envolvimento parental é equilibrado, há suporte emocional, logístico e incentivo à autonomia, fortalecendo a motivação intrínseca, o prazer e o bem-estar psicológico. O caso de Roger Federer (Clarey, 2021) exemplifica esse modelo: seus pais o apoiaram sem metas importantes, oferecendo estrutura e apoio incondicional. O resultado foi uma carreira longa, prazerosa e emocionalmente estável. Situação semelhante é observada na história esportiva de Jannik Sinner, ainda em construção, cujos pais respeitaram sua decisão de deixar o esqui para seguir o tênis, o que reforçou sua autoconfiança e capacidade de lidar com a pressão. Carlos Alcaraz e Lionel Messi, como divulgado na mídia, também demonstram trajetórias em que o suporte familiar

favoreceu o desenvolvimento esportivo, por meio de apoio contínuo e segurança emocional.

Em contrapartida, o excesso de controle e cobrança transforma o apoio em fonte de sofrimento e perda de autonomia. De acordo com a autobiografia de Andre Agassi (2010), o relato mostra o jovem tenista pressionado pelo pai desde a infância. A partir disto, desenvolveu aversão ao tênis e profunda a motivação demonstrada pela falta de interesse ou entusiasmo para alcançar objetivos, apesar do sucesso profissional. Em outro conhecido exemplo, o futebolista Neymar Jr., conduzido pelo pai sob uma lógica de gestão de carreira e imagem, representa o caso em que o foco na recompensa externa e na marca pessoal se sobrepõe ao prazer de jogar, gerando tensão e instabilidade emocional. Casos como os de Serena e Venus Williams ou Tiger Woods, amplamente divulgados na mídia e que geraram filmes e documentários diversos, mostram como o intenso envolvimento pode produzir excelência, mas também riscos psicológicos, quando a linha entre suporte e controle é ultrapassada.

A literatura psicológica explica essas diferenças pela Teoria da Autodeterminação, que destaca três necessidades psicológicas básicas: autonomia, competência e relacionamento. Pais que apoiam essas dimensões favorecem o desenvolvimento de atletas mais autônomos, resilientes e realizados; já os que impõem metas ou condicionam o afeto ao desempenho minam a motivação e o prazer no esporte. A partir destes apontamentos iniciais, discutiremos o poder da influência no papel que os pais exercem ao acompanhar a etapa de formação esportiva dos filhos, que a priori seria criar um ambiente de apoio, estrutura e amor incondicional que permite ao filho escolher, errar, aprender e crescer, transformando o esporte em um espaço de realização. Mas nem sempre é assim, como sabemos. Por distorções e equívocos ao exercer este papel, muitas vezes pais e mães produzem um ambiente de submissão e pressão, impedindo os filhos de terem um desenvolvimento pleno dentro da formação esportiva.

O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO

O desenvolvimento de atletas jovens não é um processo isolado, mas sim um fenômeno profundamente condicionado e moldado pelo ambiente familiar. Os pais atuam como os primeiros e mais influentes modelos de comportamento,

forneendo não apenas recursos materiais essenciais (como responsabilidade por inscrições em eventos esportivos e competições, equipamentos e transporte), mas também um capital emocional inestimável que se manifesta no apoio, na segurança e na validação. Adicionalmente, são eles que, de maneira contínua, moldam as atitudes e crenças dos filhos em relação ao esporte, ao esforço, à vitória e à derrota, e, por extensão, à vida.

Uma pesquisa realizada por Côté (1999) demonstrou de forma contundente a influência decisiva da família na formação do talento esportivo. Essa influência transcende o suporte financeiro e logístico, estendendo-se principalmente à criação de um clima motivacional positivo. Um ambiente familiar que valoriza o processo de aprendizagem, a superação pessoal e o desenvolvimento de habilidades, em detrimento de uma fixação exclusiva nos resultados, tende a fomentar uma motivação mais duradoura e intrínseca nos jovens atletas.

Gould e Carson (2008) reforçam que o esporte, para além de ser uma arena para o aprimoramento físico e técnico, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma vasta gama de habilidades para a vida. Essas habilidades incluem resiliência, liderança, autodisciplina, cooperação, gestão do tempo, comunicação, entre tantas outras. Os pais, ao atuarem como mediadores dessa experiência esportiva, possuem a capacidade singular de potencializar ou, inversamente, limitar a aquisição e o aprofundamento desses aprendizados. Quando o apoio parental é bem-equilibrado e orientado para o desenvolvimento integral, os filhos encontram no esporte não apenas um caminho para a alta performance, mas também uma via rica para a construção de competências socioemocionais transferíveis a outros contextos e fases de suas vidas.

APOIO VERSUS PRESSÃO

A distinção entre apoio e pressão, embora conceitualmente clara, apresenta uma linha divisória que, na prática cotidiana do esporte juvenil, é frequentemente tênue e permeada de nuances. Incentivar, em sua essência, significa oferecer as condições necessárias, a confiança e o encorajamento para que o jovem atleta possa descobrir, explorar e desenvolver seu próprio potencial, de acordo com seus interesses e ritmos. Pressionar, por outro lado, implica na imposição de expectativas externas, muitas vezes oriundas das ambições não

realizadas dos próprios pais ou de comparações com outros atletas, transformando a prática esportiva em uma obrigação, uma fonte de estresse e, por vezes, um fardo (knight, Harwood e Gould, 2016).

Um dos aspectos mais insidiosos dessa dinâmica é o fenômeno da “pressão invisível”. Essa forma de pressão ocorre quando os pais, embora não verbalizem explicitamente suas exigências de desempenho, comunicam suas expectativas de maneira sutil, por meio de gestos, expressões faciais de desapontamento, suspiros, olhares críticos ou comparações indiretas com outros colegas ou com o próprio histórico de vida esportiva com o filho. Essa pressão tácita, por ser menos explícita, pode ser ainda mais danosa, pois o jovem atleta se sente compelido a performar bem para agradar ou para evitar a desaprovação, sem que haja um canal direto para discutir ou desafiar essas expectativas veladas. Tal fenômeno afeta diretamente a motivação intrínseca, deslocando o foco do aprendiz do prazer inerente à prática esportiva para o medo de decepcionar, resultando em ansiedade de desempenho e uma diminuição da satisfação pessoal.

Retomamos aqui a Teoria da Autodeterminação (TAD), proposta por Deci e Ryan (2000), que oferece uma referência teórica para compreender esses impactos psicológicos. Segundo essa teoria, a motivação humana é otimizada quando três necessidades psicológicas básicas são satisfeitas: autonomia (sentir-se como o originador das próprias ações), competência (sentir-se eficaz e capaz) e relacionamento (sentir-se conectado e valorizado por outros). No contexto esportivo, quando o ambiente parental favorece a autonomia (permitindo escolhas e protagonismo), a competência (oferecendo feedback construtivo e realista) e o vínculo (demonstrando apoio incondicional), a motivação intrínseca é fortalecida. Em contraste, quando há imposição de metas, controle excessivo e condicionamento do amor ou aprovação ao desempenho, o atleta tende a experimentar maior ansiedade, frustração, esgotamento e, em casos extremos, o abandono precoce da prática esportiva.

Complementarmente, a pesquisa de Dweck (2006) sobre a “mentalidade” (mindset) ressalta a importância da percepção que os indivíduos têm sobre suas próprias capacidades. De acordo com as proposições da autora, pais com uma “mentalidade fixa” tendem a ver o talento como algo inato e imutável, o que pode levar a um foco excessivo nos resultados e à pressão para que o filho prove sua

capacidade. Já pais com uma "mentalidade de crescimento" encaram as habilidades como passíveis de desenvolvimento através do esforço e da dedicação. Essa mentalidade parental influencia diretamente a percepção que os filhos constroem sobre suas próprias capacidades, seu engajamento em desafios e sua resiliência diante dos erros e insucessos.

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO E COLABORAÇÃO

A comunicação eficaz é um dos pilares mais críticos para o desempenho do papel parental no esporte. A forma como os pais interagem com os filhos, com os treinadores e com o próprio ambiente esportivo pode determinar a qualidade da experiência do jovem atleta.

Relação Pais-Treinadores

Uma parceria construtiva entre pais e treinadores é fundamental para a criação de um ambiente coeso, saudável e propício ao desenvolvimento. Pais que dialogam de forma aberta, transparente e respeitosa com os técnicos contribuem para alinhar expectativas, prevenir mal-entendidos e ruídos de comunicação, e, crucialmente, reforçar a confiança dos jovens atletas em seus mentores e no processo de treinamento. É imperativo que os pais compreendam a filosofia de trabalho do treinador, os objetivos da equipe e as responsabilidades de cada um, estabelecendo um canal de comunicação que seja ativo e bidirecional. Harwood e Knight (2015) argumentam que os pais precisam desenvolver competências parentais específicas para o esporte, que incluem a capacidade de discernir quando se posicionar como apoiadores ativos e quando recuar para que o jovem atleta possa exercer sua autonomia no contexto do treinamento e da competição.

Pós-competição: Feedback Positivo e Escuta Ativa

O período pós-competição ou pré-competição é, frequentemente, um dos momentos mais delicados e emocionalmente carregados na jornada de um atleta jovem. É nesse instante que a postura dos pais assume um peso determinante. Knight, Harwood e Gould (2016) sugerem que, nesse contexto, o feedback positivo e a escuta ativa devem prevalecer sobre críticas imediatas, análises técnicas pormenorizadas ou comparações indesejadas. Ao invés de focar em erros ou resultados, os pais devem priorizar perguntas que incentivem a reflexão e o processamento emocional, tais como: "Você se divertiu hoje?", "O que você

aprendeu com a partida?", "Como você se sentiu em campo (ou quadra, pista, arena de luta)?", "Houve algo em que você se superou?".

Essas abordagens simples, mas profundamente construtivas, têm um impacto psicológico muito mais benéfico do que observações pontuais sobre falhas ou estratégias. O feedback deve ser específico, focado no esforço e no processo, e não apenas no resultado. A escuta ativa, por sua vez, demonstra respeito pela experiência do filho, validando suas emoções e percepções, e criando um espaço seguro para que ele processe suas próprias vivências no esporte, fortalecendo sua autoestima e sua capacidade de autorreflexão.

PAIS COMO AGENTES DE AUTONOMIA

A função parental no esporte transcende a mera provisão de recursos ou o papel de espectador entusiasta, já que ela se eleva à condição de se tornar facilitadora ativa da autonomia. Isso implica em uma abordagem que apoia as escolhas do jovem atleta, respeita seus ritmos individuais de desenvolvimento e encoraja ativamente seu protagonismo no processo. A autonomia, nesse sentido, não é sinônimo de abandono ou ausência, mas de uma presença equilibrada e consciente.

Gould e Carson (2008) enfatizam que o esporte de formação é, intrinsecamente, um espaço de aprendizagem que se estende muito além da performance atlética. É crucial que os pais valorizem o processo de desenvolvimento, o esforço, a dedicação e as lições aprendidas, em vez de focar exclusivamente nos resultados imediatos ou nas vitórias. Essa perspectiva orientada para o processo nutre a paixão pelo esporte e a resiliência diante dos desafios.

A parentalidade que fomenta a autonomia no esporte se manifesta em diversas atitudes como acompanhar de perto, mas sem sufocar o filho com uma vigilância excessiva; oferecer apoio incondicional, mas sem impor vontades ou ambições próprias; orientar e aconselhar, mas também permitir que o jovem atleta cometa seus próprios erros, aprendendo com eles e descobrindo suas próprias soluções. Esse equilíbrio delicado e dinâmico possibilita ao jovem atleta não apenas desenvolver suas competências esportivas específicas, mas também internalizar e aprimorar uma vasta gama de habilidades e recursos internos para a vida, como resiliência, persistência, crenças de capacidade,

autogestão, tomada de decisão, liderança, ética, que o acompanharão e o beneficiarão ao longo de toda a sua trajetória, dentro e fora do cenário esportivo. Ao incentivar e dar apoio a seus filhos para que sejam os protagonistas de suas próprias jornadas esportivas, os pais contribuem decisivamente para a formação de indivíduos autônomos, ou seja, mais autoconfiantes, independentes e realizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre pais e atletas jovens representa um dos elementos mais poderosos, e paradoxalmente, um dos mais delicados no panorama do esporte de formação. O apoio equilibrado e bem direcionado age como um catalisador positivo, fomentando a motivação intrínseca, o prazer pela prática esportiva, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e um bem-estar integral. Em contrapartida, a pressão excessiva e mal calibrada pode gerar ansiedade, frustração, esgotamento, e culminar no abandono precoce do esporte, ceifando não apenas o talento, mas também a oportunidade de crescimento pessoal.

O desafio fundamental, portanto, reside em cultivar uma parentalidade esportiva que seja intrinsecamente uma experiência de crescimento mútuo. Para os filhos, essa abordagem oferece a oportunidade ímpar de desenvolver autonomia, protagonismo e uma gama de competências transferíveis. Para os pais, ela se manifesta como um exercício contínuo de escuta ativa, paciência, discernimento e colaboração com os demais atores do ambiente esportivo. Como sintetizam Weinberg e Gould (2016), autores de referência na psicologia do esporte, o verdadeiro e mais profundo papel dos pais não é o de produzir campeões a qualquer custo, mas sim o de contribuir ativamente para a formação de seres humanos mais resilientes, conscientes, realizados e capazes de transpor as lições do esporte para os diversos aspectos de suas vidas.

Assim, entre as forças, por vezes antagônicas, do apoio e da pressão, reside a sabedoria de compreender que o esporte é, antes de tudo, uma jornada de vida, que se constitui como uma metáfora poderosa para os desafios e as conquistas que se apresentam. E é nessa jornada que pais e filhos, com respeito mútuo e objetivos alinhados, caminham juntos, construindo legados que ultrapassam as conquistas de medalhas e prêmios, e se perpetuam na formação do caráter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSI, A. **Uma autobiografia**. São Paulo: Globo, 2010.

CLAREY, C. **Federer: o homem que mudou o esporte**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. In HACKFORTH, D.; LIDOR, R. (Eds.), **The psychology of sport and physical activity**. Cologne: Bundesinstitut für Sportwissenschaft, 1999.

DECI, E.; RYAN, R. Self-Determination Theory: An Approach to Human Motivation and Personality. In V. C. B. C. P. J. M. (Eds.), **Handbook of self-regulation: Research, theory, and applications**. New York: Academic Press, 2000.

DWECK, C.. **Mindset: The new psychology of success**. Random House, 2006.

GOULD, D.; CARSON, S. Life skills development through sport. **Psychology of Sport and Exercise**: v.9, n.5, p 629-631, 2008.

HARWOOD, C.; KNIGHT, C. Parenting in youth sport: A position paper. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v.4, n.2, p.163-181, 2015.

KNIGHT, C.; HARWOOD, C.; GOULD, D. Parent involvement in sport. In PAPAIOANOU, A.; HACKFORTH, D. (Eds.), **Handbook of physical activity and exercise psychology**, p. 250-264, 2016.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

PAIS EM CAMPO: HERÓIS OU VILÕES DA FORMAÇÃO ESPORTIVA?

**Sílvia Deschamps
Francinéli Becker**

INTRODUÇÃO

O presente capítulo aborda o papel dos pais no processo de formação esportiva de crianças e adolescentes, destacando tanto os impactos positivos quanto aos riscos de sua participação. Parte-se do entendimento de que a família constitui um dos pilares centrais no desenvolvimento esportivo, podendo favorecer conquistas importantes, mas também comprometer a experiência dos jovens atletas.

A partir de uma perspectiva fundamentada na Psicologia do Esporte, serão discutidos exemplos de comportamentos parentais que estimulam a autonomia, o prazer e o desenvolvimento saudável no esporte. Em contrapartida, também serão analisadas situações em que a pressão excessiva, a projeção de expectativas ou a confusão de papéis transformam a prática esportiva em fonte de sofrimento e desequilíbrio. Nesse contexto, destaca-se o papel essencial do Psicólogo do Esporte na orientação às famílias, promovendo ambientes mais equilibrados e saudáveis para a trajetória esportiva e pessoal das crianças.

O tema ganha especial relevância diante de episódios recentes registrados pela Federação Paulista de Futebol (2025). Somente em 2024, foram contabilizadas 34 ocorrências nas arquibancadas durante jogos das categorias Sub-11 e Sub-12. Em 2025, entre os meses de junho e agosto, esse número saltou para 46 casos, envolvendo brigas, ameaças, injúrias raciais e episódios de homofobia, em grande parte protagonizados por pais e responsáveis.

Diante desse cenário, após uma campanha inicial de conscientização realizada pela Federação Paulista de Futebol (FPF), o Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol Paulista (TJD-SP) recomendou que todas as partidas das rodadas 16 e 17 do Campeonato Paulista Sub-11 e Sub-12 fossem realizadas com portões fechados, inclusive para familiares.

Esses fatos colocam em evidência uma questão central, que perpassa todo o capítulo: até que ponto a presença dos pais no esporte é sinônimo de apoio e quando passa a se tornar um peso?

O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO ESPORTIVA

Durante a formação esportiva, a criança e o jovem atleta estão vivenciando um momento crítico dos ciclos do desenvolvimento e os efeitos da experiência esportiva são para vida a toda, sobre a personalidade, o desenvolvimento mental, emocional, comportamental e interpessoal.

A família deve servir de suporte emocional, dar incentivo e dispor dos recursos financeiros disponíveis durante este processo. Um dos motivos psicológicos e sociológicos para o envolvimento no esporte é a agressividade e influência dos outros, que dizem respeito aos pais.

De acordo com De Rose Jr. (1997), os sintomas de stress pré-competitivo mais frequentes em crianças incluem:

- Preocupação com o resultado
- Medo de decepcionar as pessoas e de cometer erros
- Insônia e agitação
- Nervosismo e ansiedade
- Aumento do senso de responsabilidade

Entre esses sintomas, dois se destacam com maior recorrência em nossa prática: o medo de decepcionar os outros e o medo de errar — ambos fortemente associados à relação com as figuras parentais.

A autocobrança excessiva da comissão técnica, da torcida, dos dirigentes, da mídia, dos patrocinadores e mesmo dos próprios pais, pode se tornar insuportável para o esportista, levando-o a pensar ou levar a vias de fato, a desistência da carreira esportiva. Ele percebe que não dá conta da expectativa exagerada sobre o seu rendimento e os resultados obtidos. A situação se torna ainda mais delicada quando ele e/ou sua equipe começam a perder.

Brenner (2007) identificou diversos fatores associados ao *burnout* em atletas jovens, entre os quais se destacam:

- Expectativas elevadas, autoimpostas ou impostas por outros
- Atitude de vencer a qualquer preço
- Pressão exercida pelos pais
- Treinos longos, repetitivos e com pouca variedade
- Práticas de treinamento inconsistentes
- Lesões decorrentes de excesso de treinamento
- Demandas excessivas de tempo e viagens

- Amor e reconhecimento condicionados a vitórias e derrotas
- Perfeccionismo

Dentre esses fatores, observamos que três estão fortemente relacionados à influência parental: as expectativas impostas por outros, a pressão dos pais e o amor condicionado ao desempenho esportivo. Além disso, o stress no ambiente esportivo também se manifesta quando os objetivos estabelecidos são irreais ou inalcançáveis.

A teoria do apoio social descreve como as relações interpessoais oferecem recursos emocionais, informativos e práticos que ajudam o indivíduo a lidar com demandas, desafios e stress, promovendo o bem-estar e a saúde. Os tipos principais de apoio são:

- Apoio emocional – Empatia, escuta, acolhimento, encorajamento
- Apoio instrumental – Ajuda prática ou material (transporte para treinos, compra de equipamentos)
- Apoio informativo – Orientações, conselhos, *feedbacks* construtivos
- Apoio de companhia – Presença física em momentos importantes, participação em eventos
- Apoio de validação – Reforço positivo, reconhecimento de conquistas e esforços.

O apoio social atua como um amortecedor do stress (“efeito *buffering*”), fortalecendo a motivação, a autoconfiança e a resiliência. No esporte, a qualidade e a consistência desse apoio podem influenciar diretamente o desempenho, a permanência e o prazer na prática (Cohen e Wills, 1985)

Constatamos na experiência clínica, que a maioria dos pais fornece o apoio instrumental, informativo, de companhia, mas é insuficiente no apoio emocional e de validação, em especial, quando não atende a expectativa deles quanto ao desempenho e o resultado do jogo.

A alegria e o desafio de ir além motivam muito mais que o medo ou a ansiedade. As expectativas que os pais têm sobre seus filhos tem um grande impacto sobre como eles encaram o que fazem. A esperança na possibilidade do sucesso pode invocar a coragem de não desistir, mesmo diante das dificuldades encontradas. Se uma única pessoa acreditar em alguém, no seu potencial de mudar e crescer, isso pode fazer toda a diferença.

A participação no esporte pode permitir que crianças e jovens experimentem a competição, desenvolvam habilidades sociais, contribuam para o trabalho em equipe, explorem as suas respostas aos erros e gerenciem o sucesso, o fracasso e o feedback dos outros. O esporte tem um potencial incrível de transformar vidas, mas isso só acontece, quando respeitamos a individualidade e as emoções de cada criança e jovem atleta. Sem acolhimento, o que deveria ser um lugar de crescimento, pode virar palco de frustrações, punições e traumas que vão muito além da performance, isso afeta a saúde mental. Sinais sutis de sofrimento emocional podem passar despercebidos, por isso uma comissão técnica consciente e o olhar atento da família, fazem toda a diferença e podem garantir um ambiente seguro em que a performance não custe a saúde mental.

Na jornada de formação do atleta estão incluídas:

- A qualidade da experiência esportiva, que envolve prazer, desafio, apoio, bem-estar mental e emocional
- A negociação da infância, adolescência e formação da identidade que envolve desenvolvimento psicossocial e habilidades para a vida e
- O domínio das demandas esportivas em evolução que diz respeito as habilidades e estratégias focadas no desempenho.

Como veremos a seguir, o Psicólogo que for trabalhar com esta faixa etária, deve usar uma linguagem acessível e estimular comportamentos de que todos são capazes. Se faz importante, nas reuniões educativas com os pais instruí-los neste mesmo sentido.

Segundo Perarnau (2011) o modelo do “La Masia 360” do Futebol Clube do Barcelona, na Espanha, desenvolve ações individualizadas e coordenadas dirigidas ao crescimento esportivo, humano e autoconhecimento. Este trabalho é dividido em três partes:

- Educação Emocional: treinar para a vida, dar ferramentas para desenvolver habilidades emocionais
- DNA Barça: desenvolvimento de valores (respeito, esforço, humildade, trabalho em equipe e ambição) e estilo de jogo

- Rede de Acompanhamento e Apoio Interdisciplinar: 6 pilares: emocional, educativa, tutorial, psicológica, família e todos no entorno do esportista e transição

A geração “Z” (nascidos entre 2001/2010) traz à comunidade esportiva um ponto de interrogação: que produto surgirá dos métodos atuais de ensino e aprendizado?

Pais, treinadores e gestores se deparam com uma infância e adolescência totalmente diferentes das suas: imediatismo absoluto, hiperestimulação, multitarefas e um mundo essencialmente virtual, onde o que não está na Web simplesmente não existe.

Pela primeira vez, adultos vivem em duas realidades: física e digital, enquanto para a geração “Z” só há uma: a virtual. Nesse contexto, os esportes não escapam ao impacto. O fenômeno do “e-sport” impõe aos educadores, pais e mentores o desafio de criar respostas pedagógicas e de liderança que favoreçam, e não prejudiquem, o desenvolvimento integral dos jovens (Barcelona Innovation Hub, 2025).

Na vida e no esporte não basta treinar o corpo, é preciso treinar a mente. Se o atleta não está preparado para perder, não está pronto para jogar! A força mental nasce quando aceitamos a derrota, o erro e a frustração como parte do processo. Hoje, muitos jovens têm menos resiliência porque vivem numa lógica imediatista: querem tudo rápido, fácil e sem incômodo. Mas é no desconforto que crescemos. Aceitar limites, lidar com o erro e enfrentar adversidades é o verdadeiro preparo que nos fortalece.

A pressão em conseguir resultados de forma imediata, contribui para criar um clima altamente exigente e tudo isso ajuda para que nas competições infantis, se observe muito frequentemente, uma excessiva ansiedade por ganhar uma partida ou conseguir uma marca, e haja um aumento dos comportamentos violentos e uma carência cada vez mais notável de comportamento esportivo: o *fair-play* (Becker Jr e Telöken, 2000).

QUANDO O APOIO VIRA PRESSÃO

A psicologia do esporte constitui-se como uma área interdisciplinar que busca compreender e intervir nos fenômenos psicológicos relacionados à prática esportiva e ao desempenho humano (Weinberg e Gould, 2017).

Quando aplicada à infância e à adolescência, ganha especial relevância, uma vez que esses períodos do desenvolvimento envolvem não apenas a aquisição de habilidades motoras e cognitivas, mas também a formação da identidade, das crenças centrais e das competências socioemocionais (Oliveira e Machado, 2011).

Nesse cenário, a psicologia cognitivo comportamental tem se mostrado uma abordagem eficaz na promoção de habilidades psicológicas, manejo de estresse e fortalecimento da autoconfiança de jovens atletas. Intervenções baseadas nesta abordagem, como a reestruturação cognitiva, o treino de habilidades de enfrentamento e a psicoeducação com pais e treinadores, permitem a identificação e modificação de crenças disfuncionais, promovendo maior equilíbrio entre desempenho esportivo e saúde mental (Beck, 2013; Gardner e Moore, 2006).

Ao trabalhar com crianças e adolescentes atletas, é essencial integrar família e instituição esportiva no processo interventivo, considerando que as interações parentais influenciam diretamente na motivação, no prazer pela prática e no modo como o jovem lida com vitórias e derrotas (Knight, Harwood e Gould, 2018).

Entretanto, quando a prática esportiva é marcada por cobranças excessivas, comparações constantes e expectativas irreais, emergem riscos significativos de adoecimento psíquico. A literatura aponta que a especialização esportiva precoce está associada a maior incidência de “*burnout*”, depressão, crises de ansiedade, distúrbios alimentares e até abandono da modalidade (Gustafsson, Kenttä e Hassmén, 2011; Smith, 1986).

O “*burnout*” esportivo, caracterizado por exaustão emocional, desvalorização da prática e sensação de baixa realização, é particularmente frequente em atletas jovens submetidos a pressões intensas (Gustafsson, Madigan e Lundkvist, 2017).

Os pais podem experimentar uma confusão de papéis e acabarem interferindo negativamente, através de três tipos diferentes de funções:

Função como técnico: os pais possuem atitudes semelhantes aos técnicos, “orientando” os filhos da arquibancada, exigindo uma determinada pontuação e atitudes de “homem” entre outras coisas. Estes comportamentos

vão proporcionar indivíduos ansiosos que competem não para o seu próprio benefício, mas para agradar os pais. (De Rose Jr.,1994);

Função como torcedor: os pais vêm a pressionar seus filhos por uma performance e desempenho mais apurada, esquecendo-se de que ali temos uma criança crescida, maturando-se gradativamente, sem condições e estrutura suficiente de responder com precisões emocionais e nem físicas (De Rose Jr., 1997);

Função como atleta invisível: os pais se identificam com os filhos, perdendo a sua própria característica, valorizando a si próprio em função dos resultados que os filhos conseguem obter, exercendo uma grande pressão sobre estes e prejudicando a criança e o desporto (Smith e Smoll, 1991).

Assim, embora a psicologia do esporte, em especial pela via da TCC, ofereça recursos para potencializar o desenvolvimento saudável e a performance de atletas em formação, torna-se igualmente necessário, problematizar os contextos de cobrança excessiva e especialização precoce. Esses fatores, se não mediados adequadamente, podem transformar o esporte que deveria ser fonte de prazer, crescimento e socialização, em um espaço de sofrimento psíquico, vulnerabilidade e risco de afastamento precoce da prática esportiva.

História Clínica e Esportiva: a pressão familiar e a autoagressividade em quadra

Isabele¹, 11 anos, iniciou no tênis aos oito anos e, em pouco tempo, passou a competir em torneios estaduais e nacionais com rotina diária de treinos. Embora apresentasse ótimo desempenho esportivo e escolar, demonstrava baixa autoconfiança, insegurança nas competições e episódios de autoagressividade em quadra, caracterizados por golpes na própria perna após os erros. A dinâmica familiar revelava um pai excessivamente exigente, impondo alto rendimento acadêmico, esportivo e até o domínio precoce do inglês e uma mãe acolhedora, mas submissa e desvalorizada, sem conseguir intervir nas cobranças.

¹ O nome Isabele é fictício e utilizado para relatar o caso, preservando as questões de sigilo prevista no código de ética profissional do psicólogo.

O atendimento psicológico, fundamentado na abordagem cognitivo-comportamental, contemplou a atleta e seus pais. Com o pai, trabalhou-se a conscientização acerca dos impactos da cobrança excessiva sobre a autoconfiança da filha; com a mãe, incentivou-se maior assertividade diante da relação conjugal e parental; e com Isabele, foram aplicadas técnicas de reestruturação cognitiva, fortalecimento da autoconfiança e treino de habilidades de enfrentamento, além de acolhimento terapêutico.

O processo favoreceu a ressignificação do esporte, permitindo que a atleta recuperasse o prazer em jogar, alcançasse títulos importantes e desenvolvesse recursos emocionais que extrapolaram o contexto esportivo. Aos 18 anos, optou por seguir a carreira em Medicina, mantendo o tênis apenas de forma recreativa, mas reconhecendo no esporte aprendizagens fundamentais para lidar com desafios e fortalecer sua identidade pessoal.

Riscos Psíquicos da Especialização Precoce

O caso de Isabele evidencia não apenas a relevância das intervenções psicológicas, especialmente, via psicologia cognitivo-comportamental para fortalecer a autoconfiança e manejar crenças disfuncionais, mas também alerta para os riscos da especialização esportiva precoce quando associada a cobranças excessivas e expectativas irreais.

Um dos autores que mais tem se debruçado sobre esse tema no Brasil é Benno Becker Jr., que discute de forma crítica os efeitos da especialização esportiva precoce. Segundo o autor, quando o esporte perde seu caráter lúdico e passa a ser vivido apenas como obrigação e cobrança, há maior risco de que crianças e adolescentes abandonem a prática, apresentem sintomas de ansiedade, depressão, baixa autoestima e até *burnout* esportivo (Becker Jr. e Teloken, 2000).

Entre os riscos mais recorrentes, o *burnout* esportivo merece destaque. Caracterizado pela exaustão emocional, pela perda do prazer pela prática e pela percepção de baixo rendimento, mesmo frente a bons resultados, esse quadro costuma emergir em atletas jovens submetidos a pressões excessivas (Gustafsson, Kenttä e Hassmén, 2011). No caso de Isabele, os sinais já se mostraram evidentes: comportamentos autoagressivos, diálogo interno negativo e bloqueio emocional durante as competições.

Além do *burnout*, a pressão intensa e a especialização precoce estão relacionadas a transtornos de ansiedade, sintomas depressivos, isolamento social e abandono precoce do esporte (Gustafsson, Madigan, e Lundkvist, 2017; Smith, 1986). Quando a identidade e o valor pessoal do jovem atleta ficam excessivamente atrelados ao desempenho esportivo e à aprovação parental, cria-se um terreno fértil para o sofrimento psíquico.

Portanto, o acompanhamento psicológico em contextos esportivos deve transcender a busca pela performance e voltar-se também à promoção da saúde mental, ao fortalecimento de recursos internos e à mediação das expectativas externas. A psicologia do esporte, sobretudo por meio de intervenções cognitivo-comportamentais, mostra-se fundamental não apenas para prevenir adoecimentos, mas também para preservar o esporte como espaço de prazer, socialização e desenvolvimento humano.

O PAPEL DO PSICÓLOGO DO ESPORTE NA MEDIAÇÃO COM AS FAMÍLIAS

Os pais desempenham um papel fundamental na estrutura do esporte juvenil, constituindo uma presença constante e influente na vida dos jovens atletas. Conforme destacam Harwood e Swain (2015), os pais formam uma parte constante da estrutura do esporte juvenil, o que evidencia a importância de compreender e fortalecer suas competências para garantir um ambiente esportivo saudável.

O papel parental no contexto esportivo exige o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais específicas, que possibilitem aos pais oferecerem apoio eficaz aos seus filhos. Harwood e Swain (2015) ressaltam que é incumbência dos profissionais, clubes responsáveis e federações ajudar a fortalecer as competências e habilidades dos pais de atletas pois tal suporte contribui para uma experiência esportiva positiva e enriquecedora.

Nesse sentido, a atuação do psicólogo do esporte é essencial como mediador entre família e instituição. Na prática profissional do psicólogo, observa-se que ações como reuniões periódicas com os pais, nas quais se busca envolvê-los no projeto da equipe e convidá-los a *jogar junto* com a instituição, são de grande valor. Além disso, atendimentos individuais e orientações direcionadas têm se mostrado ferramentas eficazes para reduzir tensões, alinhar expectativas e fortalecer o papel parental.

Tais práticas reforçam que, em grande parte dos casos, os pais não agem intencionalmente de forma a prejudicar os filhos atletas, mas sim, por ausência de orientação qualificada. Assim, a intervenção do psicólogo contribui para transformar comportamentos espontâneos, muitas vezes inadequados, em posturas mais conscientes e construtivas.

Diante do apresentado anteriormente, é fundamental que os pais recebam educação e apoio direcionados às diversas fases do desenvolvimento esportivo de seus filhos. Segundo Harwood e Swain (2015) a educação e o suporte específicos para cada estágio, por meio de atendimentos individuais, oficinas, recursos online e reuniões regulares, ajudarão os pais a adquirirem mais compreensão, confiança e expertise em seus papéis. Essa abordagem possibilita que as famílias se tornem mais preparadas para lidar com os desafios inerentes à trajetória esportiva dos jovens.

Também é essencial promover a melhoria das relações interpessoais entre pais, treinadores e demais membros da rede social do atleta. Harwood e Swain (2015) apontam que trabalhar com treinadores no gerenciamento das relações com os pais, assim como com os próprios pais na gestão de suas relações sociais, deve servir para melhorar as habilidades interpessoais entre os principais integrantes da rede social do atleta, o que favorece um ambiente colaborativo e saudável para o desenvolvimento esportivo.

A influência dos pais na formação esportiva dos filhos é um aspecto crucial no desenvolvimento atlético, que pode determinar tanto a continuidade da prática quanto o sucesso esportivo em diferentes níveis. Harwood e Swain (2015) enfatizam que os pais formam uma parte constante da estrutura do esporte juvenil, o que evidencia a presença perene e decisiva das famílias na trajetória esportiva das crianças e adolescentes.

Na perspectiva do Modelo de Desenvolvimento da Participação no Esporte (DMSP), proposto por Côté et al (2009), a trajetória do jovem atleta passa por fases de amostragem, especialização e investimento. Durante essas fases, a interferência e o suporte familiar devem ser adaptados, promovendo uma transição saudável entre a prática recreativa e a performance competitiva.

CONCLUSÃO

A presença dos pais na trajetória esportiva de crianças e adolescentes pode ser fonte de apoio inestimável ou de pressões que comprometem o prazer e a saúde mental no esporte. Ao longo do capítulo, discutimos como a família pode atuar como rede de suporte emocional, instrumental e motivacional, mas também como agente de cobrança excessiva, contribuindo para experiências de ansiedade, *burnout* e até abandono precoce da prática esportiva.

Os exemplos apresentados revelam que não se trata de classificar os pais como “heróis” ou “vilões”, mas de compreender que sua influência é complexa e decisiva. Nesse sentido, o papel do psicólogo do esporte torna-se central: mediar relações, orientar famílias, alinhar expectativas e oferecer ferramentas que favoreçam um ambiente mais saudável para o desenvolvimento integral dos jovens atletas.

Ao investir na educação parental e no fortalecimento das competências socioemocionais, cria-se uma rede que ultrapassa os limites do campo esportivo e contribui para a formação de cidadãos mais resilientes, conscientes e equilibrados. O esporte, quando vivenciado de maneira positiva, permanece como espaço privilegiado de crescimento humano e os pais, bem orientados, podem ser protagonistas nessa jornada de apoio e não de pressão.

Dentre os comportamentos parentais que podem favorecer o desenvolvimento saudável, dos atletas em formação, destacamos:

- Estímulo à autonomia: deixar a criança/jovem tomar pequenas decisões
- Valorização do esforço, e não só do resultado
- Apoio emocional tanto nas vitórias, como nas derrotas
- Respeito ao trabalho da equipe técnica
- Dar apoio emocional, incentivo e exemplo
- Ser uma presença saudável e ter uma escuta ativa
- Oferecer estímulo à disciplina e ao compromisso sem cobranças exageradas

Mais do que criar campeões, os pais têm o poder de formar seres humanos confiantes, saudáveis e apaixonados pelo que fazem. E isso, por si só, já é uma grande vitória! Muitas vezes, ao focarmos tanto em resultados, esquecemos que a verdadeira motivação vem de um ambiente saudável, onde

o aprendizado e o crescimento são priorizados, no qual a preocupação deveria ser menos com vencer e mais com o prazer e a paixão de realizar! Lembrem-se: os pais como líderes tem o poder de ajudar seus filhos a se tornarem quem realmente podem ser. Como Goethe nos ensina: “Trate as pessoas como se fossem quem devem ser e ajude-as a se tornarem aquilo que são capazes de ser!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELONA INNOVATION HUB. **Barça Universitat: plataforma de formação digital**. Disponível em: <https://elearning.barcainnovationhub.com>. Acesso em: 5 set. 2025.

BECKER Jr, B. & TELÖKEN, E. **Manual de Psicologia do esporte e Exercício**. Porto Alegre: Nova Prata, 2000.

BECK, J. S. **Terapia Cognitivo-Comportamental: teoria e prática**. Artmed, Porto Alegre, 2013.

BRENNER, J. S. Overuse injuries, overtraining, and burnout in child and adolescent athletes. **Pediatrics**, vol. 119, no. 6, p. 1242–1245, 2007.

COHEN, S.; WILLS, T. A. Stress, social support, and the buffering hypothesis. **Psychological Bulletin**, v. 98, n. 2, p. 310-357, 1985.

CÔTÉ, J.; LORTIE, G.; TRUDEL, P.; BERNIER, M.; RUSHER, D. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395–417, 2009.

DE ROSE JR., D. A competição na infância e adolescência. **Revista Metropolitana de Ciências do Movimento Humano**, São Paulo, n.5, p.6-12, 1994.

DE ROSE JR., D. Sintomas de stress no esporte infanto-juvenil. **Treinamento Desportivo**, v.3, n.2, p. 12-20, 1997.

FPF. **Por mau comportamento dos adultos, crianças do Paulista Sub-11 e Sub-12 jogarão com portões fechados**. Federação Paulista de Futebol, 29 ago.2025. Disponível em: <https://futebolpaulista.com.br/Noticias/Detalhe.aspx?Noticia=29974>. Acesso em: 08 set. 2025.

GARDNER, F.L.; MOORE, Z.E. **Clinical Sport Psychology**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2006.

GUSTAFSSON, H.; KENTTÄ, G.; HASSMÉN, P. Athlete burnout: An integrated model and future research directions. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v.4, n.1, p.3-24, 2011.

GUSTAFSSON, H.; MADIGAN, D. J.; LUNDKVIST, E. Burnout in athletes: A systematic review and critique. **Sport and Exercise Psychology Review**, v.13, n.2, p. 36–47, 2017.

- HARWOOD, C. G.; SWAIN, A. B. J. Expertise in sport parenting: implications for practitioners and organizations. ***Journal of Sport Psychology in Action***, v. 6, n. 3, p. 143–155, 2015.
- KNIGHT, C. J., HARWOOD, C. G.; GOULD, D. Parenting in sport. ***Current Opinion in Psychology***, n.16, p.93–97, 2018.
- MACHADO, A. A.; DE ROSE JR. D. **Psicologia do Esporte: temas emergentes**. Jundiaí: Ápice, 1997.
- OLIVEIRA, M. S.; MACHADO, A. A. Psicologia do esporte aplicada à infância e adolescência: perspectivas de intervenção. ***Revista Brasileira de Psicologia do Esporte***, v.1, n.2, p.56-67, 2011.
- PERARNAU, M. **Senda de campeones: de la Masia al Camp Nou**. Barcelona: Salsa Books, 2011.
- SMITH, R. E. Toward a cognitive-affective model of athletic burnout. ***Journal of Sport Psychology***, v.8, n.1, p.36–50, 1986.
- SMITH, R. E.; SMOLL, F. L. Behavioral research and intervention in youth sports. ***Behavior Therapy***, v. 22, n. 3, p. 329–344, 1991.
- WEINBERG, R. S., GOULD, D. **Foundations of Sport and Exercise Psychology** (7th ed.). Human Kinetics, 2017.

OS PAIS COMO COMPONENTES DA AÇÃO PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Dante De Rose Junior

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes depende de condições que envolvem diferentes fatores. Essas condições representam as ações pedagógicas que, segundo De Rose Jr. (2021), são representadas pelos cenários, tarefas e personagens.

Os cenários são representados pelos diferentes ambientes nos quais a prática das atividades é desenvolvida, as tarefas são os conteúdos e estratégias utilizadas e os personagens são todos aqueles que atuam no processo de desenvolvimento da criança e do jovem no esporte com destaque para os profissionais e familiares.

Os personagens são os jovens, profissionais (técnicos e professores) e pais. Em relação aos personagens, estudos desenvolvidos por diferentes autores afirmam que os familiares, principalmente os pais, e os profissionais têm grande influência no desenvolvimento esportivo dos jovens em função de suas ações (positivas e negativas).

O comportamento dos pais e familiares pode ser um fator importante para que esses jovens iniciem e permaneçam em programas esportivos ao longo de suas vidas. Segundo Coutinho, Mesquita e Fonseca (2018), a família, em particular os pais, têm uma importância muito grande como os primeiros agentes de socialização, bem como desempenham um papel importante no desenvolvimento esportivo das crianças e adolescentes. As expectativas criadas por resultados e pelo futuro esportivo dos filhos podem ter consequências importantes, dependendo de como os pais projetam a vida esportiva de seus filhos.

Este tema tem alcançado uma repercussão cada vez maior, na medida em que determinadas atitudes (principalmente as negativas) têm gerado polêmicas e atitudes drásticas como a da Federação Paulista de Futebol (2025) e outras federações nacionais em realizar jogos de categorias de base com portões fechados devido à participação inadequada de pais que hostilizam árbitros, treinadores e até mesmos as crianças que estão participando dos jogos.

No entanto, o lado positivo também aflora quando atletas em diferentes níveis de desenvolvimento declaram que o apoio familiar foi e é fundamental para seu sucesso no esporte.

Para entender essas controvérsias e as consequências dos comportamentos de pais e familiares, este capítulo tem como objetivo discutir a importância desses personagens como um dos componentes da ação pedagógica no desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes.

OS COMPONENTES DA AÇÃO PEDAGÓGICA

“A ação pedagógica é o conjunto de fatores que leva ao objetivo da prática. Para que ela seja realizada com sucesso é necessário que haja um planejamento bem elaborado com a clara definição dos objetivos pretendidos.” (De Rose Jr., 2021, pg.35).

A ação pedagógica deve basear-se em princípios fundamentados em conhecimentos sólido e experiências consolidadas que segundo Dellors (2010) podem ser resumidos em quatro pilares da educação:

- **Aprender a conhecer:** refere-se ao conhecimento que o aprendiz possui da atividade à qual ele será submetido
- **Aprender a fazer:** refere-se à execução de qualquer ação que possa levar a atingir os objetivos determinados seja no âmbito esportivo ou na vida cotidiana
- **Aprender a conviver:** refere-se aos relacionamentos com os outros, respeito às regras, definição de responsabilidades, direitos e deveres e atuação ética
- **Aprender a ser:** refere-se ao autoconhecimento, posicionamento e atualização frente a situações que ocorram na vida cotidiana

De acordo com De Rose Jr. (2021) a ação pedagógica tem cinco componentes que fazem parte de um conjunto baseados em fundamentação teórica adequada, experiências adquiridas e comportamentos voltados para o desenvolvimento adequado dos aprendizes.

Esses componentes são: praticante (criança/adolescente), a tarefa, o ambiente, o profissional (professor ou técnico) e os pais.

Criança/adolescente

São os principais atores do processo ensino/aprendizagem. São eles os protagonistas e é para eles que todos os envolvidos neste processo devem trabalhar para garantir um desenvolvimento adequado e dentro dos seus limites físicos, cognitivos, psicológicos e sociais.

A prática esportiva infanto juvenil é um universo muito diferente daquele que é praticado pelos adultos. A criança/jovem ainda está em uma fase da aprendizagem esportiva que necessita de uma atenção e intervenção muito específica pois qualquer forma de trabalho não adequada às necessidades deste público pode gerar consequências que afetarão de maneira indelével sua carreira esportiva.

Segundo Barbanti (2005) os benefícios da participação das crianças no esporte são muitos. No entanto, os cuidados para que o processo de desenvolvimento esportivo de uma criança é maior ainda. As crianças devem ter a oportunidade de experimentar diversos esportes para embasar sua escolha. Não se deve valorizar mais o resultado do que as ações executadas durante esse processo. Os treinamentos não devem extrapolar a capacidade de execução desses jovens em crescimento.

Assim sendo, os demais componentes desta ação pedagógica terão que ser analisados e estudados com muita atenção para que a carreira esportiva das crianças/jovens transcorra em um clima tranquilo e prazeroso mesmo que os praticantes não atinjam um nível de excelência para se tornarem atletas de alto rendimento. Barbanti (2005, p4) afirma que “toda criança tem o direito de não ser campeã”.

É muito importante que nesta fase do processo de desenvolvimento esportivo a criança/jovem tenham prazer e gostem do que estão fazendo e vivenciando para que se tornem cidadão apreciadores do esporte em suas diferentes possibilidades: atletas, dirigentes, árbitros, técnicos (entre tantas profissões ligadas ao esporte) ou simplesmente um praticante do esporte em sua forma mais lúdica.

Tarefa

A tarefa refere-se a estrutura das atividades, os conteúdos, métodos e estratégias, envolvimento dos praticantes, objetivos pessoais e da instituição. O oferecimento de uma prática em situações de variabilidade e desafios para motivar o praticante e estimular sua capacidade de realização (Korsakas, 2009).

Segundo De Rose Jr. (2021), o desenvolvimento adequado das tarefas no âmbito esportivo deve responder a cinco perguntas:

- **Quem vai aprender?** Importante conhecer as características dos envolvidos no processo ensino/aprendizagem. Sua estrutura familiar, seu envolvimento social, sua escolaridade e, evidentemente, suas características físicas, psicológicas e maturacionais
- **Para que aprender?** Destacar o significado da tarefa. Como ela será aplicada em um contexto de jogo, por exemplo. Definição real de objetivos a serem alcançados, levando-se em consideração as características do praticante e/ou do grupo
- **O que será aprendido?** Refere-se aos conteúdos a serem desenvolvidos durante o processo. Deve ser levado em consideração as características abordadas nas duas questões anteriores
- **Como ensinar?** São os métodos e estratégias a serem utilizados no decorrer do processo ensino/aprendizagem. Depende de fatores como os objetivos definidos, a estrutura e materiais disponíveis, tempo para o desenvolvimento das atividades, participação em competições
- **Quem vai ensinar?** São os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem

Profissionais

São os professores/técnicos que serão os responsáveis pelo desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem e que, segundo a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO (1978), devem ter a formação e as qualificações adequadas para atender às expectativas dos praticantes e respeitar seu nível de desenvolvimento.

De Rose Jr. (2021) destaca que este profissional deve ter um conhecimento amplo da situação na qual irá atuar. Esse conhecimento deve contemplar:

- O conhecimento do aluno/atleta em suas variadas características (físicas, biológicas, maturacionais, cognitivas, psicológicas e sociais)
- O conhecimento da história e da cultura do contexto em que irá atuar
- O conhecimento do esporte ou da atividade que desenvolverá: sua história, evolução, personagens
- O conhecimento das possibilidades pedagógicas da atividade em que atuará

É importante que o profissional saiba dialogar, agir de forma criativa, ser um agente mediador e exercer autoridade sem ser autoritário.

Ambiente

É todo o cenário que envolve o processo de ensino/aprendizagem. Este cenário não se restringe ao ambiente da prática esportiva. Ele também diz respeito ao cenário social, cultural e familiar no qual a criança/adolescente está inserida. Deve-se também considerar o “ambiente humano” que é representado por todas as pessoas que atuam no processo ensino/aprendizagem, especialmente os pais que serão abordados de forma mais específicas neste capítulo.

PAIS E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA ESPORTIVA DE CRIANÇA E JOVENS

Este é o componente da ação pedagógica que será destacada neste item do capítulo.

Os pais são figuras importantes no processo ensino/aprendizagem das crianças e jovens. Suas atitudes e comportamentos terão enorme influência em suas vidas esportivas. Os pais são categorizados como “pessoas significativas” no processo de desenvolvimento esportivo de seus filhos tanto como suporte familiar à participação esportiva da criança, quanto por terem sido modelos para a escolha de uma determinada modalidade esportiva (De Rose Jr. et al., 2001).

A atenção ao melhor entendimento da atuação e identificação do papel dos pais na participação de crianças e jovens em atividades físicas e esportivas. Esse interesse decorre da divulgação de efeitos colaterais negativos no processo de desenvolvimento dessas crianças também em função do

comportamento dos pais, principalmente em competições. (Weinberg e Gould, 2018).

Segundo os mesmos autores os pais podem desempenhar papel positivo ou negativo na vida esportiva das crianças e jovens. É importante que se detecte quais as atitudes que impactam positivamente no processo de desenvolvimento esportivo de uma criança ou jovem e reforçar essas atitudes, bem como, identificar as ações negativas e tentar minimizá-las ou até mesmo eliminá-las.

Segundo Weinberg e Gould (2018) o “feedback” dos pais é fundamental nas fases iniciais da carreira esportiva dos filhos. À medida que eles se desenvolvem esportivamente, o “feedback” mais significativo é dos técnicos e dos pares. Coutinho, Mesquita e Fonseca (2018) em trabalho de revisão sistemática de literatura sobre o tema apontam que a maioria dos estudos mostram que os pais desempenham papel importante no início da carreira como agentes de socialização e no decorrer de seu desenvolvimento esportivo pelo apoio e incentivo dado aos praticantes.

No entanto existem pais e técnicos ignoram as fases de desenvolvimento das crianças e acreditam que a obtenção de resultados imediatos seja mais importante que o seu processo de desenvolvimento. Muitos desses pais, inclusive, mascaram o sentimento dos filhos negando qualquer possibilidade de situações de stress nas competições (De Rose Jr., 2010).

Outro fator importante que pode impactar na carreira esportiva de uma criança/jovem é o alinhamento dos objetivos de cada uma das partes envolvidas no processo: atleta, técnicos e familiares. Quando não acontece esse alinhamento há um risco muito grande de gerar desmotivação pela prática esportiva e causar até mesmo o abandono (Barros e De Rose Jr., 2010).

Uma das formas de tentar melhorar esta relação dos pais com o desempenho esportivo de seus filhos é a educação através da comunicação entre as partes envolvidas, no caso os técnicos, pais e a instituição.

Alguns estudos* realizados em diferentes modalidades esportivas (atletismo, basquetebol, futsal, futebol, handebol, ginástica artística, ginástica rítmica, natação e tênis) e variadas idades (dos 8 aos 16 anos) mostram que possíveis atitudes dos pais durante o processo de desenvolvimento esportivo de seus filhos. Essas atitudes podem tanto ser danosas quanto positivas. Algumas delas são relacionadas a seguir:

Atitudes danosas

- Ênfase ao desempenho perfeito e à vitória a qualquer custo
- Cobranças exageradas que extrapolam a capacidade do atleta
- Imposição pela prática em uma determinada modalidade esportiva
- Comportamentos inadequados nos treinamentos e competições
- Falta de apoio
- Indiferença quanto à vida esportiva do filho
- Interferência no trabalho dos técnicos
- Objetivos voltados ao resultado ou à vitória a qualquer custo

Essas atitudes podem levar os atletas a demonstrarem sua superioridade em relação aos demais atletas, treinando e competindo mesmo lesionados, buscando recompensas e “feedback” externos, bem como ao desinteresse por determinada modalidade esportiva ou até mesmo o abandono.

Atitudes positivas

- Apoio moral e financeiro
- Respeito à escolha dos filhos por uma determinada modalidade esportiva
- Contribuição para um clima motivacional positivo
- Comportamento sereno em treinos e competições
- Respeito aos profissionais envolvidos no processo de desenvolvimento esportivo dos filhos
- Objetivos voltados ao processo de desenvolvimento esportivo dos jovens

As atitudes positivas reforçam a permanência dos filhos no esporte e um melhor desempenho, bem como melhoram o clima motivacional e a relação dos pais com os atletas, técnicos e demais personagens participantes do processo.

*Simões, Bohme e Lucato, 1999; De Rose Jr. et al., 2000; De Rose Jr. et al., 2001; Barros e De Rose Jr., 2010; Nunomura e Oliveira, 2014; Fonseca e Stela, 2015; Vasconcelos e Gomes, 2015; Almeida e Souza, 2016; Coutinho, Mesquita e Fonseca, 2018; Nakashima et al, 2018; Costa et al., 2021.

Tipos de pais

De Rose Jr. (2021) sugere que há três tipos de pais:

- **Participativo e incentivador:** tem atitudes positivas sempre com palavras de incentivo; respeita as pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento esportivo de seu filho; comporta-se de forma serena em competições

- **Inconveniente:** cobra da criança aquilo que ela ainda não está pronta a entregar; expõe a criança a situações constrangedoras; interfere nas decisões do técnico; ofende técnicos, árbitros e outros personagens presentes em uma competição; quer que a criança compense suas frustrações esportivas ou que repita seus feitos como atleta
- **Ausente:** não se preocupa com a vida esportiva do filho; não se interessa por sua evolução; nunca tem uma palavra de conforto mediante situações que colocam a criança em uma posição constrangedora

Para que os pais tenham uma participação positiva na vida esportiva, De Rose Jr. (2021) sugere algumas atitudes:

- Seja presente. Acompanhe seu filho nas atividades
- Mostre interesse
- Não faça comparação com outras crianças. Seu filho é único
- Entenda que seu filho está em desenvolvimento. Nem sempre ele entregará o que você acha que ele deva entregar
- Reconheça o esforço de seu filho em fazer o melhor
- Respeite o profissional que está tentando ajudar no desenvolvimento esportivo de seu filho
- Respeite as demais crianças participantes da competição
- Respeite os árbitros
- Entenda que seu filho não é um adulto em miniatura
- Entenda que seu filho não pode compensar suas frustrações ou repetir seus feitos como atleta
- Torça com moderação
- Dê ao seu filho a oportunidade de vivenciar diferentes atividades esportivas. Permita que ele faça suas escolhas esportivas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão envolvendo a participação dos pais na vida esportiva de seus filhos é sempre muito acalorada e importante. É fundamental que cada vez mais o assunto seja aprofundado para que esta relação se torne positiva e contribua de forma assertiva no desenvolvimento das crianças e jovens.

Os estudos apresentados e a realidade mostram as controvérsias do tema. Ao mesmo tempo que os pais dão suporte à vida esportiva do filho, através de financiamento, apoio logístico, apoio moral e motivacional eles também podem ser agentes de atitudes negativas como a não participação na vida esportiva dos filhos, exagero nas cobranças, críticas exacerbadas e comportamentos inadequados nas competições.

Todos esses fatores nos levam a uma reflexão de como esse quadro poderia ser mais adequado ao desenvolvimento esportivo das crianças e adolescentes.

Um trabalho coordenado entre os responsáveis pelas atividades esportivas (técnicos, dirigentes, árbitros) e pais e familiares seria importante para que o ambiente ficasse cada vez mais favorável ao desenvolvimento desses jovens.

Reuniões periódicas abordando os objetivos dos programas esportivos, seus conteúdos e as perspectivas são recomendados para amenizar o impacto negativo das atitudes de pais e familiares no processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes. A troca de experiências positivas entre essas personagens pode resultar em comportamentos positivos e a melhora do ambiente humano.

De qualquer forma o tema é empolgante e merece uma atenção maior dos estudiosos e de todos aqueles que fazem parte do mundo esportivo de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.H.; SOUZA, R.F. A influência dos pais no envolvimento da criança com o esporte durante a iniciação esportiva no futebol em uma escolinha de Campo Bom – MS. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.8, n.30, p. 256-268, 2016.

BARBANTI, V.J. **Formação de sportistas**. Barueri: Manole, 2005.

BARROS, J.C.T.S.; DE ROSE Jr., D. Relação entre objetivos e conflitos psicológico e suas influências no desempenho de uma nadadora. **Psicologia: teoria e prática**, v.12 n.2, p.217-232, 2010.

COSTA, A. R.; LOPES, M.J.A.; DIAS, A.P.S.; CARDOZO, P.L. A influência parental de jovens atletas de ginástica artística. **Retos**, v.41, 3º trimestre, p. 804-811, 2021.

COUTINHO, P.; MESQUITA, I.; FONSECA, A. M. Influência parental na participação desportiva do atleta: uma revisão sistemática de literatura. *Revista de Psicologia del Deporte/Journal of Sport Psychology*, v. 27, n. 2, p. 47-58, 2018

DE ROSE JR., D. Sintomas de stress no esporte infanto-juvenil. **Treinamento Desportivo**, v.3, n.2, p.12-20, 2010.

DE ROSE JR., D. **Basquetebol: componentes da ação pedagógica**. São Paulo: Edições EACH, 2021.

DE ROSE JR., D.; KORSAKAS, P.; VASCONCELOS, B.L.C; CAMPOS, R.R. Síntomas de estrés em jovens deportistas brasileños. **Revista de Psicologia del Deporte**, v.9, n.1, p. 143-157, 2000.

DE ROSE JR., D.; CAMPOS, R.R.; TRIBST, M. Motivos que llevan a la práctica del baloncesto: um estudio com jovens brasileños. **Revista de Psicologia del Deporte**, v.10, n.2, p. 293,304, 2001

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO sobre a educação do século XXI. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Acesso em 10/11/2025

FONSECA, G.M.; STELA, E. S. Família e esporte: a influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Revista Knesis**,v.33. n.2, p. 41-60, 2015.

FPF. Por mau comportamento dos adultos, crianças do Paulista Sub-11 e Sub-12 jogarão com portões fechados. **Federação Paulista de Futebol**, 29 ago.2025. Disponível em: <https://futebolpaulista.com.br/Noticias/Detalhe.aspx?Noticia=29974>. Acesso em: 08 set. 2025.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In DE ROSE JR., Dante, **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**, 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED, cap. 4, 2009.

NAKASHIMA, F.S.; NASCIMENTO JR., J.R.A.; VISSOCI, J.R.N.; VIEIRA, L.F. Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.40, n.2, p. 184-196, 2018.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e do Esporte**: 21 de novembro de 1978. Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216489_por. Acesso em 25/out/2025.

VASCONCELOS, S.; GOMES, A.R. Comportamentos parentais, orientação motivacional e objetivos esportivos: um estudo com jovens atletas. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y del Deporte**, v.10, n.2, p.215-223, 2015.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Foundations of Sport and Exercise Psychology** (6th ed.). Human Kinetics, 2017.

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS: UM CAMINHO QUE TAMBÉM DEVE SER TRILHADO PELOS PAIS

**Michele Alves Ferreira Barbosa
Sarith Anischa**

INTRODUÇÃO

O esporte, mais do que uma prática física, é um espaço potente de desenvolvimento emocional e social para crianças e adolescentes. No entanto, para que esse potencial seja plenamente aproveitado, é essencial observar o papel dos adultos envolvidos — especialmente os pais. Muitas vezes, a atenção se volta ao comportamento dos atletas mirins ou à conduta dos treinadores, mas pouco se fala sobre o impacto das atitudes parentais nesse processo.

É indiscutível a importância dos pais e responsáveis no contexto esportivo. O envolvimento dos pais nesse ambiente é uma variável que influencia diretamente no desenvolvimento do atleta mirim como um todo, seja ele fora ou dentro do esporte. Contudo, o que se encontra na literatura e em observações cotidianas nesses ambientes são que os comportamentos desses responsáveis nem sempre influenciam de forma positiva na aprendizagem e no desenvolvimento (Lopes et al., 2024).

No processo de desenvolvimento infantil uma das maiores e mais eficazes formas de aprendizagem ocorre por meio da modelagem. Nesse processo as crianças e adolescentes internalizam comportamentos, crenças e estratégias emocionais observando e imitando modelos significativos (Bandura, 1977). Em outras palavras, os filhos(as) aprendem principalmente através de exemplos e comportamentos demonstrados por alguém de confiança, como os pais.

Assim, mais do que instruções verbais, o modo como pais e cuidadores enfrentam desafios e regulam suas próprias emoções, se torna a principal referência para a formação de padrões de comportamento e para a maneira como os jovens aprenderão a enfrentar seus próprios obstáculos. Desse modo, é fundamental o entendimento dos pais sobre suas próprias habilidades emocionais.

O ser humano é composto por dimensões cognitivas, sociais e emocionais, que se entrelaçam em sua trajetória de vida. Nesse sentido, as habilidades emocionais ocupam papel central, pois envolvem a capacidade de

reconhecer, compreender, expressar e regular sentimentos, possibilitando relações mais equilibradas e saudáveis (Goleman, 2012).

O reconhecimento das próprias emoções, sua nomeação e a identificação dos comportamentos decorrentes desses sentimentos constituem o início de um processo significativo de autoconhecimento. Esse processo permite que a pessoa lide com as situações através de uma perspectiva diferente e esteja mais consciente de suas ações e das possíveis consequências decorrentes destas, tanto em relação a si mesmo quanto aos outros.

A regulação emocional envolve mais do que o simples conhecimento das emoções. É fundamental considerar que, tão relevante quanto o que se sente, é como se age diante das situações, sendo as atitudes e comportamentos os elementos mais observáveis e influentes para os demais. Por exemplo, um responsável que enfrenta uma situação estressante de maneira segura, respeitosa e confiante transmite à criança um estado emocional positivo e de autoconfiança, por meio do tom de voz, gestos e contato físico (Bisquerra Alzina, 2003).

O desenvolvimento das habilidades emocionais, permite ao sujeito vivenciar as experiências cotidianas de forma mais saudável. Assim, além de experienciar as emoções positivas, é possível aprender a sentir e regular adequadamente as emoções negativas. Para Bisquerra Alzina (2011), ter conhecimento e um pouco de domínio sobre essas habilidades contribui para a construção de competências pessoais básicas, essenciais para lidar de forma saudável com problemas do cotidiano, como situações de estresse e tomadas de decisão, além de permitir a formação de relações sociais mais equilibradas e construtivas.

Sendo assim, o presente capítulo visa promover aos pais e responsáveis um conhecimento acerca das suas próprias habilidades socioemocionais. Assim, como contribuir com dicas e autorreflexões sobre como desenvolvê-las e o impacto delas na relação e desenvolvimento do próprio filho(a).

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Segundo Casel (2020), a aprendizagem das habilidades socioemocionais, suas nomenclaturas e descrições a respeito de cada uma, são pautas de diversos estudos e pesquisas. Em termos gerais essa aprendizagem, que não é

inata, está bastante ligada com o modo como cada indivíduo adquire e utiliza conhecimentos e habilidades com o intuito de criar e manter ambientes e relações saudáveis, éticas e empáticas.

Para melhor compreender essas habilidades socioemocionais e facilitar uma possível autorreflexão a respeito delas, é importante reduzir e nomear essas competências. Por isso, tendo como referência os estudos da organização Casel (*Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning*), é possível agrupar essas habilidades em cinco principais competências: autoconhecimento, autorregulação, consciência social (empatia), habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável (Casel, 2020).

Autoconhecimento

O autoconhecimento diz respeito à capacidade do sujeito em perceber e compreender as próprias emoções, pensamentos e valores, e a partir disso estar consciente de como estes afetam o próprio comportamento em diferentes situações (Instituto Vila Educação, 2021).

Ter autoconhecimento é conseguir analisar e nomear as próprias características, seus pontos fortes e limitações, com um senso de confiança, compreendendo que todas essas características são partes importantes de si. Ao utilizar do autoconhecimento, o indivíduo percebe que assim como qualidades que potencializam e auxiliam nos objetivos individuais, ele também possui limitações, medos, desejos e crenças que podem influenciar de diversas maneiras como o adulto se relaciona com si, com o mundo e com o outro (Weissberg et al., 2015).

Refletir e desenvolver um autoconhecimento dá ao adulto a capacidade de reconhecer o impacto que suas ações podem ter no outro. E principalmente de entender melhor a causa das emoções e comportamentos que foram ou podem ser realizados. Por exemplo, quando um pai identifica que está se sentindo ansioso antes de uma competição, e percebe que esse sentimento vem da vontade dele de ver o filho “acertar”, ele já está exercitando essa habilidade de se autoconhecer.

Ter autoconhecimento e ter consciência de si, permite aos pais separarem e identificar o que são desejos, medos e crenças próprias e o que são do filho. Pais autoconscientes conseguem separar suas próprias expectativas das

necessidades reais da criança. Assim, evitam transferir frustrações, cobranças ou desejos próprios não realizados para o desempenho esportivo dos filhos.

O autoconhecimento também vai ser crucial para a compreensão de que todos possuem suas limitações. Isso quer dizer que todos vão cometer erros, inclusive os pais. Errar, assumir o erro e aprender com ele é um processo de extrema importância para o autoconhecimento. Ao fazer isso, e mostrar ao filho que reconhece o erro e busca aprender com ele, os pais mostram que errar faz parte do processo e estimulam os filhos a terem mais resiliência e autoconfiança.

Por isso, o processo de autoconhecimento deve ser um processo constante e consciente. Uma vez que, permite aos pais o aprimoramento de diversas habilidades e competências, iniciando através de pequenas reflexões como: “Quais são minhas qualidades e meus defeitos?” “Quais situações me deixam mais ansioso?” “Essa raiva que sinto é por causa do desempenho do meu filho ou por que estou me sentindo frustrado por alguma expectativa que eu criei?”

Exemplo prático no esporte

Uma mãe que, mesmo reconhecendo as habilidades e aptidões físicas da filha para determinada modalidade, através do autoconhecimento percebe que o desejo de aumentar o tempo de treinamento e iniciar no nível competitivo é um desejo pessoal, de um sonho próprio e não uma vontade da filha. Assim, ao reconhecer isso, a mãe diminui as expectativas sobre o futuro da criança e permite que a filha desenvolva mais autonomia e autoconhecimento sobre o que gosta ou não. Facilitando inclusive que a filha escolha fazer algo em que vai realmente se dedicar e ter motivação para melhorar.

Autorregulação

De acordo com Weissberg et al. (2015), a autorregulação se caracteriza pela capacidade de gerenciar as próprias emoções, pensamentos e comportamentos de forma eficaz. É a habilidade de alterar reações emocionais, controlar impulsos, persistir através de dificuldades e regular o estresse em diferentes situações para atingir um objetivo.

O domínio da habilidade de autorregulação emocional permite que o sujeito aprenda, além de identificar as emoções, a compreendê-las como um todo. Isto é, será possível entender quais comportamentos são adequados para

a situação, quais são prejudiciais e o que preciso mudar ou começar a fazer para lidar de forma equilibrada e eficiente para o contexto.

O desenvolvimento dessa habilidade permite uma melhor identificação e utilização de estratégias para lidar com o estresse ou problema. Através da autorregulação, apesar de situações estressoras, o adulto consegue utilizar da autodisciplina, automotivação e de atitudes positivas, para agir da melhor maneira. Não é a habilidade de não sentir medo, ansiedade, raiva ou tristeza, mas a capacidade de agir e controlar os comportamentos, apesar dessas emoções (Instituto Vila Educação, 2021).

A aprendizagem da autorregulação acontece de forma similar e conjunta com o autoconhecimento. É necessário, além da prática, uma autorreflexão com algumas perguntas como: “Quais são os meus comportamentos quando estou com raiva?” “O que me deixa mais ansioso e como eu lido com isso?” “O que posso mudar nas minhas atitudes para lidar de maneira mais saudável com a situação?”

Exemplo prático no esporte

Um pai, mesmo diante de uma decisão questionável da arbitragem, respira fundo e escolhe não reagir impulsivamente na arquibancada. Alterando o comportamento de xingamento e reclamações, para um de controle ou também de motivação e apoio ao próprio filho. Através dessa atitude, o cuidador ensina, pelo exemplo, como lidar com frustrações e situações injustas, algo essencial não só no esporte, mas na vida.

Consciência social

A consciência social é também uma habilidade fundamental, embora pouco reconhecida sob essa denominação, é comumente conhecida como o conceito de empatia. De toda forma, é a capacidade de buscar compreender a perspectiva do outro, compreendendo seus sentimentos e respondendo com compaixão. Levando em consideração a sua história de vida, fatores socioeconômicos e culturais (Weissberg et al., 2015).

A empatia é tentar se colocar no lugar do outro, sem julgamento. É compreender que cada pessoa é diferente, sendo assim sente e expressa emoções de uma forma diferente. É estar ciente de que os adultos, crianças, famílias e comunidades possuem suas dificuldades e limitações de recursos. Que os lugares possuem diferentes normas sociais de conduta e que é

necessário reconhecer essas diferenças para compreender um pouco como agir (Instituto Vila Educação, 2021).

No contexto esportivo, a empatia se faz necessária em todos os momentos. Com essa habilidade é possível deixar de lado o que as emoções e crenças individuais estão falando, para buscar entender um pouco o que está acontecendo com a criança. Ao ser empático o adulto busca entender, sem pré-julgamentos, o que está acontecendo. Ou seja, ele não coloca a própria opinião ou emoções sobre a situação, mas escuta e observa o que está acontecendo, respeitando a opinião e os sentimentos do outro.

Ao se desenvolver empatia, os pais conseguem construir ambientes de acolhimento e relações mais saudáveis, de confiança e seguras, estimulando no filho o desenvolvimento de habilidades como, autoestima e autoconfiança. Para isso é importante que haja comunicação com a criança, com perguntas como: “O que você está sentindo?” “Do que você precisa?”. Ou apenas afirmações: “Estou aqui com você, independente de tudo.”

Exemplo prático no esporte

Após um erro em quadra, o filho pode estar se sentindo envergonhado ou frustrado. Um pai empático, em vez de corrigir ou minimizar o erro, pode simplesmente dizer: “Eu percebi que você ficou chateado. Isso acontece. Estou aqui com você.”

Habilidades de relacionamento

De acordo com Goleman (2012), as habilidades de relacionamento compreendem um conjunto de competências necessárias para a construção de vínculos saudáveis, a resolução de conflitos, a escuta atenta e a cooperação com os outros. Trata-se de uma habilidade que exige trabalho contínuo, prática e zelo. Considerando que as pessoas são diferentes, torna-se imprescindível aprender a lidar com essa diversidade. Essas capacidades requerem treino, atenção e disposição, visto que conviver com a pluralidade humana configura-se como um desafio constante.

No contexto esportivo, é fundamental que os pais estabeleçam relações saudáveis com os treinadores, outros familiares e com a própria criança. Quando os adultos mantêm uma postura respeitosa, aberta ao diálogo e livre de conflitos desnecessários, colaboram diretamente para a criação de um ambiente seguro e acolhedor. É importante ressaltar que, muitas vezes, os pais são a principal

referência para as crianças, o que significa que a maneira como se relacionam com o meio influencia diretamente o comportamento infantil (Salovey e Mayer, 1990).

Evitar discussões públicas, respeitar as decisões da equipe técnica e dar exemplos de cooperação são atitudes que demonstram maturidade emocional. De acordo com Goleman (2012), bem como Salovey e Mayer (1990), essa maturidade consiste na capacidade de reconhecer e regular as próprias emoções, desenvolver empatia e respeitar o outro. Tal desenvolvimento não pressupõe a eliminação de sentimentos negativos, mas sim sua administração equilibrada, favorecendo a resiliência, a autonomia e a construção de relações saudáveis. Nesse sentido, algumas reflexões que podem colaborar para o desenvolvimento dessa habilidade são: “Estou escutando o que o outro tem para me dizer, ou estou apenas tentando rebater e defender a minha opinião?”; “Por mais que não concorde com a opinião ou ação do outro, estou disposto a respeitá-lo e entender sobre seu ponto de vista?”

Exemplo prático no esporte

Segundo Goleman (2012), diante de um desentendimento entre o filho e o treinador, a mãe decide esperar o término do treino para abordar o professor. Ao escolher uma comunicação respeitosa, evita expor a criança e cria condições mais adequadas para a resolução do conflito. Essa atitude revela maturidade emocional e contribui para a manutenção de vínculos positivos.

Tomada de decisão responsável

A tomada de decisão responsável refere-se à capacidade de avaliar consequências e realizar escolhas éticas, conscientes e respeitosas, considerando o bem-estar individual e coletivo. Essa competência exige reflexão prévia à ação, levando em conta os impactos emocionais e sociais das escolhas realizadas (Brackrenridge e Rhind, 2014).

A tomada de decisão envolve um conjunto de habilidades socioemocionais. Por exemplo, com um bom autoconhecimento e uma boa autorregulação, o sujeito será capaz de controlar ações impulsivas e identificar quais decisões melhor refletem suas necessidades reais e exigências das circunstâncias, e quais são motivadas pelas emoções e experiências negativas passadas. Além disso, através da empatia, será possível perceber as

necessidades externas, balanceando os desejos e necessidades individuais e coletivas.

Estudos mostram que essa capacidade de tomar decisões mais racionais, através da análise de todo o contexto social, dos critérios para escolha e das consequências envolvidas, possibilitam um maior bem-estar emocional e permite decisões mais pró-sociais, ou seja, que permitem uma melhor qualidade nas interações sociais, na criação de vínculo, com confiança e empatia (Cardona-Szaza et al., 2025).

No contexto esportivo, os pais e responsáveis são exemplos para os atletas. Desse modo, principalmente em momentos que tendem a provocar reações mais emocionais, a capacidade dos adultos de tomar uma decisão responsável é crucial para o aprendizado e o bem-estar do atleta. Por exemplo, mesmo discordando da posição em que o filho foi escalado, um pai opta por não intervir diretamente com o técnico. Em vez disso, apoia a criança, respeita o trabalho coletivo e, se necessário, dialoga posteriormente de forma privada e construtiva. Explicando ao filho que situações como essa podem acontecer, reforçando que nem sempre ele será escalado e que é necessário respeitar o treinador.

Essa postura ensina a criança a confiar no processo, a lidar com frustrações e a desenvolver autonomia. E para desenvolver essa habilidade é importante que, além da mudança de comportamentos, haja reflexões pessoais como: “Como minhas ações estão e podem influenciar os outros ao meu redor?”; “Se eu colocar essa emoção de lado, o que seria uma outra alternativa de ação para essa situação?”; “Esse meu comportamento está sendo guiado pela minha razão ou pelas minhas emoções?”

Exemplo prático no esporte

Segundo Falcone (2019), após uma atitude antidesportiva do filho com um colega de treino, o treinador reúne os dois e conversa com ambos sobre a situação. O pai não intervém naquele momento e, posteriormente, dialoga com o filho, validando a ação do treinador, que também é responsável pelo ensino de valores e competências socioemocionais. Isso demonstra o exercício da tomada de decisão responsável, considerando aspectos éticos, emocionais e sociais.

A INFLUÊNCIA DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

Crianças aprendem majoritariamente por meio da observação e do espelhamento. Pais que não reconhecem ou regulam suas emoções tendem a agir de forma impulsiva, criando ambientes instáveis e dificultando o estabelecimento de vínculos seguros. Em contrapartida, quando demonstram autorregulação, empatia e escuta ativa, promovem o equilíbrio emocional e o desenvolvimento saudável dos filhos (Goleman, 2012).

Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de os adultos desenvolverem a alfabetização emocional, aprendendo a identificar seus próprios gatilhos, lidar com frustrações e evitar transferir expectativas ou traumas não resolvidos para as crianças. Assim, os pais tornam-se modelos reais de enfrentamento de desafios emocionais e sociais (Bisquerra Alzina, 2011).

A literatura aponta que o desenvolvimento socioemocional não é uma tarefa exclusiva de crianças e adolescentes, mas um processo contínuo para os adultos. Dessa forma, é essencial que os pais aprendam a sentir, nomear e lidar com suas emoções, a fim de não projetarem em seus filhos traumas ou expectativas não elaboradas (Goleman, 2012). Como afirma Bisquerra Alzina (2011, p. 35), “a alfabetização emocional constitui um passo imprescindível para que as relações familiares se tornem mais saudáveis e conscientes”.

O papel dos pais na educação emocional vai além do suporte: exige que se tornem exemplos no enfrentamento de frustrações e conflitos do cotidiano. Quando desenvolvem essas competências, estão mais preparados para construir ambientes emocionalmente seguros e promotores da autonomia infantil (Backenridge e Rhind, 2014).

CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PARENTAL

Um dos caminhos para o desenvolvimento emocional parental é a Comunicação Não Violenta (CNV) que é uma ferramenta essencial para o fortalecimento das relações entre pais e filhos no contexto esportivo. Quando aplicada por pais de atletas, ela contribui para um ambiente emocionalmente seguro, reduzindo tensões geradas por cobranças excessivas, frustrações diante de derrotas ou expectativas de desempenho.

Segundo Rosenberg (2006, p. 21), “a CNV nos auxilia a nos conectarmos uns com os outros de forma que nossas necessidades sejam atendidas sem

recorrer à violência”. Essa abordagem propõe uma comunicação baseada em observação, sentimento, necessidade e pedido, o que permite aos pais expressarem-se com autenticidade e empatia, sem críticas ou julgamentos.

No ambiente esportivo, a aplicação da CNV pelos pais estimula o diálogo construtivo com os filhos e com a equipe técnica, favorecendo o desenvolvimento de autonomia emocional e resiliência nos jovens atletas (Gonçalves e Brandão, 2019).

Essa prática também contribui para que os pais compreendam melhor as próprias emoções — como ansiedade, medo ou frustração — e aprendam a regulá-las antes de interagir com os filhos após competições, treinos ou derrotas (Oliveira et al., 2021).

Estudos recentes indicam que a adoção de práticas comunicativas empáticas está associada à melhor desempenho esportivo e maior bem-estar psicológico em atletas jovens, uma vez que o suporte emocional dos pais é percebido como fator protetor contra o estresse competitivo (Holt e Neely, 2011).

Dessa forma, a Comunicação Não Violenta representa não apenas uma ferramenta de diálogo, mas também uma estratégia de educação emocional parental, promovendo vínculos mais saudáveis e colaborativos entre pais, filhos e o contexto esportivo (Rosemberg, 2006; Gonçalves e Brandão, 2019).

Outras ferramentas que podem auxiliar os pais nesse processo desenvolvimento parental:

Oficinas de parentalidade positiva

Essas oficinas têm a possibilidade de ensinar práticas de comunicação empática, disciplina com limites claros e estratégias para apoiar o desempenho e o bem-estar do atleta sem aumentar a pressão.

Psicoterapia individual ou de casal

O acompanhamento psicoterápico trabalha emoções parentais (ansiedade por performance, projeções, medo de perda), alinha a parceria parental e reduz reações impulsivas que prejudicam o filho atleta.

Grupos de apoio

Muito importante como troca de experiências, o trabalho em grupo reduz isolamento, cria estratégias práticas, normaliza dificuldades e cria redes de suporte.

Leitura de materiais educativos

Oferece conhecimento estruturado sobre desenvolvimento emocional, comunicação e suporte esportivo — leitura orientada para aplicação prática.

A somatória desses recursos ajuda a melhorar a qualidade da comunicação familiar (mais descrições/menos críticas); diminui as reações impulsivas dos pais após jogos (auto registro: número de vezes que pausou antes de comentar); aumenta a sensação de suporte pelo atleta (perguntar ao filho “Você sente que eu te apoio?”); e pode auxiliar no alinhamento entre pais e treinador (menos reuniões conflituosas, mais planos conjuntos).

Compreender que o desenvolvimento socioemocional também deve ser cultivado pelos pais, representa um investimento na qualidade das relações familiares e na formação integral de crianças e adolescentes, seja no contexto escolar, esportivo ou social.

CONCLUSÃO

A formação de atletas emocionalmente equilibrados passa, inevitavelmente, pela conduta e pelas competências socioemocionais dos adultos que os acompanham. Pais conscientes, que buscam desenvolver suas próprias habilidades emocionais e relacionais, não apenas contribuem para o bem-estar de seus filhos no ambiente esportivo, como também fortalecem vínculos familiares mais saudáveis, éticos e empáticos. O exemplo parental, neste contexto, é um fator formativo decisivo.

Como discorrido no texto, a literatura aponta que crianças e adolescentes aprendem, majoritariamente, por meio da observação e do espelhamento (Bandura, 1977). Isso significa que as atitudes dos pais, muito mais do que suas palavras, moldam os padrões de comportamento e a maneira como os jovens lidam com adversidades, frustrações e desafios. Portanto, o desenvolvimento de habilidades como autoconhecimento, autorregulação, empatia, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável torna-se essencial também para os adultos (Casel, 2020).

Além de reconhecer e nomear suas emoções, é imprescindível que os pais sejam capazes de regulá-las diante de situações que envolvam seus filhos no esporte. A forma como reagem a uma derrota, a um erro técnico, a uma decisão da arbitragem ou à postura de um treinador influencia diretamente a

leitura que a criança fará do ambiente esportivo. Como aponta Bisquerra Alzina (2003), é por meio da inteligência emocional que o adulto desenvolve competências para enfrentar situações cotidianas com equilíbrio, sendo exemplo prático e emocional para os filhos.

Rosemberg (2006) afirma que, investir no desenvolvimento socioemocional parental não é apenas um cuidado individual, mas uma ação de responsabilidade coletiva. Oficinas de parentalidade, psicoterapia, grupos de apoio, leitura e a prática da Comunicação Não Violenta são caminhos viáveis e eficazes para esse crescimento.

Esse processo permite aos pais transformarem a relação com seus filhos e com o esporte, promovendo ambientes mais saudáveis e favoráveis ao desenvolvimento integral.

Por fim, é fundamental compreender que educar não se limita a ensinar regras ou corrigir comportamentos; educar é, acima de tudo, formar emocionalmente. E essa formação se dá, primeiramente, pelo exemplo. Portanto, pais que se dispõem a desenvolver suas competências emocionais oferecem aos filhos não apenas suporte, mas também uma base sólida para se tornarem atletas — e pessoas — mais equilibradas, resilientes e conscientes de si e do outro. Como afirma Goleman (2012), inteligência emocional não é luxo, mas uma necessidade para uma vida social e afetiva saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1977.

BISQUERRA ALZINA, R. Educación emocional y competencias básicas para la vida. **Revista de Investigación Educativa**, v. 21, n. 1, p. 7-43, 2003. Disponível em: https://congreso-inteligencia-emocional.com/wp-content/uploads/2018/12/Bisquerra_R_Educacion-emocional-y-competencias-2003.pdf.> Acesso em: 3 set. 2025.

BISQUERRA, R. **Educação emocional e bem-estar**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRACKENRIDGE, C.; RHIND, D. **Developing and safeguarding athletes: a comparative review of international frameworks**. London: Routledge, 2014.

CARDONA-ISAZA, A. J; MONTOYA-CASTILLA, I.; TRUJILLO, A.. Decision-making styles, prosociality, and behavioral difficulties in adolescent offenders: the mediating role of life satisfaction and emotional experiences. **Behavioral Sciences**, v. 15, n. 1, p. 1-21, 2025.

CASEL. **CASEL's SEL framework: what are the core competence areas and where are they promoted?** 1 Oct. 2020. Disponível em: <<https://casel.org/casel-sel-framework-11-2020/?view=1>>. Acesso em: 3 set. 2025.

FALCONE, E. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GONÇALVES, C. E.; BRANDÃO, M. R. A Comunicação Parental no Contexto Esportivo: Implicações para o Desenvolvimento de Jovens Atletas. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 45–60, 2019.

HOLT, N. L.; NEELY, K. C. Positive Youth Development Through Sport: A Review. **Revista de Psicologia do Esporte**, v. 22, n. 2, p. 278–295, 2011.

INSTITUTO VILA EDUCAÇÃO. **CASEL atualiza sua definição de aprendizagem socioemocional**. Instituto Vila Educação, 2021. Disponível em: <<https://vilaeducacao.org.br/blog/index.php/casel-atualiza-sua-definicao-de-aprendizagem-socioemocional/>>. Acesso em: 3 set. 2025.

LOPES, M. V.; IHLE, A.; GOUVEIA, É. R.; MARQUES, A.; FRANÇA, C. Analyzing parental involvement in youth basketball. **Sports**, v. 12, n. 12, p. 350, 2024.

OLIVEIRA, L. M.; SANTOS, P. R.; MOURA, D. F.; SILVA, A. C. Emoções Parentais e Regulação Emocional no Contexto Esportivo Infantil. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 23, n. 1, p. 88–102, 2021.

ROSENBERG, M. **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

SALOVEY, P.; MAYER, J.D. Emotional intelligence. **Imagination, Cognition and Personality**, v. 9, n. 3, p. 185–211, 1990.

WEISSBERG, R. P.; DURLAK, J. A.; DOMITROVICH, C. E.; GULLOTTA, T. P. Social and emotional learning: past, present, and future. In: DURLAK, J. A.; DOMITROVICH, C. E.; WEISSBERG, R. P.; GULLOTTA, T. P. (ed.). **Handbook of social and emotional learning: research and practice**. New York: Guilford, 2015. p. 3-19.

INFLUÊNCIA PARENTAL NO ESPORTE: EM BUSCA DO EQUILÍBRIO NAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO

**Carine Collet
Leilane Alves de Lima
Eduardo Santana Silva**

INTRODUÇÃO

As relações interpessoais exercem papel central no desenvolvimento humano, influenciando pensamentos, comportamentos e escolhas ao longo de toda a vida. No contexto esportivo, a qualidade dessas relações é decisiva para o engajamento, a motivação e o bem-estar das crianças e jovens. Adultos significativos — como pais, mães e figuras parentais, treinadores/as e professores/as —, bem como irmãos e colegas de equipe, compõem uma rede de apoio que favorece tanto a participação quanto a permanência no esporte (Côté e Fraser-Thomas, 2007). Compreender as formas de envolvimento parental e suas implicações no comportamento e na motivação dos jovens esportistas torna-se essencial para a promoção de um ambiente esportivo saudável e equilibrado.

Com o objetivo de aproximar essa literatura internacional das diretrizes nacionais, este capítulo também adota como referência o Caminho de Desenvolvimento Esportivo (COB), que organiza a formação de crianças e jovens em quatro etapas: Experimentar e Brincar, Brincar e Aprender, Aprender e Treinar, e Treinar e Competir. Essa estrutura dialoga diretamente com as fases propostas por Côté (1999) — diversificação, especialização e investimento — e com os modelos de envolvimento parental sugeridos por Hellstedt (2005) e Harwood e Knight (2015).

Assim, este capítulo tem como objetivo discorrer sobre as relações interpessoais que se estabelecem no contexto do desenvolvimento esportivo, com foco no equilíbrio adequado no envolvimento parental e familiar. Para isso, iniciamos o capítulo com uma breve apresentação conceitual sobre as relações parentais que acontecem nas etapas do desenvolvimento esportivo, os tipos de suporte em cada etapa, os estilos parentais, assim como os desafios e possibilidades de programas de educação parental no esporte.

Na sequência, apresentamos um panorama com dados sobre essa influência com atletas de elite de voleibol, handebol e squash, e também com atletas escolares. Por fim, apresentamos uma proposta com dicas e estratégias a partir de um exemplo concreto em um projeto com crianças e jovens com deficiência, para, assim, tornar a participação parental cada vez mais equilibrada e adequada pode influenciar positivamente no desenvolvimento esportivo.

INFLUÊNCIA FAMILIAR NO ESPORTE AO LONGO DA FORMAÇÃO ESPORTIVA

Programas esportivos são capazes de promover vínculos positivos entre jovens e seus agentes de socialização produzem efeitos duradouros no desenvolvimento pessoal e esportivo, contribuindo para o envolvimento adequando com a cultura esportiva (Côte, Turnnidge e Vierimaa, 2016). Entre todos esses agentes, a família mais próxima ocupa posição de destaque, pois constitui o primeiro e mais constante ambiente de socialização. O envolvimento esportivo de crianças e jovens está profundamente relacionado à qualidade das experiências vividas em casa e ao suporte oferecido pelas figuras parentais, irmãos e familiares próximos (Ericsson, Krampe e Tesch-Romer, 1993; Côte e Hay, 2002).

A utilização das etapas do COB (2022) permite compreender como o papel da família se transforma progressivamente, acompanhando o amadurecimento das crianças e jovens e as mudanças nas demandas esportivas, sociais e emocionais de cada fase. Tal perspectiva evidencia que o desenvolvimento esportivo é um processo relacional, gradual e contextual, no qual o apoio familiar atua como eixo estruturante da formação integral. Mesmo que o objetivo final de uma instituição esportiva com o COB, que visa o alto rendimento e a formação de atletas competitivos internacionalmente, há também a preocupação de que as fases iniciais do desenvolvimento sejam adequadas para todas as pessoas, permitindo acender ao Caminho da Medalha ou permanecer no esporte de participação ao longo da vida.

O ambiente familiar, quando estruturado de forma acolhedora e estimulante, fornece as bases emocionais e logísticas que sustentam a motivação, a disciplina e a continuidade da prática esportiva. Pesquisas recentes demonstram que diferentes dimensões das relações familiares — como apoio

emocional, incentivo, cooperação, rivalidade saudável e autonomia progressiva — exercem influência direta sobre a formação de atletas, especialmente nas fases iniciais da carreira esportiva (Taylor, Collins e Carson, 2017; Storm et al., 2014).

Ao longo dos anos de desenvolvimento esportivo, as crianças vão experimentando novas influências e novos contextos de prática, os quais serão determinantes para sua evolução. Côté (1999) descreve as principais características das relações interpessoais ao longo das fases de desenvolvimento, a partir do estudo realizado com atletas de tênis e seus familiares. Durante os anos de diversificação (até 12 anos de idade, aproximadamente), os pais são responsáveis por iniciar o interesse das crianças pelo esporte, permitindo-lhes experimentar uma vasta gama de atividades agradáveis sem se concentrar em treinamento. De maneira convergente, o Comitê Olímpico do Brasil (COB, 2022) propõe a etapa “Experimentar e Brincar”, que reforça a importância da família como ponto de partida para as primeiras vivências corporais e esportivas. Nesse momento, o envolvimento familiar deve ser leve, afetivo e espontâneo, garantindo liberdade e prazer nas descobertas corporais e no brincar. As ações familiares — como frequentar parques, oferecer tempo e espaço para jogos, incentivar a curiosidade e a imaginação — são fundamentais para o desenvolvimento integral e para o início do letramento corporal, base de uma relação saudável com o movimento e o esporte.

Nos anos de especialização (em torno de 13 a 15 anos), os irmãos mais velhos, junto com as figuras parentais, exercem influência positiva nas questões éticas da criança-atleta, inclusive na decisão de se especializar em uma modalidade específica. Nesse momento, a cooperação entre os irmãos pode gerar um ambiente favorável para o desenvolvimento de habilidades esportivas. Essa transição se aproxima da etapa “Brincar e Aprender”, também proposta pelo COB, na qual o papel da família se mantém como incentivadora central, porém com ênfase no apoio à permanência e ao prazer pela prática. A literatura destaca que o apoio familiar nessa fase deve incluir tanto o incentivo emocional quanto o envolvimento em experiências esportivas diversificadas, respeitando o caráter lúdico e inclusivo das práticas. O COB recomenda, inclusive, programas educativos destinados às figuras parentais para ajudá-las a compreender os objetivos formativos do esporte infantil e a evitar cobranças indevidas.

Na sequência, durante os anos de investimento (entre 16 a 18 anos de idade, aproximadamente), embora os pais não estejam diretamente envolvidos em fornecer instruções esportivas específicas ou treinamento, eles estão envolvidos em uma série de papéis que facilitam a participação da criança no esporte. O COB associa esse período à etapa “Aprender e Treinar”, quando o jovem inicia processos de especialização e passa a vivenciar as exigências da carreira esportiva. O suporte familiar é essencial para o equilíbrio entre as demandas esportivas, escolares e sociais, bem como para o enfrentamento das transformações da adolescência. O diálogo entre treinadores e familiares, é decisivo para evitar a evasão e sustentar a motivação. Também se destaca a importância de famílias e instituições esportivas promoverem ambientes inclusivos, livres de estereótipos de gênero, a fim de garantir a permanência de meninas no esporte.

As pessoas que representam as figuras parentais são os primeiros agentes sociais influenciadores das crianças. Eles dedicam grande parte de seu tempo para cuidar e promover um ambiente adequado para o desenvolvimento de crianças e jovens. Esse contato e interação constantes acontecem também no que diz respeito à atividade física e ao envolvimento esportivo, os quais podem despertar o interesse, incentivar e possibilitar que a criança se envolva com diferentes atividades. Embora a participação no esporte também possa servir de modelo às crianças, a família pode demonstrar comportamentos que não estão diretamente relacionados ao esporte, mas que a criança transfere para o seu próprio envolvimento esportivo (Côté, 1999), inclusive os comportamentos negativos relacionados às crenças e preconceitos.

A família mais próxima terá influência positiva no desenvolvimento esportivo das crianças e jovens desde que compreendam como: a) selecionar oportunidades esportivas adequadas e fornecer o suporte necessário; b) entender e aplicar os estilos de seu papel nesse contexto; c) gerenciar as demandas emocionais nas competições; d) buscar uma relação significativamente saudável com as outras pessoas envolvidas; e) gerenciar as demandas organizacionais e de desenvolvimento associados com a participação esportiva; e f) adaptar seu envolvimento de acordo com os diferentes estágios da carreira esportiva de seus filhos (Harwood e Knight, 2015).

O papel da família mais próxima frente às crianças muda de líder nos anos de diversificação para um apoiador nos anos de investimento (Côté, 1999). Resumidamente, o envolvimento parental no contexto esportivo vai se alterando ao longo do tempo, em que são encontradas características específicas em três fases distintas, as quais correspondem às faixas etárias semelhantes ao apresentado por Côté (1999), porém com nomenclaturas diferentes (HellstedT, 2005):

- Nos anos iniciais (de 4 a 12 anos), correspondentes às etapas Experimentar e Brincar e Brincar e Aprender, a criança é introduzida pela família em uma variedade de esportes. A ênfase está na brincadeira, na diversão e na interação familiar durante as atividades;
- Nos anos intermediários (de 13 a 18 anos), relacionados à etapa Aprender e Treinar, há uma mudança do divertimento e da brincadeira para a especialização no esporte. A família mais próxima agora incentiva e fornece transporte, busca boa estrutura de prática, participa dos ambientes competitivos e garante o melhor treinamento;
- Nos anos tardios da formação (19 e 20 anos), equivalentes à etapa Treinar e Competir, os atletas geralmente se separam da família e se transferem para outros contextos e passam a ser independentes. Todavia, a família permanece como o principal sistema de suporte e refúgio emocional diante das pressões do rendimento e da conciliação entre esporte e vida social. O envolvimento parental assume contornos mais estratégicos, pautados na confiança, na autonomia e no respeito às escolhas do/a atleta.

Os familiares, além de incentivadores e apoiadores do envolvimento da criança com o esporte, podem assumir diferentes papéis, como verificado nos estudos com atletas medalhistas internacionais (Durand-Bush e Salmela, 2002) e com atletas de vela e saltos ornamentais (Peres e Lovisolo, 2006), em que os pais e os familiares foram seus primeiros treinadores. Em muitos países, em que a atividade de treinador não se constitui uma profissão regulamentada, (diferentemente do que acontece no Brasil por meio da Lei 9696/98 de 1998), os pais passam a assumir papéis distintos no processo de treinamento esportivo, como suporte, treinador ou administrador (Knight et al., 2016).

ESTILOS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO

Considerando que os pais são os agentes sociais mais próximos e influentes na trajetória da criança ou do/a jovem esportista, torna-se essencial compreender que a forma como as figuras parentais lidam com as demandas que emergem da prática esportiva exerce influência direta sobre a autonomia, a autoestima e a confiança do/a esportista desde as fases iniciais de sua formação.

A abordagem de Baumrind (1971) sobre estilos parentais ampliada por Maccoby e Martin (1983), tornou-se referência para o estudo dos estilos parentais, descrevendo quatro padrões de interação autoritativo (democrático), autoritário, indulgente (permissivo) e negligente. No contexto esportivo, essa classificação tem sido amplamente utilizada para compreender como diferentes formas de envolvimento parental influenciam o comportamento, a motivação e o bem-estar de jovens atletas.

É importante destacar que cada estilo parental possui características específicas, o que facilita a identificação do padrão de comportamento adotado pelos pais no contexto esportivo, com base em suas atitudes, formas de comunicação e níveis de apoio oferecidos aos filhos. Desse modo, os estilos parentais se apresentam da seguinte maneira:

O **estilo autoritativo**, também reconhecido na literatura como estilo democrático, caracteriza-se pelo equilíbrio entre apoio e exigência, sendo o estilo em que os pais demonstram afeto, diálogo e flexibilidade nas interações com os filhos. Pais autoritativos oferecem autonomia para que os jovens tomem decisões, mas permanecem presentes e participativos no acompanhamento das experiências esportivas, buscando compreender o contexto do filho e orientá-lo a partir de suas próprias vivências (Maccoby e Martin, 1983; Liu et al., 2024).

Já o **estilo parental autoritário** é caracterizado pela imposição de regras rígidas e pela obediência como valor central, não permitindo que a criança ou o/a atleta expresse suas vontades ou opiniões. Nesse modelo, as decisões são determinadas pelos pais ou responsáveis, que acreditam saber o que é melhor para os filhos e esperam disciplina, controle e conformidade. A falta de diálogo e de apoio emocional tende a gerar ansiedade, medo de errar e menor prazer pela prática esportiva, prejudicando a autonomia e a motivação intrínseca dos jovens atletas (Baumrind, 1971; Vega-Díaz, González-García e De Labra, 2023).

O estilo parental indulgente, também conhecido como estilo permissivo, é caracterizado por altos níveis de afeto e baixo controle. Nesse modelo, os pais ou responsáveis oferecem liberdade excessiva aos filhos, permitindo que tomem suas próprias decisões sem impor limites claros ou fornecer orientações consistentes. Nesse contexto, os pais evitam exercer autoridade ou estabelecer regras, permitindo que a criança ou o/a atleta decida por si mesma sobre treinos, esforços e compromissos esportivos (Maccoby e Martin, 1983; Baumrind, 1971). Mesmo que o apoio emocional esteja presente, falta estrutura, acompanhamento e feedback construtivo, o que pode comprometer o desenvolvimento disciplinar, a responsabilidade e o aprendizado a partir das experiências esportivas (Vega-Díaz, González-García e De Labra, 2023).

O **estilo parental negligente**, tem em sua essência a ausência de presença e interesse dos pais ou responsáveis na vida esportiva dos filhos. Caracteriza-se pela falta de envolvimento emocional, de acompanhamento e de apoio às experiências e necessidades do jovem atleta. Esse estilo reflete-se na indiferença às conquistas e desafios do filho, bem como na ausência de incentivo à participação e à continuidade na prática. Desse modo, o estilo negligente dificulta o desenvolvimento pleno do atleta, comprometendo sua motivação, autoestima e sentimento de pertencimento ao ambiente esportivo (Maccoby e Martin, 1983).

Nesse sentido, os pais podem exercer um envolvimento parental positivo, caracterizado pelo apoio à autonomia, pelo incentivo emocional e pelo suporte logístico e financeiro, favorecendo o desenvolvimento integral do/a jovem atleta. Por outro lado, o envolvimento parental negativo manifesta-se por meio de comportamentos de cobrança excessiva, controle rígido, críticas constantes ou falta de apoio afetivo, o que pode gerar ansiedade, desmotivação e até abandono da prática esportiva, desse modo, os pais vão desenvolvendo seus estilos parentais.

Além disso, é fundamental que os pais saibam como lidar com as diversas demandas que emergem do contexto esportivo e evitam adotar estilos parentais negativos. Burke et al. (2024) e evidenciam, em sua revisão sistemática, que as ações de educação parental sejam elas desenvolvidas por meio de oficinas presenciais, cursos online, manuais de orientação, programas de intervenção de longa duração ou formações breves, contribuem significativamente para que os

pais compreendam melhor seu papel e os diferentes tipos de suporte (emocional, logístico e informacional) que podem oferecer aos filhos. Esses programas surgem como estratégias para suprir lacunas de conhecimento e orientar pais que, muitas vezes, não sabem como agir diante das situações esportivas vivenciadas pelos filhos, enquanto outros já possuem experiências que podem ser compartilhadas e valorizadas, para que os pais busquem ter um envolvimento parental positivo (Tessitore et al., 2021).

INFLUÊNCIA PARENTAL NO ESPORTE: O QUE DIZEM AS INVESTIGAÇÕES

O percurso de atletas no esporte é marcado por influências resultantes das interações estabelecidas entre treinadores, familiares, colegas, amigos e, sobretudo, a família. Compreender o impacto dessas relações têm constituído como objeto de interesse de diferentes investigações, particularmente aquelas associadas à carreira esportiva.

No Brasil, estudos com atletas de elite e excelência, em modalidades como voleibol (Collet, 2018), handebol (Lima et al, 2022) e o squash (Motta et al. 2021), têm demonstrado que o apoio familiar exerce um papel facilitador durante todas as etapas da carreira esportiva, sendo exemplificado através de comportamentos ponderados, sem cobrança excessiva e garantindo o suporte emocional e financeiro aos atletas. Contudo, nota-se que a atuação familiar muda conforme as etapas da carreira esportiva avançam, passando de principal fonte de financiamento e apoio emocional nas fases iniciais a um núcleo de suporte emocional nas etapas mais avançadas, quando a estabilidade afetiva e motivação tornam-se fundamentais para permanência no ambiente esportivo (Collet, 2018; Lima et al, 2022; Motta et al. 2021).

O estudo realizado por Collet (2018), com 121 atletas de elite do voleibol brasileiro, demonstrou que diferentes agentes sociais influenciam ativamente no desenvolvimento esportivo de atletas das seleções brasileiras de voleibol. Essa influência foi estudada a partir do nível de incentivo percebido pelos/as atletas ao longo de sua formação esportiva, tendo destaque em todas as etapas, mas mais significativamente na etapa de diversificação esportiva (até 12 anos). De fato, a liderança dos pais nos anos de diversificação se transforma no decorrer da formação em outros tipos de suporte menos diretivos (Côté, 1999; Fraser-

Thomas, Côté e Deakin, 2008; Ferreira e Moraes, 2012; Fraser-Thomas e Beesley, 2015).

No estudo retrospectivo de Lima et al. (2022), com sete atletas da seleção brasileira de handebol e campeãs mundiais em 2013, a importância da família foi evidenciada através de dois aspectos principais. Primeiramente, pelo apoio emocional e financeiro, sendo reconhecida como a maior incentivadora das atletas, sendo representada principalmente pela participação efetiva das mães, que ofereciam aconselhamentos e suporte mesmo à distância. E, em um segundo aspecto, o ambiente familiar revelou uma cultura favorável para à prática esportiva, evidenciada pela participação de membros da família (prima, pais, mães e avô) em diferentes modalidades esportivas (futebol, handebol, voleibol, atletismo), no contexto amador e profissional. Essa vivência familiar atuou como um fator motivacional fundamental para o engajamento esportivo, principalmente nas fases iniciais. Semelhante a esses achados, Motta et al. (2021) analisando a carreira esportiva de seis atletas de elite na modalidade Squash, evidencia que os familiares também atuaram de forma positiva ao longo da carreira dos atletas, sendo responsáveis por encorajar, motivar e fornecer recursos financeiros para participação em competições.

Considerando jovens atletas de nível escolar, percebe-se que o perfil de apoio disponibilizado pelos pais corrobora com os estudos anteriores. O estudo de Lima et al. (2025), investigou a percepção acerca da experiência esportiva de 156 jovens atletas de handebol, participantes da fase estadual dos Jogos Escolares no estado de Mato Grosso, aponta que para 71,9% dos atletas os pais apoiam financeiramente, 80,4% não exercem cobranças excessivas por resultados, e 73,9% incentivam a viajar. Contudo, quando questionados sobre o acompanhamento dos pais em relação a atividade esportiva, mais de 90% destaca que os pais não acompanham seu desenvolvimento esportivo ou assistem aos treinos, e 58,2% não conversam com os treinadores para se informar sobre o desempenho esportivo do/a filho/a.

De forma geral, nesses estudos, o comportamento familiar resultou em uma postura ponderada, a qual não exerceu pressão sobre as/os atletas e garantiu suporte emocional e financeiro. O clima motivacional criados pelos pais vem sendo apontado como elemento importante para favorecer o envolvimento de jovens atletas na atividade (Gershgoren et al., 2011). Ainda, possuir uma

cultura esportiva familiar pode ser favorável para o engajamento na prática esportiva, principalmente nos anos iniciais, incentivando a participação em diversas atividades voltadas para a vivência do esporte (Folle et al., 2018). No entanto, essa relação só é positiva quando consegue-se equilibrar as relações de interesse em torno do atleta, minimizando aspectos relacionados ao abandono da prática esportiva, como a pressão e a cobrança excessiva no ambiente competitivo (Fraser-Thomas, Côté e Deakin, 2008).

ESTRATÉGIAS PRÁTICAS A PARTIR DE UM PROJETO COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Em todos os contextos que envolvem a influência parental no esporte de jovens, há um grande desafio sobre o equilíbrio entre apoiar sem pressionar e participar sem se exceder. O esforço em compreender e apoiar os pais na busca por esse envolvimento adequado na vida esportiva dos filhos expressa uma preocupação de pesquisadores/as e treinadores/as. Isso justifica a criação de diferentes programas educacionais voltados a promover uma participação familiar equilibrada e apropriada às necessidades e etapas de desenvolvimento dos jovens (Milan et al., 2024).

Dentre eles, a “Escola de Pais”, vinculada ao Centro de Referência Paralímpica (CRP) da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), foi constituída no ano de 2022, com o objetivo de aproximar familiares e debater sobre o seu papel no desenvolvimento da autonomia e formação de crianças e jovens com deficiência. O CRP é um polo do Centro de Referência Paralímpico Brasileiro (CRPB), instalado no município de Cáceres-MT e vinculado a UNEMAT por meio do Centro Interdisciplinar de Pesquisa em Esporte e Exercício Físico - CIPEEF/UNEMAT. O projeto atende cerca de 65 crianças/jovens nas modalidades parabadminton, atletismo paralímpico, bocha paralímpica e natação, sendo composto por um coordenador e quatro professores/as responsáveis por conduzir as ações com os jovens e pelo acompanhamento na escola de pais.

O projeto Escola de Pais surgiu devido à observação dos comportamentos dos pais durante as atividades do projeto. Os desafios enfrentados pelas famílias de crianças com deficiência, por vezes, condicionam-nas a comportamentos protetivos que impactam diretamente a rotina de treino e

reduzem a autonomia das crianças/jovens, devido ao excesso de intervenções pouco oportunas. Esse cenário foi um dos primeiros desafios que motivaram a criação de estratégias de conscientização junto aos familiares.

As ações desenvolvidas com os pais consistem em rodas de conversa com intuito de aproximar os familiares das atividades realizadas no dia a dia, bem como discutir o papel e as formas de apoiar o desenvolvimento das crianças/jovens. Inicialmente, a frequência de encontros era maior, com reuniões bimestrais. Porém, conforme os pais passaram a compreender melhor seu papel e demonstrar confiança no programa, os encontros gerais tornaram-se semestrais. Além das reuniões em grupo, também são realizados encontros periódicos, conduzido de forma individualizada, com as famílias dos atletas que estão em fase competitiva ou aqueles que demonstram alguma dificuldade ou manifestam comportamento que exige maior atenção por parte da equipe. Essas reuniões são conduzidas pelo coordenador e professores/as do CRP.

Em atenção a uma demanda apresentada pelos pais em uma roda de conversa, foi iniciada uma parceria com profissionais da Psicologia, para criação de uma rede de apoio entre as famílias. Essa atividade acontece desde o primeiro semestre de 2025, uma vez ao mês, e tem como foco criar um ambiente de escuta, suporte psicológico e emocional aos familiares. Nesses encontros, os temas discutidos fazem parte das demandas cotidianas vividas por eles, promovendo um momento de troca de experiência e acolhimento.

Entre os resultados observados desde o início da Escola de Pais, está a redução de comportamentos equivocados durante o treino das crianças/jovens. Os pais acompanham e estão presentes no ambiente de treino, mas não interferem na dinâmica da atividade, o que possibilita maior autonomia para os filhos. Além disso, de forma orgânica, os pais que estão há mais tempo no projeto se tornaram multiplicadores, realizando o acolhimento e explicando como funciona a dinâmica das atividades para famílias recém-chegadas, ação que fortalece a rede de apoio e fortalece o sentimento de pertencimento.

Por fim, é perceptível a mudança associada à compreensão e à confiança quanto à participação em competições que exigem deslocamento para outras cidades apenas com a equipe do CRP. Inicialmente, por não ser algo comum nas famílias, essa situação gerava medo e apreensão, o que demandou um processo de escuta e diálogo para sensibilizá-las sobre a importância dessa vivência para

o desenvolvimento das crianças/jovens. Atualmente, percebe-se que esse processo foi naturalizado pelas famílias, demonstrando a criação de um laço de confiança entre familiares e a equipe do CRP e, a compreensão dessa experiência como uma vivência positiva e formativa para o desenvolvimento das crianças/jovens. Portanto, iniciativas como a Escola de Pais demonstram que não são necessárias estruturas complexas para se obter êxito, mas sim, propostas coerentes e contextualizadas com as demandas da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação parental possui papel fundamental no processo de desenvolvimento esportivo e, ao mesmo tempo, configura-se como um dos principais desafios nesse contexto. Isso ocorre pois ela exige dos pais um processo de tomada de consciência sobre a própria influência no desenvolvimento esportivo dos filhos, bem como o nível de compreensão acerca do esporte e a disponibilidade de tempo para estar presentes e engajados nas atividades esportivas.

Os tipos de envolvimento parental no esporte de crianças e jovens passam desde um envolvimento excessivo e com elevado grau de pressão, até um descaso total por esse envolvimento. Para que os efeitos da participação esportiva sejam positivos, é essencial que sejam buscadas formas de equilibrar e compreender as necessidades de quem se desenvolve no esporte.

Por fim, as investigações com a percepção de jovens atletas em diferentes contextos demonstra o quanto esse assunto tem relevância no desenvolvimento esportivo, tanto em ambientes clubísticos quanto no ambiente escolar. Propostas e estratégias de acolhimento, esclarecimento e interação com pais e familiares são essenciais para a compreensão do papel de cada agente no desenvolvimento esportivo, a partir de perspectivas holísticas e que colocam o/a esportista no centro do processo educativo. Isso leva à participação parental cada vez mais equilibrada e adequada para influenciar positivamente no desenvolvimento esportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology Monograph**, v. 4, n. 1, p. 1–103, 1971.
- BURKE, S.; SHARP, L.; WOODS, D.; PARADIS, K. F. Enhancing parental support through parent-education programs in youth sport: a systematic review. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 1, p. 208–235, 2024.
- COB. **Modelo de Desenvolvimento Esportivo do Comitê Olímpico do Brasil**. Comitê Olímpico do Brasil, 2022. 228 p.
- COLLET, C. **Formação esportiva de atletas de elite: um estudo com as seleções brasileiras de voleibol 2018**. Tese de doutorado - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC. 2018.
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in Sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.
- CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. In: CROCKER, P. (Ed.). **Sport Psychology: a Canadian perspective**. Toronto: Pearson, 2007. p. 270-298.
- CÔTÉ, J.; HAY, J. Family influences on youth sport participation and performance. In: SILVA, J.; STEVENS, D. (Ed.). **Psychological foundations of sport**. Boston/MA: Allyn and Bacon, 2002. p. 503-519.
- CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. In: GREEN, K.; SMITH, A. (Ed.). **Routledge Handbook of Youth Sport**. New York: Routledge, 2016. p. 243-255.
- DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, p. 154-171, 2002.
- ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.
- FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 42-51, 2012.
- FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V.; SALLES, W. N.; MACIEL, L. F. P.; DALLEGRAVE, E. Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. **Journal of Physical Education**, v. 29, n. 1, 2018.
- FRASER-THOMAS, J.; BEESLEY, T. Family and peer influences on the development of sport expertise. In: BAKER, J.; FARROW, D. (Ed.). **Routledge Handbook of Sport Expertise**. New York: Routledge, 2015. p. 329-346.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of sport and exercise**, v. 9, n. 5, p. 645-662, 2008

GERSHGOREN, L. et al. The effect of parental feedback on young athletes' perceived motivational climate, goal involvement, goal orientation, and performance. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 12, n. 5, p. 481-489, 2011.

HARWOOD, C. G.; KNIGHT, C. J. Parenting in youth sport: a position paper on parenting expertise. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, n. 1, p. 24-35, 2015.

HELLSTEDT, J. Invisible players: A family systems model. **Clinics in Sports Medicine**, v. 24, p. 899-928, 2005.

KNIGHT, C. J., Dorsch, T. E.; OSAI, K. V.; HADERLIE, K. L.; SELLARS, P. Influences on parental involvement in youth sport. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v. 5, n. 2, p. 161-178, 2016.

LIMA, L. A.; REVERDITO, R.; SCAGLIA, A.J.; GALATTI, L. Engagement in athletic career: A study of female Brazilian handball world champions. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 18, n. 4, p. 1056-1066, 2022.

LIMA, L. A.; REVERDITO, R.; SOUZAS.C.; FONSECA, S.C.C. Esporte no contexto escolar: percepção de apoio e a experiência esportiva positiva de jovens atletas. **Retos**, v. 67, p. 522-534, 2025.

LIU, Y. ZHAO, F. NONG, S. LIN, Z. Being a Right Parent: A Narrative Review of the Theory and Practice of Parental Involvement in Sport Parenting. **Frontiers in Psychology**, v. 15, p. 1-13, 2024.

MACCOBY, E.E.; MARTIN, J.A. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: MUSSEN, P.H. (Ed.). **Handbook of Child Psychology: Socialization, Personality, and Social Development**. 4. ed. New York: Wiley, 1983. v. 4, p. 1-101.

MILAN, F. J.; KNIGHT, C; OLIVEIRA, L. M.; CIAMPOLINI, V.; MILISTETD, M. An integrative review of parent education approaches in sport: Considerations for program planning and evaluation. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 34, n. 4, p. e14620, 2024.

MOTTA, M. D. C.; LIMA, L. A.; GINGIENE, G.; HERNANDEZ, C. L. S.; GALATTI, L. R. Analysis of the sports career of brazilian international elite squash athletes. **Journal of Physical Education**, v. 32, p. e3242, 2021.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

STORM, L. K.; HENRIKSEN, K.; LARSEN, C. H.; CHRISTENSEN, M. K. Influential relationships as context of learning and becoming elite: athletes' retrospective interpretations. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 9, n. 6, p. 1341-1356, 2014.

TAYLOR, R. D.; COLLINS, D.; CARSON, H. J. Sibling interaction as a facilitator for talent development in sport. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 12, n. 2, p. 219-230, 2017.

TESSITORE, A.; CAPRANICA, L.; PESCE, C.; DE BOIS, N.; GJAKA, M.; WARRINGTON, G.; MACDONNCHA, C.; DOUPONA, M. Parents about parenting dual career athletes: a systematic literature review. **Psychology of Sport & Exercise**, v. 53, p. 101833, 2021.

VEGA-DÍAZ, M.; GONZÁLEZ-GARCÍA, H.; DE LABRA, C. Influence of Parental Involvement and Parenting Styles in Children's Active Lifestyle: A Systematic Review. *PeerJ*, v. 11, 2023.



PARTE II

Os próximos capítulos destacam quatro estudos realizados com atletas brasileiros do basquetebol e handebol e com pais, trazendo resultados interessantes sobre a participação dos pais e familiares na vida esportiva dos filhos, sua interação com os profissionais que atuam nesta área e sobre como os pais e familiares lidam com situações no ambiente competitivo dessas crianças e jovens.

PERSPECTIVAS SOBRE O SUPORTE SOCIAL DOS PAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS DE BASQUETEBOL FEMININO

**Mônica Cristina Flach
Larissa Fernanda Porto Maciel
Alexandra Folle**

INTRODUÇÃO

O esporte é praticado por milhares de jovens, e apesar de não ser um fenômeno que traga garantias de um desenvolvimento unicamente positivo, impacta consideravelmente a formação pessoal e social dos praticantes (Côté, Murata e Martin, 2022; Maciel et al., 2025). Por se tratar de um processo a longo prazo que perpassa pelas fases do desenvolvimento humano, todo tipo de suporte é necessário, de modo a facilitar o alcance dos objetivos esportivos e pessoais dos atletas, sendo o esporte um meio para potencializar jovens e adultos mais confiantes e eficazes.

Conceitualizações recentes tem caracterizado o suporte social de acordo com a quantidade e os tipos de relacionamentos presentes na vida do atleta, por meio de três formas específicas de suporte (Maciel et al., 2024; Maciel et al., 2025). As ações que transmitem amor e cuidado, como incentivo e motivação são características do suporte emocional, enquanto instruções, feedbacks e aconselhamentos descrevem o suporte informativo e o recebimento de formas materiais de assistência, o suporte tangível (Hartley e Coffee, 2019).

Pesquisas realizadas no âmbito esportivo apoiam a ideia de que relacionamentos de qualidade com a família são determinantes para as experiências e os resultados positivos no esporte (Côté et al., 2020; Maciel et al., 2021; Maciel et al., 2025). Ou seja, mesmo que o ambiente social onde ocorre a formação esportiva seja complexo, os familiares desempenham um papel importante no processo formativo de jovens atletas (Maciel et al., 2021; Côté, Murata e Martin, 2022).

Apesar da importância da temática e do entendimento que a interação social comporta experiências sociais positivas e negativas, afetando consideravelmente o envolvimento dos atletas de maneiras diferentes, ainda se faz necessário mais estudos que busquem identificar como se dá o suporte social em diferentes contextos de prática. Algumas literaturas têm encontrado indícios de suporte positivo (Norris, Clarke e Norman; 2021; Maciel et al., 2021; Norris,

Didymus e Kaiseler, 2022), enquanto outras detectaram suporte negativo, principalmente em relação ao suporte emocional e informativo (Taylor e Bruner, 2012; Rottensteiner et al., 2013; Santi et al., 2014), incluindo um ou mais agentes sociais (familiares, treinadores e pares).

No que tange o suporte familiar, um maior número de estudos tem destacado a presença do suporte emocional (Danioni, Barni e Rosnati, 2017; Folle et al., 2018), seguido do informativo (Nunomura e Oliveira, 2013; Marsh et al., 2015; Folle et al., 2018) e do suporte tangível positivo (Kubayi, 2014; Maniam, 2017; Folle et al., 2018) da família. A maioria das pesquisas encontradas foram realizadas com atletas australianos (Maniam, 2017), americanos (Mossman e Cronin, 2019), canadenses (Kim, Newman e Knon, 2020; Lundy et al., 2019), além de asiáticos e portugueses (Chan, 2019; Coutinho et al., 2021).

A teoria sugere que o suporte social molda significativamente como os atletas percebem e lidam com o estresse, atuando como um recurso crucial no enfrentamento de desafios e frustrações (Acoba 2024). Evidências empíricas indicam consistentemente uma ligação positiva entre maior suporte social e melhores resultados de saúde mental e redução do estresse (Ekmen et al., 2021; Acoba 2024), assim como o prolongamento do envolvimento dos jovens com o esporte.

Um sistema de suporte robusto pode contribuir para que determinados eventos sejam interpretados como menos assustadores, impactando positivamente os resultados e reduzir a probabilidade de consequências psicológicas negativas e o possível abandono do esporte. Com base no que foi apresentado, o objetivo deste estudo foi identificar a perspectiva dos pais sobre o suporte social fornecido para o desenvolvimento de atletas de basquetebol feminino.

MÉTODO

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo de abordagem transversal. Trata-se de uma de pesquisa que analisa dados qualitativos (interpretações, opiniões) em um único ponto no tempo, buscando captar a visão e a experiência de um grupo específico sobre um fenômeno, sem se aprofundar em seu histórico ou acompanhá-lo ao longo do tempo (Zangirolami-Raimundo, Echeimberg e Leone, 2018).

Participantes e contexto investigado

Participaram da pesquisa 25 familiares, sendo 13 do sexo feminino (mães) e 13 do sexo masculino (pais), com idade entre 33 e 51 anos, dos quais, 76,9% possuem ensino superior completo, 84,6% são casados e 38,5% possuem dois filhos. O contexto em que as famílias estão inseridas é um Instituto esportivo privado que desenvolve atletas de basquetebol com idade entre 11 e 16 anos, com tempo de prática na modalidade de até 3 anos.

Instrumento e procedimento de coleta de dados

A coleta das informações se deu através de um questionário semiestruturado elaborado na plataforma *Google Forms*, organizado em uma sessão correspondente a caracterização dos familiares e outra com questões abertas sobre as atletas. As questões foram formuladas segundo os três tipos de suporte social sugerido por Hartley e Coffee (2019): emocional; informativo; tangível. O *link* de acesso ao formulário foi enviado via WhatsApp para o grupo de pais de atletas do referido Instituto.

Análise qualitativa

A análise qualitativa seguiu a técnica de análise temática com delineamento dedutivo, a partir dos seis estágios propostos por Braum e Clark, 2019: (I) a familiarização com os dados através da leitura das respostas obtidas; (II) geração de códigos iniciais, por meio da abordagem dedutiva (dirigida pela teoria); (III) construção de temas com auxílio do mapeamento visual e envolvimento obtido com os dados; (IV e V) revisão e definição dos temas e exportação dos códigos iniciais para um software específico (N vivo) e por fim, (VI) o relatório final.

Confiabilidade

Adotou-se a estratégia do amigo crítico para oferecer *feedback*, interpretação e organização dos temas para autorreflexão da pesquisadora

principal. Esse procedimento levou a uma melhor delimitação de ajustes do esquema temático (Smith e McGannon, 2018).

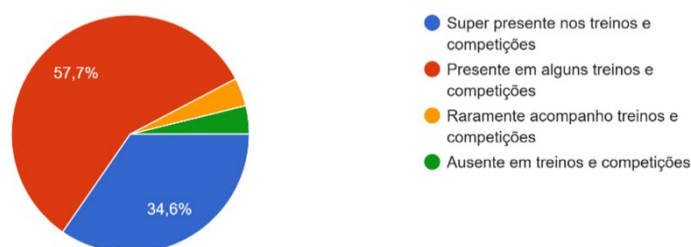
Financiamento

Este estudo foi parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001 e pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) nº 2, sob o número de processo PAP2019031000.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados mostraram que a maioria das atletas pertencem à categoria sub13 (46,2%), seguida da categoria sub14 (19,2%). 57,7% dos familiares se consideram presentes nos treinamentos e competições das filhas, enquanto 34,6% se consideram super presentes (figura 1).

Figura 1. Percepção sobre o nível de envolvimento dos familiares em treinos e competições.



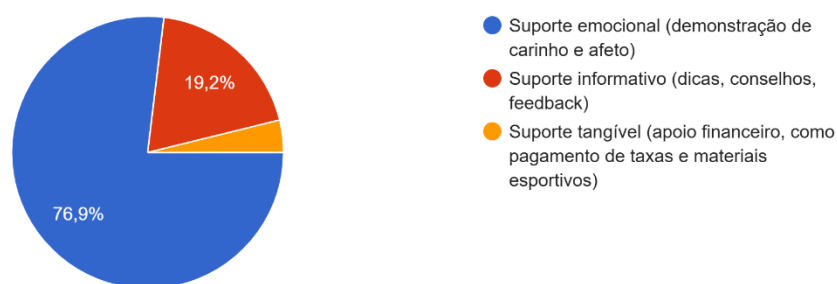
Fonte: Dados do estudo, 2025.

A natureza dinâmica das relações, a forma como ocorre o envolvimento da família, treinadores e colegas de equipe, é influente no ambiente esportivo e por vezes podendo favorecer ou dificultar o desenvolvimento atlético. Nesse sentido, o Modelo de Ativos Pessoais (PAF), (Côtê, Turnnidge e Evans, 2014; Côtê et al., 2020) mais especificamente as dinâmicas sociais de qualidade, determinam e explicam os mecanismos e resultados que constituem o desenvolvimento positivo de jovens e como se dá esse processo.

Nesse sentido, é vista como imprescindível a participação da família no processo de formação esportiva de jovens atletas, principalmente durante os

anos iniciais (Côtê, 1999; Samulski et al., 2009). A partir desta perspectiva, o envolvimento dos familiares no esporte é visto como um processo que contempla diferentes formas de envolvimento, iniciado pelo subenvolvimento, caracterizado pela ausência de um vínculo emocional e financeiro, representado pelo baixo ou pouco envolvimento nas atividades que o jovem atleta realiza. Seguido do envolvimento moderado, o qual existe uma maior presença dos familiares com determinados tipos de suporte e sem cobranças exageradas, e por fim, o superenvolvimento, apresentando um excesso de envolvimento dos pais, não levando em consideração as vontades e necessidades dos jovens atletas (Folle et al., 2018).

Figura 2. Percepção dos pais sobre o tipo de suporte ofertado as atletas:



Fonte: Dados do estudo, 2025.

As evidências acerca dos diferentes tipos de suporte ofertados para o envolvimento esportivo das filhas investigadas no presente estudo na modalidade do basquetebol, demonstraram que os pais têm se preocupado em ofertar os três tipos de apoio. As narrativas abaixo ilustram o suporte social, a partir da perspectiva dos pais investigados:

“Na verdade, o correto seria uma mescla dos 3, e acho que como pai, tento dar um pouco de cada, para que ela se sinta amada e respeitada, para que conselhos também correções, e saiba que na medida do possível, possa sonhar que o suporte financeiro virá” (Pai - 43 anos).

“Penso que consiga estabelecer um equilíbrio entre os suportes, oferecendo carinho e amizade, estando sempre presente e aberto ao diálogo sobre os diferentes assuntos e questões do seu cotidiano e oferecendo suporte financeiro para as diferentes demandas. Porque ser e estar presente na vida dos filhos requer esse equilíbrio” (Pai - 44 anos).

“Suporte informativo. Tenho um olhar crítico, procuro ressaltar e elogiar os pontos positivos que observo e tento mostrar os pontos negativos para que ela possa melhorar. Também dou suporte emocional, mas acho que o informativo prevalece mais” (Pai - 47 anos).

Corroborando as evidências encontradas no presente estudo, a oferta dos três tipos de suporte (emocional, tangível e informativo) foi observada em categorias sub12, 15 e mais de 16 anos, apresentando valores similares nas três dimensões (Milan et al., 2021).

O suporte emocional foi o apoio mais abordado pelos familiares e citado como essencial para a formação das filhas no esporte. As falas refletem principalmente a percepção das mães sobre a importância desse tipo de suporte para o desenvolvimento das jovens atletas:

“Sou mais de demonstrar emocionalmente, acho que ajuda muito saber que ela não está sozinha e diante de qualquer dúvida ela tem que saber que estou lá para acompanhá-la do amor” (Mãe - 37 anos).

“Suporte emocional, acredito que por serem crianças precisam de acolhimento e entendimento. Cobranças de táticas e treinos são funções dos treinadores e comissão técnica” (Pai - 43 anos).

“[...] o suporte emocional é o mais importante que dou à minha filha. Tento sempre demonstrar incentivo, amor (do meu jeito) e apoio, para que ela se sinta confiante e motivada, sabendo que pode contar comigo independentemente dos resultados nos treinos ou competições” (Mãe - 40 anos).

“Acredito que forneço mais o suporte emocional, pois acredito que se ela se sentir segura e se suas emoções estiverem alinhadas todas as outras áreas se desenvolverão com mais eficiência e terá um desempenho com mais qualidade dentro e fora das quadras” (Mãe n. 17 – 40 anos).

“O apoio emocional dos pais é fundamental para que o atleta desenvolva resiliência, autoconfiança e uma mentalidade saudável para lidar com os desafios do esporte. Saber lidar com a pressão e o seu desenvolvimento conforme a sua idade. Porém, sempre é um desafio. Temos que nos fortalecer e aprender sempre enquanto pais para poder entender e saber lidar com cada situação. É claro que é importante o suporte tangível, se mostrar interessado na busca de alternativas concretas para o seu crescimento, automaticamente também é um suporte emocional ver que os pais estão priorizando o envolvimento e crescimento dele com o esporte” (Mãe n. 20 – 48 anos).

É observado que o suporte emocional principalmente nas idades mais jovens se apresenta como o suporte mais ofertado, isso se dá pelo fato de que nessas idades (até 13 anos) a participação esportiva por meio de experiências prazerosas com o esporte, promove nos pais esse comportamento menos agressivo e com o intuito de oferecer afeto e comunicação para que a criança/adolescente queira vivenciar mais a modalidade (Côtê, 1999; Milan et al., 2021).

Ao analisar os relatos dos familiares, temas acerca das mudanças na rotina familiar, assim como adaptações necessárias para uma melhor conciliação da vida esportiva e acadêmica das atletas foram evidenciadas. Determinados subtemas emergiram na fala dos familiares, tais como o desempenho escolar e as possíveis melhorias ou adaptações necessárias no envolvimento esportivo para melhor conciliação da rotina esporte-estudo. O processo de formação esportiva de um atleta requer uma rotina extensa e exaustiva de compromissos como treinamentos, restrições sociais e exigências nutricionais (Miranda, Corado Loreno e Costa, 2020). Associada a essa demanda, os atletas se deparam também com exigências relacionadas à rotina de estudos e desempenho escolar (Aquilina, 2016).

A narrativa a seguir descreve a percepção de um pai em relação a conciliação de outras atividades pessoais e culturais com o envolvimento da filha no basquetebol. Nesse caso, percebe-se que o envolvimento dessa atleta com o esporte não é prioridade, mas sim parte essencial para a sua formação integral:

“Prezo que minha filha possa ter uma vida equilibrada, acumulando vivências e experiências diversas para além do esporte. Admiro que ela seja dedicada demais aos estudos, que possa se dedicar à música, ao aprendizado de um outro idioma, que tenha tempo para os amigos e para a família e que possa se dedicar ao basquete. Nesse sentido, penso que os desafios estariam relacionados com a disponibilidade de tempo e com uma logística que permitissem uma maior frequência aos treinos, porém, ao fazê-lo, precisaria sacrificar outras atividades também importantes para a sua formação e crescimento. E não gostaria que ela precisasse deixar todo o restante de lado para se dedicar exclusivamente ao esporte” (Pai - 44 anos).

Estudos brasileiros que se debruçaram sobre a temática da conciliação entre esporte e estudo têm reforçado que a participação esportiva favorece o desenvolvimento de habilidades como a disciplina, o comprometimento, o trabalho em equipe e a dedicação aos estudos (Maciel et al., 2017; Peserico, Kravchychyn e Oliveira, 2015; Zenha, Resende e Gomes, 2009). No entanto, existem estudos que constatarem percepções negativas, visto que à medida em que a progressão no esporte acontece, os elementos da formação no âmbito escolar e pessoal, acabam sendo deixados de lado (Mel,; Soares e Rocha, 2020).

Por esse motivo, é importante que familiares e treinadores entendam em que momento da formação esportiva esse atleta se encontra para saber até onde é interessante existir uma cobrança exagerada com relação a assiduidade tanto nos treinamentos quanto nas competições, sendo importante a noção de bom senso e a busca por um equilíbrio por parte de todos os envolvidos, conforme destacado na fala da Mãe:

“Na verdade, nessa idade existe um limite, algumas vezes fica inviável ela participar de todas as competições, existem outros compromissos, seja ele escolares ou familiares, é necessário um equilíbrio entre tudo isso, sem contar a nossa disponibilidade enquanto pais e algumas vezes a parte financeira também afeta” (Mãe – 41 anos).

A necessidade de ajustamento das demandas esportivas e escolares torna-se primordial nessa fase, principalmente quando as atletas buscam aliar o alto rendimento com as incertezas dos estudos no futuro. Em vista disso, lesões, questões psicológicas, psicossociais, aumento de responsabilidades individuais, relacionamentos entre pares, relação familiar, gênero e nível socioeconômico, são algumas das questões que podem influenciar a continuidade e o sucesso esportivo (Kristiansen e Stensrud, 2017; Ivarsson, Stambulova e Johnson, 2018).

Assim, é preciso ter consciência da dimensão de tudo que envolve o contexto em torno do desenvolvimento de atletas, e que diferentes tipos de apoio advindos de diferentes agentes sociais são necessários e imprescindíveis para que a formação esportiva e o desenvolvimento a longo prazo sejam realizados de maneira adequada, sem comprometer a saúde mental das atletas. Sendo esse um dos pontos levantados pela mãe investigada:

“Eu percebo que a minha filha, assim como outras atletas da mesma idade, precisa de um apoio profissional para lidar com os desafios emocionais. Os pais podem oferecer suporte, mas um profissional qualificado é fundamental para ouvir, instruir e direcionar os medos, bloqueios, inseguranças e a ansiedade que surgem, tanto no esporte quanto nessa fase de transição da adolescência” (Mãe n. 20 – 48 anos).

Cabe refletir que dentro do processo de formação, em qualquer modalidade esportiva, a presença de um profissional da Psicologia do Esporte se faz necessária e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades para gerenciamento das adversidades advindas dos desafios a serem enfrentados pelos jovens atletas, não somente no contexto esportivo, mas na conciliação de todas as demandas e responsabilidades (Rosa Léo e Garcia Coelho, 2023).

Por fim, reforça-se a importância de agentes significativos (familiares, treinadores, colegas) com o objetivo de facilitar e favorecer o desenvolvimento global dos atletas, principalmente através do suporte social para um equilíbrio entre o bem-estar e a superação de momentos e situações estressantes nos

diferentes ambientes da vida, como treinamento, competições, possíveis lesões, a carência de vida social e a busca por avanços em níveis mais altos do esporte e nos estudos (Williams e Macnamara, 2022).

CONCLUSÃO

Os resultados evidenciaram que as famílias fornecem os três tipos de suporte para o envolvimento das atletas no basquetebol, sendo o suporte emocional mais citado entre os pais, seguido do suporte informativo, enquanto o suporte tangível foi pouco mencionado. Os resultados mostraram que são necessárias adaptações na rotina das atletas para que essas sejam capazes de conciliar a rotina esportiva com a dedicação aos estudos, além de outras atividades pessoais e culturais para além do esporte.

Inclusive, além destes elementos evidenciados nos resultados do estudo, é importante destacar alguns pontos que professores, treinadores e familiares precisam dar mais atenção ao buscar ajudar as jovens atletas na conciliação entre a rotina esportiva e a rotina familiar, sendo mais flexíveis com relação a rigorosidade em participação efetiva de treinamentos e competições por exemplo, permitindo que as atletas mantenham suas atividades extra para além da prática da modalidade, contribuindo de certa forma com a expansão do apoio emocional, uma vez que a realização de atividades fora do ambiente esportivo, aliada as competências aprendidas com o esporte, também favorecem para um desenvolvimento integral do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOBIA, E.F. Social support and mental health: the mediating role of perceived stress. **Frontiers in Psychology**, v. 15, 2024.
- AQUILINA, D. A study of the relationship between elite athletes' educational development and sporting performance. In: **Delivering Olympic and elite sport in a cross cultural context**. Routledge, 2016. p. 37-55.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.
- CHAN, Chun-Chen. The relationship among social support, career self-efficacy, and career exploration on career choices of college students. **The Sport Management Review**, v. 22, p. 1–12, 2019.
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ J.; MURATA A.; MARTIN, L. The Personal and Social Development of Children in Sport. In: SMITH, P. K.; HART, C. H. **The Wiley-Blackwell Handbook of Childhood Social Development**. Hoboken: John Wiley & Sons Ltd, 2022. p. 386-404.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M.B. The dynamic process of development through sport. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; MURATA, A.; MCGUIRE, C. Youth sport research: Describing the integrated dynamic elements of the personal assets framework. **International Journal of Sport Psychology**, v. 51, n. 6, p. 562-578, 2020.

COUTINHO, P.; RIBEIRO, J.; DA SILVA, S.M.; FONSECA, A.M.; MESQUITA, I. A influência dos pais, treinadores e colegas no desenvolvimento a longo prazo de jogadores de voleibol altamente qualificados e menos qualificados. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 667542, 2021.

DANIONI, F.; BARNI, D.; ROSNATI, R. Transmitting sport values: the importance of parental involvement in children's sport activity. **Europe's Journal of Psychology**, Bucareste, v. 13, n. 1, p. 75-92, 2017.

EKMEN, E.; KOÇAK, O.; SOLMAZ, U.; KOPUZ, K.; YOUNIS, M.Z.; ORMAN, D.Z. How does the social support affect refugees' life satisfaction in Turkey? Stress as a mediator, social aids and coronavirus anxiety as moderators. **Sustainability**, v. 13, 2021.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J.; SALLES, W.N.; MACIEL, L.F.P.; DALLEGRAVE, E.J. Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 29, n. 1, 2018.

HARTLEY, C.; COFFEE, P. Perceived and received dimensional support: main and stress-buffering effects on dimensions of burnout. **Frontiers in Psychology**, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2019.

IVARSSON, A.; STAMBULOVA, N.; JOHNSON, U. Lesão como transição de carreira: experiências de um jogador de handebol de elite sueco. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, 16 (4), 365–381, 2018.

KIM, A.C.H.; NEWMAN, Jo.I.; KWON, W. Developing community structure on the sidelines: a social network analysis of youth sport league parents. **The Social Science Journal**, v. 57, n. 2, p. 178–194, 2020.

KRISTIANSEN, E.; STENSRUD, T. Young female handball players and sport specialisation: how do they cope with the transition from primary school into a secondary sport school? **British Journal of Sports Medicine**, v. 51, n. 1, p. 58-63, 2017.

KUBAYI, N. A.; JOOSTE, J.; TORIOLA, A.L.; PAUL, Y. Familial and peer influences on sport participation among adolescents in rural South African secondary schools. **Mediterranean Journal of Social Sciences**, Roma, v. 5, n. 20, p. 1305-1308, 2014.

LÉO, V.R.; COELHO, M.G. Psicologia na formação do atleta de futebol de base. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE)**, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 4665–4678, set. 2023.

LUNDY, G.I.; ALLAN, V.; COWBURN, I.; CÔTÉ, J. Parental support, sibling influences and family dynamics across the development of Canadian inter-university student-athletes. **Journal of Athlete Development and Experience**, v. 1, n. 2, Article 4, 2019.

MACIEL, L. F. P.; FOLLE, A.; SOUZA, P.H.X.; VAZ, G.; SALLES, W.N. Envolvimento esportivo e escolar: percepções de alunos-atletas do Programa “Basquetebol para Todos”. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 92-103, 2017.

MACIEL, L.F.P.; NASCIMENTO, R.K.; MILISTETD, M.; NASCIMENTO, J.V.; FOLLE, A. Systematic review of social influences in sport: family, coach and teammate support. **Apunts Educación Física y Deportes**, v. 3, n. 145, p. 39-52, 2021.

MACIEL, L.F.P.; BEIRITH, M.K.; IBÁÑEZ, S.J.; GALATTI, L.R.; FARIAS, G.O.; FOLLE, A. Personal engagement of basketball athletes: insights from mixed methods research. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 24, n. 7, p. 1795–1806, 2024.

MACIEL, L.F.P.; IBÁÑEZ, S.J.; BEIRITH, M.K.; FOLLE, A. Social dynamics established through sport: implications for the sports training of young Brazilian basketball athletes. **Sports**, v. 13, 2025.

MANIAM, V. Secondary school students' participation in sports and their parents' level of support: A qualitative study. **Physical Culture and Sport, Studies and Research**, Varsóvia, v. 76, n. 1, p. 14-22, 2017.

MARSH, A.; ZAVILLA, S.; ACUNA, K.; POCZWARDOWSKI, A. Perception of purpose and parental involvement in competitive youth sport. **Health Psychology Report**, Gdansk, v. 3, n. 1, p. 13-23, 2015.

MELO, L.B.S.; ROCHA, H.P.A.; ROMÃO, M.G.; DOS SANTOS, W.; SOARES, A. J.G. Dual career: dilemmas between sport and school. **Journal of Physical Education**, v. 31, n. 1, p. e-3145, 02 jun. 2020.

MILAN, F.J.; QUINAUD, R.; CORTELA, C.C.; MILISTETD, M. Suporte dos pais no esporte: percepção de jovens tenistas. **Tênis com ciência**, p. 1825, 2021.

MIRANDA, I.S.; CORADO LORENO, L.; COSTA, F. A dupla jornada do atleta universitário: perspectivas para a conciliação entre estudos e treinamentos na Universidade de Brasília. **Movimento**, v. 24, n. 3, 2020.

MOSSMAN, G.J.; CRONIN, L. D. Life skills development and enjoyment in youth soccer: the importance of parental behaviours. **Journal of Sports Sciences**, v. 37, n. 8, p. 850-856, 2019.

NORRIS, L.; CLARKE, N.; NORMAN, L. An evaluation of a mentoring programme to support high-performance women coaches. In: **Improving Gender Equity in Sports Coaching**. New York: Routledge, 2021.

NORRIS, L.A.; DIDYMUS, F.F.; KAISELER, M. How can social support make coaching less stressful? A longitudinal inquiry with sports coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 17, n. 6, p. 1258-1269, 2022.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M.S. Parents' support in the sports career of young gymnasts. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 5, n. 1, p. 5-18, 2013.

PESERICO, C.S.; KRAVCHYCHYN, C.; OLIVEIRA, A.A.B. Análise da relação entre esporte e desempenho escolar: um estudo de caso. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 260-277, 2015.

ROTTENSTEINER, C.; LAAKSO, L.; PIHLAJA, T.; KONTTINEN, N. Personal reasons for withdrawal from team sports and the influence of significant others among youth athletes. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Londres, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2013.

SAMULSKI, D.M. Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 310-317, 2009.

SANTI, G.; BRUTON, A.; PIETRANTONI, L.; MELLALIEU, S. Sport commitment and participation in masters swimmers: The influence of coach and teammates. **European Journal of Sport Science**, Abingdon, v. 14, n. 8, p. 852- 860, 2014.

SMITH, B.; MCGANNON, K.R. Developing rigor in qualitative research: problems and opportunities within sport and exercise psychology. **International Review of Sport Exercise Psychology**, v. 11, n. 1, p. 101-121, 2018.

TAYLOR, I.M.; BRUNER, M. W. The social environment and developmental experiences in elite youth soccer. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 13, n. 4, p. 390-396, 2012.

WILLIAMS, G.G.; MACNAMARA, A. Challenge is in the eye of the beholder: exploring young athlete's experience of challenges on the talent pathway. **Journal of Sports Sciences**, v. 40, n. 10, p. 1078–1087, 2022.

ZANGIROLAMI-RAIMUNDO, J.; ECHEIMBERG, J.O.; LEONE, C. Tópicos de metodologia de pesquisa: estudos de corte transversal. **Journal of Human Growth & Development**, v. 28, n. 3, p. 356–360, 2018.

ZENHA, V.; RESENDE, R.; GOMES, A.R. Desporto de alto rendimento e sucesso escolar: Análise e estudo de factores influentes no seu êxito. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DEPORTES DE EQUIPO, 1., 2009, Corunha. **Anais...** Corunha: Editorial y Centro de Formación Alto Rendimiento, 2009. p. 1-10.

A FAMÍLIA NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA FORMATIVA

**Adair José Pereira da Rocha
Dante De Rose Júnior
Gislaine Cristina Vagetti
Valdomiro de Oliveira**

INTRODUÇÃO

A formação esportiva de crianças e adolescentes constitui um processo complexo, no qual interagem múltiplos agentes sociais, sendo a família um dos elementos centrais na trajetória de jovens atletas (Oliveira, 2020).

De acordo com Rocha, (2024), o papel da família é central na trajetória de jovens atletas, atuando como principal fonte de apoio afetivo, investimento logístico e motivação inicial. No entanto, a forma como esse envolvimento se manifesta, especialmente em contextos de alto rendimento ou de grande pressão competitiva, define se ele será um motor de desenvolvimento ou uma fonte de conflitos e desgaste.

Neste sentido os autores supracitados destacam que a compreensão da trajetória esportiva sob uma perspectiva bioecológica permite enxergar o jovem atleta não isoladamente, mas inserido em um sistema dinâmico de inter-relações, onde a família constitui um microssistema vital.

Parece que quando as pressões externas do esporte de competição encontram um elevado envolvimento emocional dos pais, o ambiente familiar pode ser sobrecarregado. Evidencia-se, então, a necessidade de distinguir entre incentivo e cobrança, uma dicotomia central que permeia as discussões sobre o papel parental no esporte.

Assim verifica-se que o incentivo visa o prazer, a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades; a cobrança, muitas vezes disfarçada de expectativa, foca estritamente no resultado e pode gerar ansiedade de performance, comprometendo tanto o desenvolvimento esportivo quanto o humano do indivíduo.

É nesse contexto que se insere o presente capítulo, cujo objetivo é promover uma reflexão crítica sobre a participação familiar na formação esportiva de crianças e adolescentes, com ênfase em contextos competitivos.

Para tanto, apresenta-se um relato de experiência formativa desenvolvido durante a realização de um torneio internacional de basquetebol, realizado na cidade de Franca/SP, em julho de 2025 a convite da organização em função de problemas ocorridos com os pais na versão anterior do referido torneio como manifestações agressivas dos pais na hora dos jogos gesticulando com seus filhos, outras crianças e árbitros que eram agredidos por possíveis erros na arbitragem, sempre visualizado pelos pais.

FAMÍLIA NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA

A família constitui o primeiro e mais duradouro contexto de desenvolvimento humano, exercendo influência decisiva na formação esportiva de crianças e adolescentes. Na perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner (1996), o ambiente familiar integra o microssistema, onde ocorrem as interações mais significativas entre o indivíduo e seu meio. Essas interações, denominadas processos proximais, são determinantes para o desenvolvimento de competências, valores e atitudes que orientam a trajetória esportiva.

De acordo com Côté (1999), o envolvimento familiar nas diferentes fases da formação esportiva influencia tanto a motivação quanto a permanência do jovem na prática. O autor identifica três etapas nesse processo: a fase de amostragem, marcada pela experimentação de diversas modalidades; a fase de especialização, caracterizada pelo foco em uma modalidade; e a fase de investimento, em que ocorre o comprometimento sistemático com o treinamento. Em todas essas etapas, a presença dos pais é decisiva — seja pelo apoio logístico e emocional, seja pela construção de um ambiente favorável à aprendizagem.

Knight e Holt (2014) reforçam essa compreensão ao destacar que o comportamento e as expectativas parentais modulam o clima motivacional percebido pelos atletas. Quando o envolvimento familiar se baseia em diálogo e apoio, promove-se um ambiente de desenvolvimento positivo no esporte. Porém, quando o controle ou a pressão predominam, há risco de abandono e de perda do prazer pela prática esportiva.

No contexto brasileiro, Oliveira (2020) evidencia que as relações familiares no esporte são atravessadas por dimensões culturais e socioeconômicas, que podem ampliar ou limitar as oportunidades de acesso.

Rocha (2024) argumenta que a escuta dos pais permite compreender a trajetória esportiva como um processo educativo, no qual a família, a escola e o esporte se articulam de forma integrada.

Sob o ponto de vista sociológico, Bourdieu (2007) contribui com o conceito de *habitus*, que explica como as disposições familiares orientam as práticas esportivas. Famílias com maior capital cultural tendem a valorizar o esporte como parte da formação integral, enquanto grupos com menor acesso a recursos podem associá-lo prioritariamente ao lazer ou à ascensão social.

Assim, a literatura aponta que o papel da família na trajetória esportiva ultrapassa o apoio material: ele envolve a criação de condições afetivas, cognitivas e sociais que sustentam o desenvolvimento do jovem atleta. De Rose Jr., Campos e Tribst, 2001 afirmam que o apoio familiar é fator fundamental para a manutenção das crianças e jovens na prática esportiva e que a falta desse apoio pode refletir na queda da autoestima, fuga a até o abandono das atividades.

Compreender essa dimensão é essencial para o planejamento de políticas públicas e programas educacionais que promovam a inclusão e a continuidade no esporte. Para incrementar esta compreensão foi elaborada uma pesquisa com pais em um torneio de basquetebol envolvendo crianças das categorias sub-12 e sub-14 que será relatada a seguir.

A PESQUISA

Características da pesquisa

A presente pesquisa se configura como um Relato de Experiência de caráter descritivo e qualitativo. De acordo com Minayo (2014), esse tipo de pesquisa se fundamenta no valor da narrativa e da experiência vivida como dados científicos. Neste caso, fundamentou-se na análise de uma intervenção formativa realizada em um contexto de competição esportiva com os pais dos atletas das categorias sub 12 e sub 14.

Ainda pode-se afirmar que este tipo de abordagem metodológica é pertinente para investigar e interpretar a profundidade de um fenômeno social, neste caso, as dinâmicas de participação familiar no esporte infanto-juvenil.

Objetivos da pesquisa

A pesquisa teve como objetivo identificar qual a opinião dos pais sobre o que seria mais importante em uma competição em relação a seus filhos e que tipo de apoio era oferecido aos competidores

METODOLOGIA

Amostra

A pesquisa foi realizada com 125 pais de atletas das categorias sub-12 e sub-14 participantes do Torneio Internacional na cidade de Franca (SP) no ano de 2025.

Procedimentos – instrumento de coleta de dados

A pesquisa foi desenvolvida por meio de dois procedimentos:

1 - Foi enviado aos pais um formulário (via online) contendo duas questões.

A pergunta 01 foi estruturada em formato de múltipla escolha, apresentando a seguinte questão:

- **O que é mais importante?**

- a) saber vencer
- b) saber perder e vencer
- c) saber jogar e vencer
- d) saber jogar, saber perder e saber vencer

Essa pergunta buscou identificar quais dimensões — **competitivas, formativas ou relacionais** — são mais valorizadas pelos familiares no acompanhamento esportivo de seus filhos. A ela foi associada uma segunda questão aberta às respostas dos pais:

- **Você está ajudando seu filho a amar o esporte — ou apenas a competir nele?**

2 – Foi realizada uma ação interventiva por meio de uma palestra dialogada. Essa escolha buscou promover um espaço de escuta qualificada e de reflexão ativa, alternando momentos expositivos, baseados em referencial teórico, com a abertura de questões e debates que permitiram a manifestação do elevado envolvimento emocional dos pais. (Severino, 2017). Dela participaram cerca de 60 pais presentes ao torneio.

Nessa palestra foram abordados temas como agressividade dos pais, interferência no trabalho dos profissionais, cobranças excessivas sobre o desempenho dos filhos, comportamento durante os jogos, consumo de bebidas alcoólicas durante os jogos, entre outros.

Ao final da palestra foram apresentados os resultados parciais da pesquisa e abriu-se um diálogo com os participantes. As perguntas e reflexões emergentes mostraram-se essenciais para a compreensão do papel da família no esporte de base. Reforcei que os participantes — crianças e adolescentes — necessitam de ambientes positivos, que favoreçam o desenvolvimento integral e promovam princípios e valores inegociáveis, fundamentais à formação humana e esportiva. Essa compreensão amplia a discussão proposta por Oliveira (2020) e Rocha (2024) sobre a interdependência entre educação, família e formação esportiva no contexto brasileiro, à luz das concepções de desenvolvimento humano defendidas por Bronfenbrenner (1996).

Tratamento dos dados

Para o tratamento e a interpretação do material coletado, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo (AC) na perspectiva de Laurence Bardin (2016). A AC é um conjunto de instrumentos metodológicos que visa examinar detalhadamente as comunicações, objetivando a descrição sistemática e a inferência dos sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos.

O processo analítico seguiu as fases clássicas propostas por Bardin:

1. Pré-Análise: Consistiu na organização do material, leitura flutuante, e constituição do *corpus* dos depoimentos e observações registrados.
2. Exploração do Material: Etapa de codificação e categorização. Por meio da redução dos dados, os elementos de significado foram agrupados por analogia, respeitando o princípio de homogeneidade e exclusão mútua das categorias.

RESULTADOS

Abaixo seguem os principais resultados retirados das 125 respostas colhidas em formato online. As equipes e os nomes dos pais ficaram em anonimato respeitando todas as normas éticas da pesquisa.

Pergunta 01 = O que é mais importante, Saber vencer? Saber perder e vencer? Saber jogar e vencer? Saber jogar e saber perder e saber vencer? Multipla escolha!

"Você está ajudando seu filho a amar o esporte — ou apenas a competir nele?"

(Categorias 1 Amor pelo esporte como valor central, 2 Competir com respeito, ética e responsabilidade afetiva e 3. Saber vencer e saber perder como aprendizado formativo).

1. Amor pelo esporte como valor central

Unidades de sentido predominantes:

Respostas

"Amar o esporte", "meu filho ama treinar", "faço ele amar", "esporte é amor", "fazer por prazer e não por obrigação".

Ideia de que o amor deve vir antes de competir ou vencer.

Pais que afirmam estar ensinando *prazer, divertimento, vínculo emocional positivo*.

Síntese da categoria:

Os responsáveis afirmaram majoritariamente que a dimensão mais importante é o amor pelo basquete, entendido como prazer, motivação intrínseca, vínculo duradouro e bem-estar.

2. Competir com respeito, ética e responsabilidade afetiva

Unidades de sentido recorrentes:

Respostas

"Competir com lealdade", "não menosprezar", "responsabilidade afetiva", "competir com respeito".

Competição vista como parte natural do esporte, mas dependente de conduta moral e de empatia.

Síntese da categoria:

A competição aparece como elemento inevitável e desejável, desde que acompanhada de **ética, respeito, autocontrole e comportamento empático**.

3. Saber vencer e saber perder como aprendizado formativo

Unidades de sentido predominantes:

Respostas

A resposta mais marcada nas múltiplas escolhas: **“Saber vencer e saber perder”**.

“Frustração faz parte”, “disciplina”, “persistir”, “vitória e derrota fazem parte do processo”.

Enfatizam que a vida exige lidar com incertezas e frustrações.

Síntese da categoria:

A derrota é entendida como parte natural do desenvolvimento, e a vitória como algo a ser vivenciado sem arrogância. A categoria reúne valores de **resiliência, aceitação e maturidade emocional**.

4. Desenvolvimento humano, social e formativo promovido pelo basquete

Unidades de sentido recorrentes:

Respostas

“Disciplina”, “coletivo”, “trabalho em equipe”, “caráter”, “vida adulta”, “humildade”, “qualidade de vida”.

Esporte visto como ferramenta educacional.

Síntese da categoria:

Os responsáveis percebem o basquete como um espaço de educação moral e social, fortalecendo caráter, convivência, autonomia, cooperação e hábitos saudáveis.

5. Apoio familiar como mediador da relação com o esporte

Unidades de sentido predominantes:

Respostas

“Apoio”, “incentivo”, “estamos juntos”, “sempre conversamos”, “a família ama o esporte”.

Pais que reconhecem seu papel de mediadores e facilitadores.

Síntese da categoria:

A categoria descreve o envolvimento ativo da família na construção de uma relação saudável com o basquete: apoio emocional, presença, entendimento do processo e suporte contínuo.

DISCUSSÃO

A análise das 125 respostas evidenciou a complexidade das relações familiares que permeiam a trajetória esportiva de jovens atletas.

A partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), emergiram três categorias principais — Apoio Afetivo, Controle Excessivo e Ausência de Diálogo com Treinadores — que revelam distintos modos de participação parental no ambiente esportivo infantojuvenil.

A) Apoio Afetivo

A categoria *Apoio Afetivo* destacou-se como o eixo mais recorrente nas respostas, evidenciando que a maioria dos pais associa o esporte à formação integral dos filhos, valorizando aspectos como o prazer de jogar, o companheirismo e o fortalecimento emocional. Expressões como “*quero que ele se divirta*”, “*o importante é participar*” e “*ensinamos a respeitar e continuar tentando*” refletem a presença de uma postura educativa e afetiva.

Segundo Côté (1999), o suporte emocional familiar constitui um dos pilares do desenvolvimento do talento esportivo, pois permite que o jovem se mantenha motivado e confiante durante as fases de aprendizagem e competição. De forma semelhante, Knight e Holt (2014) observam que a parentalidade positiva no esporte está associada ao estímulo da autonomia, da resiliência e da regulação emocional, mais do que à busca por resultados imediatos.

Nesse sentido, o apoio afetivo pode ser compreendido, à luz do modelo bioecológico de Bronfenbrenner (1996), como um processo proximal essencial à formação do atleta, uma vez que reforça interações de cuidado e reconhecimento que ocorrem no microssistema familiar. Tal relação afetiva amplia a percepção de pertencimento e favorece a permanência da criança no esporte, contribuindo para sua trajetória esportiva e educativa.

B) Controle Excessivo

A segunda categoria, *Controle Excessivo*, revelou comportamentos parentais marcados por cobranças excessivas, comparações constantes e expectativas de desempenho elevado. Alguns relatos evidenciam que parte dos pais compreende o esporte como um campo de validação pessoal ou social, projetando nos filhos suas próprias aspirações de sucesso. De acordo com

Harwood e Knight (2015), essa postura de controle tende a gerar tensões emocionais e sobrecarga psicológica nas crianças e adolescentes, podendo comprometer o prazer pela prática e a autonomia esportiva. A literatura destaca que o envolvimento parental é benéfico até certo ponto; quando ultrapassa limites educativos, passa a interferir negativamente na motivação e no desenvolvimento emocional do atleta.

Sob o enfoque do modelo de Bronfenbrenner (1996), o controle excessivo representa uma disfunção nas interações do microssistema familiar, pois o apoio se converte em pressão, distorcendo o equilíbrio necessário entre desafio e segurança. Esse desequilíbrio pode gerar trajetórias esportivas marcadas por desistência precoce, baixa autoestima e relação instrumentalizada com o esporte.

C) Ausência de Diálogo com Treinadores

Esta categoria evidencia um distanciamento entre as esferas familiar e profissional que compõem o ecossistema esportivo. Diversos pais relataram falta de comunicação com os técnicos, ausência de reuniões ou de espaços de troca sobre o processo de formação dos filhos.

Essa lacuna relacional compromete a construção de um ambiente educativo integrado, como destacam Carvalho (2000) e Stake (1995), para quem o desenvolvimento humano requer interações consistentes entre os agentes sociais que compartilham a responsabilidade formativa. No contexto esportivo, essa ausência de diálogo limita o potencial educativo da prática e pode gerar interpretações equivocadas sobre o papel de cada ator — treinador, família e instituição.

À luz do modelo bioecológico, essa desconexão entre microssistemas (família e equipe) configura um enfraquecimento do mesosistema, reduzindo o fluxo de informação e apoio mútuo (Bronfenbrenner, 1996). Em termos pedagógicos, isso reforça a necessidade de ações comunicativas sistemáticas entre treinadores e familiares, a fim de alinhar expectativas e preservar o sentido educativo da prática esportiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência formativa desenvolvida no Torneio Internacional Internacional de Franca – SP evidencia que o envolvimento familiar na trajetória esportiva pode ser potencializado por meio de ações educativas planejadas. Essas ações devem fundamentar os encaminhamentos propostos, sugerindo a implementação de estratégias permanentes voltadas à formação e orientação familiar.

A presença dos pais no contexto esportivo deve ser compreendida como uma oportunidade de formação ampliada, desde que mediada com responsabilidade, escuta ativa e respeito às funções pedagógicas dos profissionais envolvidos no processo formativo.

Os resultados preliminares indicaram alto envolvimento emocional dos pais e permitiram a identificação de três categorias centrais: apoio afetivo (positivo), controle excessivo (de risco) e ausência de diálogo com treinadores (lacuna comunicacional).

As três categorias identificadas — *apoio afetivo, controle excessivo e ausência de diálogo com treinadores* QUE compõem um panorama das formas de envolvimento parental no esporte, evidenciando tensões entre acolhimento e exigência, diálogo e distanciamento.

O predomínio do apoio afetivo indica a existência de uma base educativa sólida, ainda que vulnerável às interferências culturais e competitivas próprias do ambiente esportivo contemporâneo.

Esses achados reforçam a concepção de que a trajetória esportiva infantil deve ser compreendida como um processo educativo e relacional, no qual o desenvolvimento do atleta depende da qualidade das interações familiares, institucionais e afetivas. Como destaca Rocha (2024), “educar pelo esporte é promover experiências significativas que formam o caráter e o pertencimento social do jovem, muito além da vitória ou derrota”.

Nota-se necessário em todos os torneios de base do Brasil uma interligação entre pais, mães, técnicos(as), gestores(as) e arbitragem para que seja combinado que o maior título que possa acontecer é o desenvolvimento dos atletas, é o uso de valores esportivos inegociáveis e os ambientes acolhedores, cheios de situações positivas que elevam a famílias e a educação por meio do esporte.

SUGESTÕES PRÁTICAS

Sugere-se a implementação de ações permanentes de orientação familiar em eventos esportivos, com foco na formação cidadã de jovens atletas. Essas ações devem considerar o contexto emocional das famílias e fomentar espaços dialógicos entre pais, filhos e profissionais do esporte, a fim de promover relações construtivas e colaborativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- BRONFENBRENNER, U; MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. In: DAMON, W.; LERNER, R.M. (org.). **Handbook of child psychology**. 6. ed. Hoboken: Wiley, 2006.
- CARVALHO, M.P. Relação família-escola: um campo em construção. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 70, p. 163–187, 2000.
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395–417, 1999.
- DE ROSE JR., D.; CAMPOS, R.R.; TRIBST, M. Motivos que llevan a la práctica del baloncesto: um estudo com jovens brasileiros. **Revista de Psicologia del Deporte**, v.10, n.2, p. 293,304, 2001.
- HARWOOD, C.G.; KNIGHT, C.J. Parenting in youth sport: A position paper on parenting expertise. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, p. 24–35, 2015.
- KNIGHT, C.J.; HOLT, N.L. Parenting in youth sport: From research to practice. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v. 3, n. 3, p. 173–178, 2014.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.
- OLIVEIRA, V. **Formação esportiva e contexto familiar no basquetebol brasileiro**. Curitiba: CRV, 2020.
- ROCHA, A.J.P. **Educação, trajetória e basquetebol no Brasil**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2024.
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- STAKE, R.E. **The art of case study research**. Thousand Oaks: Sage, 1995.
- TUDGE, J.R. H. **The everyday lives of young children: culture, class, and child rearing in diverse societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

**FAMÍLIA E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO NO HANDEBOL:
UM OLHAR BIOECOLÓGICO SOBRE AS PERCEPÇÕES DE
TREINADORES E ATLETAS**

**Mariana Trindade Rosa de Souza
Caio Vagetti de Oliveira
Valdomiro de Oliveira**

INTRODUÇÃO

A família desempenha papel central na socialização esportiva de crianças e adolescentes, atuando como fonte de incentivo, suporte material e moral, e espaço de mediação entre o indivíduo e outros contextos sociais (Côté, 1999; Holt e Knight, 2014).

Desde a iniciação esportiva até a especialização, o ambiente familiar pode atuar como um fator de incentivo, motivação e apoio emocional, ou, em contrapartida, como elemento de pressão e desmotivação (Fonseca e Stela, 2015). As atitudes, valores e expectativas parentais exercem influência direta sobre o engajamento dos filhos na prática esportiva, impactando não apenas sua permanência na modalidade, mas também a forma como percebem o esporte e constroem sua trajetória como atletas (Almeida e De Souza, 2016).

Estudos têm indicado que o suporte familiar constitui um importante mediador na relação entre o esporte e o desenvolvimento integral do indivíduo, favorecendo aspectos como disciplina, resiliência, autonomia e desempenho acadêmico (De Souza et al., 2024). No contexto esportivo juvenil, a presença dos pais em treinos e competições, o reconhecimento das conquistas e o incentivo equilibrado são fatores que fortalecem o vínculo dos jovens com a modalidade, contribuindo para a formação de valores e para o bem-estar emocional (Alves e Becker, 2021). Por outro lado, comportamentos parentais caracterizados por cobranças excessivas, expectativas desproporcionais ou desvalorização do esporte podem comprometer a motivação e até mesmo provocar o abandono da prática esportiva (Fonseca e Stela, 2015).

A literatura também aponta que, nas modalidades coletivas, como o handebol (Rosa, Vagetti e Oliveira, 2023), o ambiente familiar exerce influência significativa sobre a trajetória dos atletas, especialmente por meio das interações que ocorrem nos diferentes sistemas ecológicos descritos por Bronfenbrenner (2011).

Nessa perspectiva, o microssistema familiar é compreendido como um espaço de trocas afetivas e de suporte simbólico que impacta diretamente o desenvolvimento esportivo e humano. Ademais, fatores como o nível de estresse competitivo, a forma como os pais lidam com vitórias e derrotas e a comunicação estabelecida entre membros da família e treinadores também interferem nas respostas emocionais e no rendimento dos jovens atletas (De Rose Junior e Vasconcellos, 2020).

A **Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano**, proposta por Bronfenbrenner (2011), oferece um referencial para compreender as múltiplas interações que moldam o desenvolvimento dos indivíduos em contextos esportivos. Essa teoria sustenta que o desenvolvimento humano ocorre a partir de processos proximais (interações recíprocas e contínuas entre o indivíduo e o ambiente) que se manifestam em diferentes níveis ecológicos: o **microssistema**; o **mesossistema**; o **exossistema**; o **macrossistema**; e o **cronossistema**. No campo esportivo, essa abordagem permite compreender como as relações familiares e sociais se articulam em diferentes contextos, influenciando a motivação, o engajamento e desenvolvimento do atleta.

Dessa forma, compreender a influência da família na prática esportiva é fundamental para identificar os elementos que potencializam o envolvimento dos jovens no esporte e aqueles que podem limitar sua permanência e desenvolvimento. Portanto, o presente capítulo tem objetivo analisar como as interações entre família e ambiente esportivo (microssistema) e suas conexões (mesossistema) influenciam o desenvolvimento esportivo de jovens atletas de handebol, com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

ENTRE O LAR E A QUADRA: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA SOB A ÓTICA DA TEORIA BIOECOLÓGICA

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Urie Bronfenbrenner (1979; 2011), possibilita compreender o desenvolvimento humano por meio de uma visão sistêmica. O Modelo PPCT (Processo - Pessoa - Contexto - Tempo), orienta uma visão integrada entre as características individuais, processos de interação, contextos inter-relacionados e trajetória temporal.

Na dimensão **Processo**, situam-se os **processos proximais**, compreendidos como interações recíprocas e contínuas que se estabelecem entre o indivíduo, o ambiente e as pessoas com as quais ele mantém relações significativas ao longo do tempo (Benetti et al., 2013; Bronfenbrenner, 2011).

Esses processos representam o principal motor do desenvolvimento esportivo, pois é por meio deles que os pais exercem influência direta sobre a motivação, o engajamento e o desempenho dos filhos, ao mesmo tempo em que são impactados pelas respostas e necessidades dos jovens atletas. Com base nos ensinamentos de Bronfenbrenner (2011), no contexto esportivo, essas interações podem ser analisadas em diferentes níveis de complexidade: as **díades**, envolvendo duas pessoas, como pai e filho ou mãe e filho; as **tríades**, envolvendo três participantes, como pai, mãe e filho; e as **tétrades**, envolvendo quatro elementos ou mais, como pai, mãe, filho e treinador ou equipe esportiva.

Dessa forma, o desenvolvimento esportivo resulta de uma dinâmica bidirecional, na qual os pais não atuam apenas como provedores de apoio, mas como agentes ativos que influenciam, orientam e ajustam as experiências esportivas de seus filhos, construindo um ambiente favorável ou desfavorável ao seu desenvolvimento. A compreensão dessas interações, torna-se importante para analisar de que maneira o suporte familiar contribui para o desenvolvimento esportivo e pessoal dos jovens atletas.

A dimensão **Pessoa**, segundo Bronfenbrenner (2011), possui três características que influenciam o indivíduo que participa dos processos proximais: **disposições, recursos e demandas**. As **disposições** referem-se às motivações, interesses e tendências comportamentais que impulsionam a ação do indivíduo. As geradoras, sob uma perspectiva positiva, temos como exemplo pais que incentivam, demonstram interesse e valorizam o esforço dos filhos. Por outro lado, podem ser disruptivas, quando há cobranças excessivas, críticas constantes ou desvalorização das conquistas, essas mesmas disposições podem ser inibidas, gerando desmotivação, ansiedade e afastamento da prática esportiva.

Os **recursos** dizem respeito às competências pessoais que favorecem o engajamento em processos proximais. Quando os pais oferecem suporte emocional, financeiro e estrutural (como transporte, equipamentos e acompanhamento), ampliam as possibilidades de participação e desempenho

esportivo. Contudo, a ausência de apoio, o desinteresse ou as limitações materiais e afetivas podem restringir essas oportunidades, comprometendo o engajamento do jovem atleta.

Por fim, as **demandas** correspondem aos atributos pessoais que despertam reações nos ambientes sociais. Demandas positivas, como disciplina, responsabilidade e entusiasmo, tendem a estimular respostas favoráveis dos pais e treinadores, fortalecendo os vínculos e a continuidade no esporte. Em contrapartida, demandas percebidas como desinteresse, baixa motivação ou comportamentos desafiadores podem gerar reações negativas, resultando em conflitos familiares ou desinvestimento parental. Dessa forma, a interação entre disposições, recursos e demandas revela a natureza bidirecional da relação entre pais e filhos, evidenciando que o desenvolvimento esportivo depende tanto das características individuais do atleta quanto das respostas e atitudes de seu contexto familiar.

Na dimensão **Contexto**, os sistemas ambientais são organizados em **níveis concêntricos e interdependentes**, que se influenciam mutuamente e moldam o desenvolvimento do indivíduo. O **microssistema** representa o nível mais próximo e envolve as interações diretas e cotidianas (Coscioni et al., 2018, Bronfenbrenner, 2011), como aquelas estabelecidas entre o jovem atleta e sua **família, escola, clube esportivo ou grupo de amigos**.

O **mesossistema** abrange as inter-relações entre dois ou mais microssistemas (Coscioni et al., 2018; Bronfenbrenner, 2011), como a articulação entre **família e escola** ou **família e clube**, nas quais o diálogo e a cooperação entre pais, professores e treinadores favorecem o equilíbrio entre as demandas esportivas e acadêmicas.

Já o **exossistema, conforme os mesmos autores**, refere-se aos contextos que não envolvem a participação direta do atleta, mas que exercem influência indireta sobre sua experiência esportiva como por exemplo, **as políticas esportivas municipais, a atuação de federações, o trabalho ou as condições socioeconômicas dos pais**, que podem determinar o acesso a competições, transporte e recursos materiais.

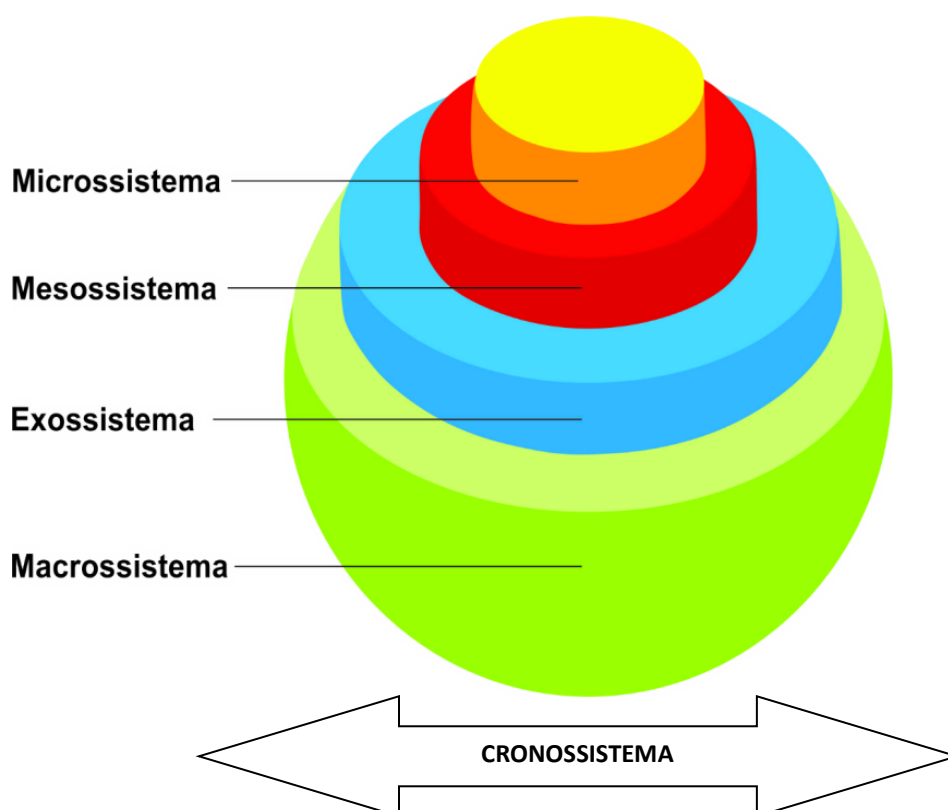
O **macrossistema**, por sua vez, compreende os **valores culturais, crenças e normas sociais** (Coscioni et al., 2018; Bronfenbrenner, 2011), que moldam as atitudes parentais e as percepções sociais sobre o esporte, como a

valorização da vitória, o prestígio de determinadas modalidades ou as expectativas de gênero no desempenho esportivo.

Finalmente, o **cronossistema** acrescenta a dimensão **Tempo** à teoria, reconhecendo que o desenvolvimento humano ocorre em um contínuo de transformações individuais e contextuais (Bronfenbrenner, 2011).

Assim, ao considerar simultaneamente as dimensões espaciais e temporais, compreende-se que a influência dos pais no desenvolvimento esportivo dos filhos é dinâmica, contextual e evolutiva, moldando-se às diferentes fases da vida e às condições socioculturais em que se insere. A **Figura 1**, elaborada com base em Bronfenbrenner (2011), ilustra essa visão sistêmica e integrada do desenvolvimento humano:

Figura 1 – Sistema de estruturas agrupadas, interdependentes e dinâmicas.



Fonte: Rosa, Vagetti e Oliveira (2023).

No contexto do desenvolvimento esportivo, a família e o handebol configuram-se como microsistemas fundamentais, nos quais ocorrem as interações diretas e cotidianas que sustentam os processos proximais do jovem atleta (Coscioni et al., 2018; Bronfenbrenner, 2011). A família representa o primeiro espaço de socialização e apoio emocional, exercendo influência

decisiva nas motivações, valores e atitudes diante do esporte. Já o ambiente esportivo, representado pelo handebol, constitui um espaço privilegiado de desenvolvimento de competências físicas, cognitivas e socioemocionais. Quando esses microssistemas se articulam de forma harmônica, estabelecendo diálogo e cooperação entre pais e treinadores, formam o que Bronfenbrenner (2011) denomina de **mesossistema**: um campo de inter-relações que potencializa o desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, a comunicação entre família e esporte torna-se importante para equilibrar as demandas acadêmicas e esportivas, promovendo o bem-estar, a permanência e o crescimento pessoal dos jovens atletas.

METODOLOGIA

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, cujo objetivo foi analisar como as interações entre família e ambiente esportivo (microssistema) e suas conexões (mesossistema) influenciam o desenvolvimento esportivo de jovens atletas de handebol, com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

A pesquisa foi submetida à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – Setor de Ciências da Saúde – UFPR, sendo aprovada em 5 de abril de 2021, do CAEE 41993220.0.0000.0102, com parecer n. 4.630. 020.

Participaram da pesquisa dez atletas, sendo cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino, com idades entre 15 e 19 anos, os quais representaram a Seleção de Handebol de Curitiba nos Jogos da Juventude do Paraná (JOJUP's) entre os anos de 2019 e 2021. Também integraram o estudo cinco treinadores com experiência prévia na condução de equipes representativas da mesma seleção. Para preservar o anonimato dos participantes, adotou-se a sigla Atl (atletas) e Tre (treinadores) nas discussões.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas a partir de um roteiro adaptado das investigações de Santos (2016) e Mastrocola (2021). As questões foram elaboradas com base nas dimensões do Modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo), proposto por Bronfenbrenner, de modo a orientar a compreensão dos fatores familiares e ambientais que influenciam o desenvolvimento esportivo dos jovens atletas.

Para o tratamento e interpretação dos dados, empregou-se a análise de conteúdo segundo os procedimentos sistematizados por Bardin (2016), contemplando as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, procedeu-se à leitura flutuante e à organização das transcrições das entrevistas, com o apoio do software ATLAS.ti (versão 9), utilizado para o armazenamento e gerenciamento dos dados textuais. Em seguida, na fase de exploração do material, foram criados os códigos e categorias de análise. O processo de codificação adotou uma abordagem dedutiva, uma vez que tanto os códigos quanto as categorias foram fundamentados nos pressupostos da TBDH.

O quadro 1 ilustra o processo de categorização desenvolvido nesta etapa.

Quadro 1 – Códigos e Categorias

CÓDIGOS	CATEGORIAS
INTERAÇÕES RECÍPROCAS	PROCESSO
DISPOSIÇÕES	PESSOA
RECURSO	
DEMANDA	
MICROSSISTEMA	CONTEXTO
MESOSSISTEMA	
CRONOSSISTEMA	TEMPO

FONTE: os autores (2025).

Na etapa final da análise, as interpretações foram elaboradas a partir do processo de codificação e categorização dos dados, tomando como base as falas dos participantes. Optou-se por apresentar os resultados em forma de sínteses interpretativas, articuladas com citações representativas que ilustram as principais unidades de sentido identificadas. Essa estratégia buscou assegurar o rigor analítico da investigação, ao mesmo tempo em que preservou a autenticidade e a voz dos participantes, valorizando suas percepções e experiências no contexto esportivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de conteúdo (Bardin, 2016) das entrevistas evidenciou que a família exerce papel determinante, tanto positivo quanto negativo, na trajetória esportiva dos jovens atletas de handebol. Sob a ótica bioecológica (Bronfenbrenner, 2011), essa influência se manifesta em múltiplos níveis de interação, configurando uma rede de apoios e pressões que atravessa as dimensões Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT).

Dorsch et al. (2022), com esta mesma visão sistêmica, definiram o Sistema de Esporte Juvenil como um conjunto de pessoas e contextos interdependentes que influenciam e são influenciados por um atleta no esporte juvenil, ou seja, os autores defendem que as pessoas e contextos que envolvem o atleta no esporte juvenil devem ser analisados de forma integrada, com funções que se ajustam e se redefinem ao longo do tempo.

Dessa forma, os resultados obtidos apontam para a necessidade de compreender o desenvolvimento esportivo dos jovens a partir de uma perspectiva relacional e dinâmica, em que as influências familiares e esportivas se entrelaçam continuamente. A abordagem bioecológica oferece um referencial teórico consistente para essa análise, pois permite examinar como as interações entre pessoa, processo, contexto e tempo moldam as trajetórias no esporte juvenil. A partir dessa compreensão, tornou-se possível discutir, cada uma das dimensões do modelo PPCT e suas implicações no desenvolvimento dos atletas de handebol.

Interações recíprocas e o papel da família na dimensão processo do desenvolvimento esportivo

Na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 2011), a dimensão Processo é considerada o núcleo explicativo do desenvolvimento, por representar as interações recíprocas e contínuas entre o indivíduo e o ambiente ao longo do tempo, os chamados processos proximais. Neste estudo, as falas de atletas e treinadores de handebol mostram que as interações entre pais e filhos constituem o principal eixo de sustentação dos processos proximais, tanto em suas formas positivas quanto negativas.

A presença dos pais nos treinos e competições foi descrita como fator de motivação, reforçando a confiança e o senso de pertencimento. Um atleta relatou: *“meu pai sempre foi em todos os jogos, ele grita, vibra, e isso me dá*

mais vontade de jogar” (Atl 02). Esse tipo de interação configura uma díade positiva (Bronfenbrenner, 2011), marcada pela reciprocidade emocional e pelo apoio simbólico, que fortalece o vínculo entre o atleta e o ambiente esportivo. Corroborando com esta fala, o estudo sobre os atributos pessoais de atletas de basquete feminino de Folle, Ramos e Nascimento (2015) identificou nas falas das participantes que além do suporte parental ser crucial para a entrada das meninas na modalidade, a presença de um membro da família no microssistema esportivo facilita o desenvolvimento da atleta no esporte.

Por outro lado, surgiram também processos interacionais que se mostraram prejudiciais, especialmente quando marcados por cobranças excessivas ou interferência exagerada dos pais no desempenho. Uma atleta mencionou: *“minha mãe cobrava muito, se eu errava um gol ela já dizia que eu não estava me esforçando o suficiente”* (Atl 05). Essa experiência revela como uma díade negativa pode gerar ansiedade e reduzir a autoconfiança, interferindo no prazer pela prática e na continuidade no esporte. Esse tipo de cobrança, na qual são criadas expectativas acerca do rendimento do filho, gera um conflito negativo (Thrower, Harwood e Spray, 2019).

As tríades, que no estudo envolveram as interações entre o atleta, o treinador e os pais, foram igualmente relevantes para compreender os processos proximais. Em alguns casos, a colaboração entre esses agentes favoreceu um ambiente de apoio e desenvolvimento. Um treinador destacou: *“quando os pais confiam no nosso trabalho, o atleta se sente mais tranquilo, e o rendimento melhora muito”* (Tre 01). Contudo, quando há conflito entre as expectativas familiares e a orientação técnica, o processo tende a se fragilizar. Como observou outro treinador: *“tem pai que quer que o filho jogue mais tempo, briga com a gente por isso, e o menino acaba ficando desconfortável”* (Tre 04). Essas tensões demonstram como a ausência de alinhamento entre microssistemas distintos (família e esporte) que pode comprometer desempenho e o bem-estar emocional dos filhos (Alves & Becker, 2021).

Quando os diferentes contextos de desenvolvimento (família e esporte) se articulam de maneira cooperativa, o jovem atleta encontra um suporte mais amplo e equilibrado para conciliar suas responsabilidades acadêmicas e esportivas. Essa integração favorece a construção de uma rede de apoio que reconhece o valor formativo do esporte e compreende suas demandas. Como

relatou um dos participantes: *“meus pais conversam com a escola quando tem viagem, eles entendem que o handebol é importante pra mim”* (Atl 03). Por outro lado, a ausência de diálogo entre esses contextos pode gerar tensões e conflitos na rotina do jovem, conforme o depoimento: *“teve vez que não consegui viajar porque a escola não liberou, e meus pais ficaram bravos, acharam que o esporte estava atrapalhando”* (Atl 07). Pesquisas indicam que a prática esportiva, longe de comprometer o desempenho escolar, tende a contribuir positivamente para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes (Cerdeira, Garcia e Cerdeira, 2023; Schultz, 2017).

Esses achados indicam que o desenvolvimento esportivo dos jovens atletas depende da qualidade e da estabilidade das interações entre os diferentes atores que compõem o seu ambiente. Processos proximais marcados por afeto, diálogo e apoio mútuo fortalecem a autonomia, a resiliência e o compromisso dos jovens com o esporte. Em contrapartida, interações desarmônicas, caracterizadas por cobrança, conflito ou desvalorização, geram rupturas que podem limitar o potencial formativo do handebol. Assim, confirma-se que o desenvolvimento esportivo é fruto de uma teia relacional complexa, na qual a família, ao interagir com outros contextos, exerce papel determinante na mediação entre o indivíduo e o ambiente, configurando-se como agente ativo do desenvolvimento humano no esporte.

Processos bioecológicos da pessoa: entre emoções, motivação e conflitos familiares

Na dimensão Pessoa, a análise revelou que a família desempenha papel importante na formação da identidade esportiva e na construção de atributos pessoais, como disciplina e autoconfiança.

Contudo, **essa influência nem sempre é positiva**, pois em alguns casos, pais e responsáveis reproduzem cobranças excessivas, expectativas irreais ou comparações com outros atletas, o que repercute na autopercepção e no bem-estar dos jovens. O Atl 7 destacou a ambiguidade dessa relação: *“Meus pais sempre quiseram que eu me destacasse, mas às vezes eu sentia que o orgulho deles dependia do meu desempenho. Quando eu errava, parecia que decepcionava.”*

Esse tipo de experiência reflete um processo de internalização de pressões externas, que pode gerar ansiedade, perfeccionismo e medo de falhar, aspectos também descritos por Holt e Knight (2014) ao discutirem o apoio controlado na parentalidade esportiva, que ocorre quando os pais, embora envolvidos e bem-intencionados, exercem pressão excessiva sobre o desempenho esportivo dos filhos, estabelecendo expectativas rígidas e reforçando a necessidade de resultados

Por outro lado, os treinadores reconhecem que a estrutura emocional familiar influencia diretamente o perfil do atleta em quadra. O Tre 3 observou: *“O comportamento do atleta em treino mostra muito do ambiente em casa. Quando há cobrança demais ou pouca valorização, o rendimento cai”*.

Essas percepções indicam que, no microssistema familiar, coexistem estímulos positivos (incentivo, orgulho, apoio) e negativos (exigência, comparação, desvalorização), que moldam características pessoais e emocionais.

As disposições referem-se às motivações, interesses e tendências de engajamento do indivíduo. De acordo com Bronfenbrenner (2011), as disposições são a força propulsora da ação humana, uma vez que traduzem a energia psicológica que sustenta o envolvimento nos processos proximais.

Nos relatos analisados, observa-se que o apoio familiar funciona como um elemento mediador da motivação e da permanência no esporte. Um dos atletas expressou: *“foi uma coisa que eu botei na cabeça que é o esporte que eu amo, o esporte que eu não vou largar”* (Atl 01), revelando uma disposição geradora positiva, potencializada pela valorização recebida em casa. Essa relação confirma o que Rosa, Vagetti e Oliveira (2023) destacaram, que o engajamento no esporte transcende o domínio técnico-tático e promove aprendizagens socioemocionais como resiliência, cooperação e superação, que se consolidam nas interações cotidianas. Da mesma maneira, Nakashima & Nascimento (2018), identificaram o envolvimento familiar e os atributos pessoais da atleta demonstraram ser determinantes na autorrealização.

Entretanto, quando o ambiente familiar adota uma postura de cobrança ou desvalorização, as disposições disruptivas ganham destaque, gerando sentimentos de frustração e afastamento do esporte. Uma atleta relatou: *“às vezes meu pai não entendia que eu precisava faltar em um aniversário pra jogar,*

ele ficava bravo, dizia que eu só vivia no ginásio” (Atl 05). Situações como essa sinalizam, conforme *Paes (2006)*, que o esporte escolar deve priorizar uma pedagogia que humanize o processo competitivo, valorizando o prazer e a autonomia do praticante, e não a reprodução de expectativas externas.

Os recursos, conforme *Bronfenbrenner (2011)* dizem respeito às capacidades cognitivas, emocionais e materiais que sustentam o envolvimento do indivíduo em processos proximais. No caso dos atletas investigados, o suporte emocional e a orientação dos pais foram identificados como recursos fundamentais. Um participante exemplificou: *“eu cheguei, sentei com meu pai e falei: pai, o que eu faço? Me ajuda. Ele colocou na balança e disse: veja o que é melhor pra você” (Atl 02).*

Essa fala revela um tipo de mediação que, de acordo com *Paes (2017)*, expressa o verdadeiro sentido educativo do esporte: um espaço de diálogo entre gerações, onde o aprendizado técnico se entrelaça ao ético e ao emocional. Por outro lado, a falta de recursos, seja por limitações financeiras ou desinteresse dos familiares, pode restringir as oportunidades de participação, como demonstrado em: *“tem atleta que chega sozinho, sem ninguém pra acompanhar, e a gente sente que isso pesa” (Tre 04).* A ausência desse suporte, segundo *Rosa, Vagetti & Oliveira (2023)*, tende a fragilizar o vínculo com o esporte e reduzir sua potência formativa.

Já as demandas correspondem aos atributos pessoais que provocam reações no ambiente social, podendo facilitar ou inibir os processos de desenvolvimento. Em conformidade com *Bronfenbrenner e Morris (1998)* essas características interagem dinamicamente com o meio, configurando respostas positivas ou negativas. No contexto deste estudo, observou-se que pais e treinadores respondem de forma distinta às demandas apresentadas pelos atletas. Um jovem relatou: *“sempre tinha aquele que olhava e dizia: ai, baixinho... e eu sempre queria mostrar que conseguia bater nos grandões” (Atl 04).* Esse exemplo ilustra uma demanda percebida inicialmente como limitação física, mas ressignificada como motivação para o desempenho.

Assim, ao integrar os pressupostos da TBDH, observa-se que a família ocupa um papel central no microsistema esportivo, mediando o equilíbrio entre as disposições internas do atleta e as demandas do contexto competitivo. O desenvolvimento esportivo, portanto, não se restringe ao rendimento técnico,

mas se constrói como um processo educativo e relacional, em que a interação entre pessoa e ambiente, mediada pela família, constitui o principal motor na formação do jovem atleta.

A dimensão contextual no desenvolvimento esportivo: tensões entre microssistema e mesossistema

Nesta dimensão, o modelo PPCT de Bronfenbrenner (2011) traz o conjunto de sistemas ambientais interdependentes que moldam as interações proximais do indivíduo, sendo o microssistema o espaço das relações diretas e o mesossistema o campo das conexões entre esses contextos. No âmbito do handebol investigado, o microssistema (família e esporte) e o mesossistema (as articulações entre eles) configuram-se como redes de influência mútua que podem tanto potencializar quanto limitar o desenvolvimento esportivo dos jovens.

Revelou-se, nesta categoria, que a família atua como mediadora entre o atleta e os diferentes sistemas sociais. Essa mediação, porém, também pode se tornar fonte de tensão quando há falta de alinhamento entre os valores familiares e os objetivos esportivos. Como observam Côté (1999) e Harwood e Knight (2015), o envolvimento parental é um elemento crucial no processo de socialização esportiva, mas, quando excessivamente controlado, pode gerar ansiedade e conflitos de autoridade. O Tre 1 relatou: *“Tem famílias que apoiam de verdade, mas há outras que só aparecem para reclamar. Quando o filho não joga o tempo que esperavam, já questionam o trabalho.”* Tais conflitos refletem uma disputa simbólica por reconhecimento, em que pais e treinadores competem pela autoridade na formação esportiva do jovem, fenômeno que pode enfraquecer o mesossistema, gerando ruídos de comunicação e diminuindo a confiança mútua, conforme descrito por Bronfenbrenner (2005) como uma ruptura nas conexões intersistêmicas.

Em contrapartida, a presença física e emocional dos pais em treinos e jogos constitui exemplo recorrente de influência promotora: *“meu pai sempre foi em todos os jogos, ele grita, vibra, e isso me dá mais vontade de jogar”* (Atl 02). Esse tipo de apoio favorece pertencimento, autoestima e engajamento elementos fundamentais para a continuidade no esporte, como salientam Rosa, Vagetti e Oliveira (2023) e Knight & Holt (2014), que identificaram que o envolvimento parental ideal é aquele que aumenta o prazer e melhora o desempenho das crianças.

Contrastando, o microsistema também pode ser fonte de restrição quando o apoio é ausente ou punitivo. Relatos de pais que desvalorizam a prática esportiva ou impõem proibições ilustram como o próprio microsistema pode gerar afastamento, como a fala de Atl 03: *“minha mãe achava que o handebol estava atrapalhando meus estudos e me proibiu de treinar por um tempo”*. Essa ambiguidade do contexto familiar também é discutida por Gould et al. (2008), ao apontarem que as expectativas parentais, quando desalinhadas, podem comprometer a motivação e o prazer no esporte.

No mesossistema, marcado pela conexão entre microsistemas, muitas famílias assumem responsabilidades que ultrapassam suas possibilidades materiais. O Tre 4 observou: *“Alguns pais se sacrificam financeiramente para manter o filho no esporte. Quando não conseguem, isso gera frustração e até desistência.”*

Portanto, no plano contextual, a família aparece como elo indispensável, mas também como locus de conflito e limitação, revelando que o apoio familiar, embora essencial, é condicionado por fatores econômicos, simbólicos e institucionais. Como destacam Bronfenbrenner (2011) e Santos, Vagetti e Oliveira (2017), o desenvolvimento humano, inclusive no esporte, exige coerência e comunicação entre os sistemas ecológicos. Assim, a cooperação entre família, escola e equipe técnica, quando pautada em diálogo e corresponsabilidade, constitui base para ambientes de desenvolvimento mais sustentáveis e integrados.

Em suma, a dimensão contexto demonstra que o desenvolvimento dos jovens atletas depende diretamente da articulação entre família, escola e ambiente esportivo. Quando esses sistemas mantêm diálogo e cooperação, favorecem o engajamento e a continuidade no handebol. Entretanto, conflitos de valores, falta de comunicação e desigualdades estruturais podem gerar tensões que dificultam o processo formativo.

A dimensão do tempo no desenvolvimento esportivo: continuidades, rupturas e ressignificações

Na dimensão temporal, os relatos mostraram que a influência familiar se transforma ao longo da trajetória, acompanhando as fases de desenvolvimento do atleta. Essa dinâmica expressa o que Bronfenbrenner (2011) denomina cronossistema, isto é, o conjunto de mudanças e continuidades que ocorrem ao

longo do tempo tanto na vida do indivíduo quanto nos contextos nos quais ele está inserido. O tempo, nessa perspectiva, não é apenas uma variável cronológica, mas um elemento estruturante que revela como os vínculos e significados das experiências esportivas se constrói e se transforma.

A fala do Atl 5 ilustra essa dimensão: *“Na pandemia, treinei em casa, mas não era a mesma coisa. Meus pais me ajudavam, mas também queriam que eu estudasse mais. Fiquei dividido e quase parei.”* Esse relato evidencia como eventos históricos e sociais, no caso a pandemia, produzem rupturas nas trajetórias de desenvolvimento, interferindo na dinâmica entre apoio e cobrança familiar. Segundo Bronfenbrenner (2011), as mudanças no ambiente, como crises, transições escolares ou eventos globais, podem modificar a natureza e a direção das interações proximais, exigindo dos sujeitos processos de adaptação e ressignificação.

De modo semelhante, o Tre 2 destacou: *“Muitos atletas voltaram desmotivados depois da pandemia. Alguns pais priorizaram a escola e não quiseram mais liberar para competições.”* Essa percepção reforça que o tempo atua como mediador das relações ecológicas entre esporte, escola e família, revelando momentos de continuidade, ruptura e reconstrução de sentidos. As trajetórias esportivas, portanto, não são lineares, mas compostas por ciclos em que os papéis familiares, institucionais e pessoais são reinterpretados diante das transformações contextuais.

Autores como Tudge et al. (2009) e Rosa e Tudge (2013) aprofundam essa compreensão ao salientar que o desenvolvimento humano deve ser entendido como um processo histórico e culturalmente situado, em que as transições temporais refletem tanto o crescimento individual quanto as mudanças nos sistemas sociais e educacionais que circundam o sujeito. No contexto do esporte escolar, o tempo demarca não apenas as fases de iniciação, consolidação e possível abandono esportivo, mas também o modo como as experiências acumuladas e as expectativas familiares moldam o sentido de permanência e pertencimento à prática.

Assim, o cronossistema atua como um registro dinâmico das oscilações nas formas de apoio, controle e incentivo familiar ao longo da vida esportiva. Ele mostra que o desenvolvimento no esporte escolar emerge de transições ecológicas (Bronfenbrenner, 2011), nas quais os significados atribuídos à prática

esportiva são constantemente ressignificados em função das mudanças pessoais, familiares e sociais. Nessa perspectiva, o tempo não é apenas passagem, mas processo formativo, que articula continuidade e transformação.

Portanto, compreender a dimensão temporal permite reconhecer que o desenvolvimento esportivo dos jovens está intrinsecamente ligado à sua história de vida, às experiências compartilhadas e às rupturas vividas em seus diferentes contextos ecológicos. O tempo, portanto, constitui-se como síntese das dimensões processo, pessoa e contexto, revelando a natureza complexa e mutável do desenvolvimento humano. Essa leitura amplia a compreensão do handebol como espaço de formação que transcende o jogo e se consolida como experiência educativa, relacional e histórica.

CONCLUSÃO

A análise das entrevistas, à luz do modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2011), evidenciou que o desenvolvimento esportivo dos jovens atletas de handebol é fruto de um processo complexo, relacional e dinâmico, no qual as dimensões Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT) se entrelaçam de forma contínua. O handebol escolar, nesse cenário, emerge como um espaço privilegiado de experiências educativas e formativas, no qual o envolvimento familiar desempenha papel central, atuando tanto como fator de promoção quanto de tensão no percurso de desenvolvimento dos atletas.

Na dimensão Processo, observou-se que as interações proximais, especialmente entre pais, filhos e treinadores, constituem o núcleo do desenvolvimento esportivo. A presença afetiva, o diálogo e o reconhecimento familiar configuram interações positivas que fortalecem a motivação, a confiança e o engajamento dos jovens no handebol. Em contrapartida, as relações marcadas por cobranças excessivas e expectativas desmedidas revelam como a interferência parental pode gerar ansiedade, desmotivação e rupturas no vínculo com o esporte. Assim, os processos de desenvolvimento mostraram-se fortemente dependentes da qualidade das interações cotidianas e da estabilidade emocional que permeia as relações familiares.

Na dimensão Pessoa, a análise destacou o papel das características individuais, das disposições motivacionais e dos recursos emocionais na

mediação entre o sujeito e o ambiente esportivo. As famílias, ao oferecerem suporte emocional, orientação e reconhecimento, contribuem para o fortalecimento da identidade esportiva e da autonomia dos jovens. No entanto, quando predominam as comparações, o perfeccionismo e o controle parental, surgem conflitos internos que comprometem o prazer e a autorrealização na prática esportiva. Tais achados corroboram o entendimento de que o desenvolvimento humano no esporte não se resume ao rendimento técnico, mas constitui-se como um processo de formação integral, em que a dimensão afetiva e ética se entrelaça à dimensão motora (Paes, 2006; Rosa, Vagetti e Oliveira, 2023).

A dimensão Contexto evidenciou que o desenvolvimento dos jovens atletas ocorre em meio à interdependência entre múltiplos sistemas (família e ambiente esportivo) que compõem o microssistema e o mesossistema. A cooperação entre esses espaços mostrou-se decisiva para a sustentabilidade das trajetórias esportivas, pois quando há diálogo e corresponsabilidade entre pais, professores e treinadores, o jovem encontra condições mais favoráveis para conciliar demandas acadêmicas e esportivas. Por outro lado, a falta de comunicação entre os sistemas e as desigualdades estruturais intensificam tensões, limitando a continuidade e o potencial formativo do esporte. Assim, o contexto ecológico confirma-se como o alicerce que sustenta, ou fragiliza, as oportunidades de desenvolvimento.

Por fim, na dimensão Tempo, compreendida no âmbito do cronossistema, verificou-se que o desenvolvimento esportivo é um processo marcado por transformações, rupturas e ressignificações. A influência familiar, intensa na infância, tende a se reconfigurar ao longo das etapas de amadurecimento, tornando-se mais simbólica e mediadora da autonomia. Eventos históricos, como a pandemia, mostraram a vulnerabilidade e a adaptabilidade dessas relações, mostrando que o tempo atua como elemento formativo que revela tanto a continuidade quanto as discontinuidades das experiências esportivas. Nesse sentido, o cronossistema expressa a dimensão histórica e cultural do desenvolvimento, na qual o esporte escolar se consolida como campo de construção identitária e social.

De modo geral, os resultados apontam que o handebol escolar transcende sua dimensão competitiva e se constitui como espaço de formação

humana, no qual se articulam aprendizagens cognitivas, emocionais e sociais. A família, enquanto agente do microssistema, emerge como mediadora essencial entre o indivíduo e o ambiente, influenciando a qualidade dos processos proximais e a sustentabilidade das trajetórias esportivas. Contudo, seu papel não é estático: modifica-se ao longo do tempo, refletindo as transformações pessoais, institucionais e sociais que permeiam a vida dos jovens atletas.

Assim, compreender o desenvolvimento esportivo sob a ótica bioecológica permite vislumbrar o handebol escolar como um sistema vivo, composto por interações contínuas, contextos interdependentes e significados em constante construção. O modelo PPCT mostrou-se potente para interpretar essa realidade, pois possibilitou integrar dimensões pessoais, relacionais, contextuais e temporais, revelando o caráter multidimensional, processual e histórico do desenvolvimento humano no esporte.

Portanto, as evidências deste capítulo reforçam a necessidade de políticas e práticas pedagógicas que considerem a integração entre família, escola e esporte, promovendo ambientes educativos mais dialógicos, afetivos e inclusivos. O handebol escolar, nesse sentido, deve ser compreendido não apenas como prática corporal, mas como espaço de formação, capaz de contribuir para a construção de sujeitos críticos, autônomos e socialmente engajado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.; DE SOUZA, R. A influência dos pais no envolvimento da criança com o esporte durante a iniciação esportiva no futebol em uma escolinha de Campo Bom-RS. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 8, n. 30, p. 256-268, 2016.

ALVES, Y. C.; BECKER, A. P. S. **Prática esportiva e relacionamento familiar: uma revisão da literatura. Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 31-47, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENETTI, I. C.; VIEIRA, M. L.; CREPALDI, M. A.; SCHINEIDER, D. R. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v. 9, n. 16, p. 89-99, 2013.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: Experiments by nature and design**. Harvard university press, 1979.

BRONFENBRENNER, U. **Making human beings human: Bioecological perspectives on human development**. Sage, 2005.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P.A. The ecology of developmental processes. **Handbook of child psychology/Wiley**, 1998.

CERDA, A.A.; GARCÍA, L.Y.; CERDA, A.J. The effect of physical activities and self-esteem on school performance: A probabilistic analysis. **Cogent Education**, v. 8, n. 1, p. 1936370, 2021.

COSCONI, V.; NASCIMENTO, D. B. D.; ROSA, E. M.; KOLLER, S. H. Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, p. 363-373, 2018.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

DE ROSE JUNIOR, D.; VASCONCELLOS, E. G. **Basquetebol: stress e alto rendimento**. Belo Horizonte: Dialética, 2020.

DE SOUZA, M.T.R.; DA ROCHA, A.J.P.; DOS SANTOS, A.S.; BRUN, G.; VAGETTI, G.C.; SANTIAGO, L.; OLIVEIRA, V. (A representatividade do handebol escolar na vida de alunos/atletas e professores/técnicos sob a perspectiva bioecológica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e17611427272–e17611427272, 2022 .

DE SOUZA, M. T. R.; GASPERIN, M.; ROJAS, V. M. C.; VAGETTI, G. C.; DE OLIVEIRA, V. Esporte e família relacionados ao desempenho acadêmico: uma revisão integrativa. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 6, p. e13286-e13286, 2024.

DORSCH, T. E.; SMITH, A. L.; BLAZO, J. A.; COAKLEY, J.; CÔTÉ, J.; WAGSTAFF, C. R.; KING, M. Q. Toward an integrated understanding of the youth sport system. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 93, n. 1, p. 105-119, 2022.

FOLLE, A.; RAMOS, V.; NASCIMENTO, J. V. Personal attributes of female basketball athletes in training. / Atributos pessoais de atletas de basquetebol feminino em formação. **Brazilian Journal of Kine anthropometry & Human Performance**, v. 17, n. 6, p. 672–682, 2015.

FONSECA, G. M.M.; STELA, E.S. Família e esporte: a influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Kinesis**, v. 33, n. 2, 2015.

GOULD, D.; LAUER, L.; ROLO, C.; JANNES, C.; PENNISI, N. The role of parents in tennis success: Focus group interviews with junior coaches. **The sport psychologist**, v. 22, n. 1, p. 18-37, 2008.

HOLT, N.; KNIGHT, C. J. **Parenting in youth sport: From research to practice**. Routledge, 2014.

KNIGHT, C.J.; HOLT, N. L. Parenting in youth sport: A qualitative study of parental involvement and influence. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 15, n. 2, p. 155–164, 2014.

NAKASHIMA, F. S.; NASCIMENTO, J. R. A. D.; VISSOCI, J. R. N.; VIEIRA, L. F. Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 2, p. 184-196, 2018.

MASTROCOLA, A. P. **Treinadoras de Futebol no Brasil**: O processo de relação entre os atributos pessoais e o contexto ao longo da carreira. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Educação Física, da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021.

PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: novos olhares, novas perspectivas**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: contextos e práticas**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2017.

ROSA, E. M.; TUDGE, J. A teoria do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner: sua evolução da ecologia para a bioecologia. **Journal of family theory & review**, v. 5, n. 4, p. 243-258, 2013.

ROSA, M. T.; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. **Handebol e Educação**: Aprendizagem sob a ótica da teoria bioecológica. 1ª. Ed. Curitiba: Editorial Casa, 2023.

SANTOS, A. S. **Desenvolvimento humano e educação esportiva: um diagnóstico da trajetória de atletas da modalidade de atletismo da cidade de Paranavaí – PR**. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, 2016.

SANTOS, A. S.; VAGETTI, G.C.; OLIVEIRA, V. **Atletismo**: desenvolvimento humano e aprendizagem esportiva. Curitiba: Appris, 2017.

SCHULTZ, K. Do high school athletes get better grades during the off-season?. **Journal of Sports Economics**, v. 18, n. 2, p. 182-208, 2017.

THROWER, S. N.; HARWOOD, C. G.; SPRAY, C. M. Educando e apoiando pais de tenistas usando métodos de ensino online: um novo programa de educação online. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 31, n. 3, p. 303-323, 2019.

TUDGE, J. R.; MOKROVA, I.; HATFIELD, B. E.; KARNIK, R. B. Uses and misuses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development. **Journal of family theory & review**, v. 1, n. 4, p. 198-210, 2009.

ESPORTE, FAMÍLIA E ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DE JOVENS ATLETAS DE BASQUETEBOL

**Vanessa Melina Cotrim Rojas
Caio Vagetti de Oliveira
Valdomiro de Oliveira**

INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno educacional e cultural de relevância na formação humana, promove benefícios físicos, sociais, cognitivos e emocionais (Tubino, 2017; Santos et al., 2019; Oliveira, Paes e Vagetti, 2020). No contexto escolar, ele é uma ferramenta que vai além dos exercícios físicos, desenvolve valores, vínculos afetivos e competências. Nesse contexto, o basquetebol que têm natureza coletiva e dinâmica, apresenta-se como uma modalidade que favorece a disciplina, a cooperação e o crescimento de vínculos, principalmente quando é integrado ao ambiente escolar.

A família e a escola exercem funções importantes e determinantes na formação de crianças e adolescentes (Rosa et al., 2023; Santos, 2022), Hohmann e Weikart (2003) indicam que essas duas bases como principais suportes para o desenvolvimento esportivo. Assim, compreender o processo entre suporte parental e o desempenho escolar das jovens atletas representam informações importantes não somente no campo educacional, mas também para o esporte de base, com ênfase no contexto feminino.

No caso das meninas praticantes de basquetebol, essas relações familiares apresentam relevância adicional, pois o esporte feminino enfrenta, ainda, desafios de visibilidade e desigualdade de incentivo (Silva et al., 2025). E essa pesquisa sobre o papel parental, torna-se indispensável para a compreensão de como se estabelecem os vínculos entre família, esporte e desempenho acadêmico.

O capítulo discute a relação entre família, esporte e desempenho escolar, como referência o estudo desenvolvido com alunas/atletas de basquetebol da Região Metropolitana de Curitiba. A pesquisa foi conduzida com abordagem quantitativa, descritiva e correlacional e o objetivo foi identificar se os suportes escolar e parental se associam ao desempenho acadêmico das estudantes que têm dupla carreira: estudos e vivência esportiva.

ENVOLVIMENTO FAMILIAR NA FORMAÇÃO ESPORTIVA

O envolvimento familiar é reconhecido como determinante na iniciação, permanência e sucesso esportivo de crianças e adolescentes. Vasconcelos e Gomes (2015) verificaram que o apoio da família é decisivo para a entrada e continuidade de jovens nas atividades esportivas, e Contreira et al. (2016) relataram o crescente interesse da psicologia do esporte em compreender como o suporte parental influencia variáveis como a motivação, satisfação e autoestima.

Pesquisas apontam que o constante contato com os pais e/ou responsáveis pode beneficiar o desenvolvimento motor e o repertório de habilidades das crianças. Flouri e Buchanan (2003) verificaram que o envolvimento parental desde a infância reflete no desenvolvimento acadêmico e nas competências gerais durante a adolescência, além de ter ligação ao sucesso profissional na vida adulta.

Esse aumento de repertório, está associado à motivação e ao interesse esportivo, pois o estímulo parental pode gerar satisfação e confiança ao praticar os movimentos e fundamentos das modalidades. No entanto, quando o apoio é transformado em cobrança excessiva ou exigência por resultados, podem surgir sentimento de frustração e até abandono da prática esportiva. Assim, o equilíbrio entre o incentivo e a autonomia se torna essencial.

Por sua vez, se há a ausência do apoio parental, pode surgir resultados negativos na iniciação esportiva, com o comprometimento da formação integral e do desenvolvimento de atletas iniciantes. Novikoff, Costa e Triani (2012) relatam que experiências negativas nesse estágio inicial podem marcar a relação da pessoa com o esporte ao longo de sua vida, o que reforça a relevância de ambientes familiares acolhedores.

Fraser-Thomas, Côte e Deakin (2008) afirmam que os pais são responsáveis por introduzir e manter os filhos no esporte, devem garantir condições materiais e emocionais para a sua continuidade. Contudo, a escolha da modalidade deve partir por iniciativa da própria criança ou adolescente, pois quando imposta pelos responsáveis, há a redução da motivação e o enfraquecimento do vínculo esportivo. Santos (2021) complementa que o esporte contribui para o equilíbrio entre a vida familiar, escolar e esportiva, e isso exige comprometimento dos pais neste processo.

Encontra-se também, na literatura, os diferentes tipos de envolvimento parental. Hellstedt (1987) os classificou como super envolvidos, pouco envolvidos e moderadamente envolvidos. Ele realizou comparações na tríade treinador, pai e atleta, como se pode observar no quadro 1.

Quadro 1 – Características de responsáveis que acompanham seus filhos em atividades esportivas

Características	Manifestações
Responsáveis que se envolvem excessivamente na atividade	<ul style="list-style-type: none"> • Responsáveis que discordam ou discutem com técnicos; • Priorizam resultados; • Estão presentes nos treinamentos; • Possuem expectativas irreais sobre o sucesso dos (as) filhos (as); • Pode resultar em danos emocionais, abandono do esporte e desprazer pela atividade.
Responsáveis pouco interessados	<ul style="list-style-type: none"> • Responsáveis que não se envolvem com a vida esportiva; • Não investem financeiramente e emocionalmente; • Não dão a devida assistência aos treinos; • Não apoiam as práticas esportivas dos filhos.
Responsáveis com nível moderado de participação	<ul style="list-style-type: none"> • Responsáveis que são grandes apoiadores, mas não interferem diretamente; • São flexíveis com as decisões, principalmente pela continuidade ou não em determinado esporte; • Objetivos propostos são compatíveis com seus filhos; • Mantém uma comunicação positiva entre técnico e família.

Fonte: Rojas (2024) adaptado de Hellstedt (1987)

É possível observar que deve haver um equilíbrio na participação dos responsáveis para que não aconteça sobrecarga ou falta de estímulo para este adolescente atleta. Assim, com o suporte dos estudos citados, é perceptível que o envolvimento familiar se molda como um elemento de base na formação esportiva e humana de crianças e adolescentes.

OBJETIVO

O objetivo geral da pesquisa foi investigar a relação dos suportes escolar e parental com o desempenho acadêmico de alunas/atletas de basquetebol da Região Metropolitana de Curitiba.

Os objetivos específicos foram:

- Identificar as características das alunas/atletas participantes dos Jogos Escolares do Paraná - Fase Regional
- Verificar a relação dos suportes escolar e parental com o desempenho acadêmico

- Refletir sobre a função da família como mediadora no processo de desenvolvimento educacional e esportivo das atletas

METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como quantitativa, descritiva e correlacional. A amostra foi composta por 47 alunas/atletas com idades entre 12 e 17 anos, totalizando 5 equipes de duas categorias, da modalidade de basquetebol que participaram dos Jogos Escolares do Paraná - Fase Regional (Área Metropolitana Norte).

Três instrumentos foram utilizados:

1. Questionário de informações descritivas, para a caracterização da amostra com dados sociodemográficos e esportivos;
2. Questionário de Contribuição da Escola e da Família na Formação Esporte do Adolescente;
3. Registro de desempenho escolar com médias anuais de 5 componentes curriculares.

Os dados foram analisados por meio dos testes estatísticos D'Agostino-Pearson, Qui-quadrado de tendência, U de Mann-Whitney e correlações de Pearson e Spearman, conforme distribuição dos dados. O nível de significância adotado foi $p < 0,05$. As análises foram realizadas com os softwares BioEstat 5.3 e Stata 17.

RESULTADOS

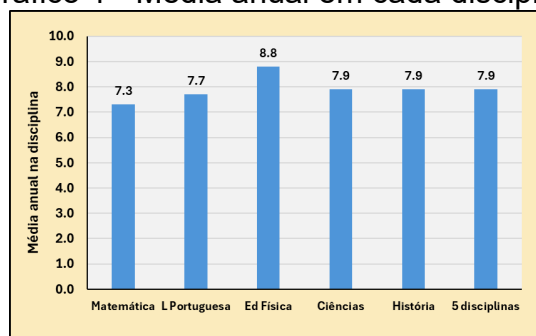
A caracterização da amostra destaca alunas/atletas nas categorias de 12 a 14 anos (B) e categoria de 15 a 17 anos (A), estudantes de escola pública da rede estadual de educação. A média de idade é de 13,7 anos e a seriação mais latente na amostra foi o 7º Ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. A média de estudantes matriculados em cada colégio é de aproximadamente 1.132 estudantes.

No que concerne ao tempo dedicado aos treinamentos das alunas/atletas foi obtido uma mediana de 16.0 meses, sendo que 16 estudantes treinam menos de um ano e 31 treinam há um ano ou mais. Sobre a frequência semanal, 9 atletas treinam duas vezes na semana e 38 treinam somente uma vez.

Os resultados indicaram não haver relação estatisticamente significativa entre os suportes escolar e parental e o desenvolvimento acadêmico das alunas/atletas. No entanto, foram observados pontos de correlação marginalmente significativos em dimensões que sugerem a influência indireta da vivência esportiva na motivação e comprometimento com os estudos.

Com base na estatística descritiva, as estudantes apresentaram pior desempenho no componente curricular de Matemática (7.3), e a melhor média na disciplina de Educação Física (8.8), o que indica a influência positiva da vivência esportiva neste componente curricular. Esse resultado, apresentado no gráfico 1, pode estar associado à familiaridade com o contexto esportivo e à valorização do componente curricular que envolve práticas corporais (Santos, Vagetti e Oliveira; 2017; Oliveira, Paes e Vagetti, 2020).

Gráfico 1 - Média anual em cada disciplina



Fonte: Rojas (2024)

Barrigas et al. (2018) analisaram dois grupos de estudantes do Ensino Fundamental, e aqueles com resultados mais elevados em atividade física também tinham notas mais altas na disciplina de Educação Física. Com relação ao componente curricular de Matemática, o estudo de Corrêa (2023) sobre inteligência emocional e desempenho acadêmico defende que quanto maior a idade do estudante, pior é seu rendimento nessa disciplina, demonstrando a dificuldade encontrada neste componente.

Além disso, a análise descritiva mostrou que a maioria das atletas contava com algum tipo de apoio familiar - seja no transporte, no acompanhamento dos jogos e treinos ou incentivo moral. O apoio simbólico, embora nem sempre mensurável em termos numéricos, foi fundamental para que as alunas/atletas permanecessem nas atividades esportivas.

Esses resultados, reforçam a compreensão de que a influência do suporte parental não se restringe a resultados escolares determinados, mas se expressa em aspectos simbólicos e de relação do desenvolvimento humano como o pertencimento, autoestima e perseverança. Além disso, Bronfenbrenner (2002) demonstra que a família e escola constitui um eixo que sustenta o desenvolvimento integral. Então, mesmo perante a ausência de correlações significativas estatisticamente, o suporte parental continua sendo um elemento de influência indireta, especialmente no campo emocional e motivacional.

DISCUSSÃO: FAMÍLIA, ESPORTE E DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

O envolvimento familiar na prática e formação esportiva de adolescentes é um tema que permeia tanto o campo da psicologia do desenvolvimento quanto o das ciências da educação. Fagan e Iglesias (1999) alertavam que interações inadequadas entre responsáveis e filhos poderiam demonstrar fatores de risco, o que poderia interferir na dedicação aos estudos e na estabilidade emocional, no bem-estar psicológico. Em consoante a isso, quando houvesse a comunicação e o apoio equilibrados, a prática esportiva seguia o caminho para a potencialização do aprendizado, a autoconfiança e o compromisso com os estudos.

No caso das meninas/atletas, encontra-se na literatura que o esporte representa um espaço de afirmação e pertencimento social (Lim e Dixon, 2018; SILVA et al., 2025). Assim, o apoio parental é uma ferramenta essencial e relevante para romper barreiras históricas e culturais que ainda restringem a participação feminina no esporte competitivo.

Por outro lado, a pressão por resultados satisfatórios - sejam esportivos ou escolares - pode produzir o efeito inverso e levar ao comprometimento do desenvolvimento saudável do prazer pela prática. Bronfenbrenner (2002), quando se refere aos processos proximais bidirecionais como propulsores do desenvolvimento humano, ressalta que as interações entre a pessoa e o contexto só irão apresentar evolução se baseadas nas relações que são recíprocas, estáveis e emocionalmente significativas. Ou seja, o desenvolvimento humano resulta da interação contínua entre os sistemas em que a pessoa está inserida.

Neste modelo, família e escola são compreendidas como microssistemas interdependentes que interagem reciprocamente. Assim, o suporte familiar no esporte não age de forma isolada, ele dialoga com as práticas escolares, com as relações entre colegas e treinadores/professores e com a cultura esportiva institucional.

No caso das atletas, essas interações acontecem em múltiplos níveis: entre aluna e os responsáveis, entre a aluna e a escola, e entre a atleta e o grupo esportivo. A conformidade entre esses sistemas irá garantir um ambiente favorável à aprendizagem e à permanência no esporte.

O diálogo com a discussão sobre a dupla carreira também oferece contribuições importantes para a compreensão do contexto das alunas/atletas. (Ryba, 2014). Conciliar treinamento, estudos e compromissos fora deste escopo exige planejamento e apoio.

Miranda et al. (2020) identificam que administrar o tempo e a ausência de políticas educacionais específicas representam os principais desafios enfrentados por estudantes/atletas. Desse modo, a família tem a importante função de mediação ao apoiar, ajustar as rotinas e valorizar as esferas acadêmica e esportiva, contribuindo assim, para o equilíbrio necessário para a formação integral das adolescentes. Quando a família compreende e valoriza esse equilíbrio, vai favorecer a disciplina e autonomia, e quando o apoio é revertido por cobranças ou expectativas em excesso, o resultado pode ser o oposto, como a sobrecarga e a desmotivação.

Sendo assim, mesmo diante da ausência de evidências de correlações numéricas expressivas, o estudo reafirma que a influência parental é qualitativamente significativa, manifestando-se em atitudes, afetos e valores que sustentam a permanência das jovens no esporte e na escola. Os gestos cotidianos como acompanhar os treinamentos, assistir aos jogos, palavras de motivação e valorização do esforço são expressões de apoio que irão influenciar diretamente na construção da identidade esportiva e autovalorização das estudantes/atletas.

CONCLUSÕES

Os achados deste estudo e as reflexões apresentadas, revelam que o envolvimento familiar no contexto esportivo e educacional de alunas/atletas de

basquetebol é um fator relevante para o desenvolvimento humano, ainda que os dados quantitativos, por meio do instrumento utilizado, não confirmem relação direta entre o suporte parental e o desempenho escolar.

A ausência de correlações significativas não reduz a relevância do suporte parental, mas indica a necessidade de aprofundar as investigações sobre o campo afetivo, simbólico e relacional desse apoio.

O estudo contribui para a compreensão de que o apoio parental influencia na formação de valores, atitudes e comportamentos, que são a base do desenvolvimento humano das alunas/atletas. O esporte é o elo entre o ambiente familiar e o escolar, articula aprendizagens que perpassam o rendimento e alcançam esferas éticas e sociais.

Sugere-se assim, que políticas públicas, escolas e programas esportivos levem em consideração o diálogo com as famílias, e que isso seja parte integrante do processo formativo e que espaços de escuta e de parceria sejam formulados para a ampliação das possibilidades de sucesso escolar e esportivo.

Em síntese, a família é fundamental na motivação, permanência e resiliência das alunas/atletas. O basquetebol contribui para a formação de valores e competências socioemocionais e tríade escola, família e esporte deve ser fortalecida por meio de políticas educacionais que interagem e se integrem para que o valor do esporte seja reconhecido e consequentemente aproveitadas seus benefícios na totalidade.

Além disso, os achados também apontam que o treinamento em contraturno escolar não resulta em prejuízos ao desempenho acadêmico das estudantes/atletas. autores relatam que a rotina esportiva, quando acompanhada de apoio familiar e de uma gestão adequada do tempo escolar, pode favorecer o desenvolvimento de competências como a disciplina, organização e responsabilidade.

O fato de as alunas/atletas terem pior desempenho no componente curricular de Matemática, acende uma luz de alerta para que os gestores educacionais tenham um olhar cuidadoso e direcionado a isso, principalmente por mais estudos tratarem desse declínio no decorrer dos anos escolares (Correa, 2023).

É relevante a construção articulada e próxima entre família, esporte e escola, para que esses setores atuem integralmente no estímulo ao

desenvolvimento das adolescentes inseridas no contexto esportivo escolar. Isso amplia o potencial educativo esportivo e contribui para a formação de meninas adolescentes mais autônomas, equilibradas e comprometidas com seus processos de aprendizagem e crescimento pessoal.

Reforça-se, deste modo, a importância de pesquisas que investiguem questões parentais no esporte feminino, principalmente, sob diferentes perspectivas - qualitativas e quantitativas - para que seja fortalecido o debate sobre a integração entre família, escola e esporte no desenvolvimento de gerações futuras.

Contudo, conclui-se que compreender a responsabilidade da família nas trajetórias de meninas atletas é também compreender a complexidade do desenvolvimento humano, um processo repleto de vínculos, oportunidades e experiências. O envolvimento dos responsáveis não se restringe à presença física, mas deve ser estendida para a valorização da educação, ao incentivo à prática esportiva e ao reconhecimento das conquistas das filhas, dentro e fora das quadras e das salas de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRIGAS, C.; FIGUEIREDO, N.; AURÉLIO, H.; REBOLO, A. **Educação física, aptidão física e desempenho acadêmico. Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física**, n. 41, p. 67-82, 2018. Disponível em: <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/306/285>. Acesso em: 12 out. 2025.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CONTREIRA, A. R.; PIZZO, G. C.; SITOE, S. A.; MOREIRA, C. R.; CARUZZO, A. M.; VIEIRA, L. F. Estilos de suporte parental para a prática esportiva: uma investigação em jovens atletas brasileiros. **Revista de Educação Física/Journal of Physical Education**, v. 85, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/150>. Acesso em: 2 nov. 2025.

CORRÊA, W. H. **A inteligência emocional e sua relação com o desempenho acadêmico no ensino fundamental. 2023. 100 f.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

FAGAN, J. & IGLESIAS, A. Father involvement program effects on fathers, father figures, and their Head Start children: A quasi-experimental study. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 14, n. 2, p. 243-269, 1999.

FLOURI, E.; BUCHANAN, A. The role of father involvement in children's later mental health. **Journal of Adolescence**, v. 26, n. 1, p. 63–78, 2003.

FRASER-THOMAS, J.; COTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychol Sport Exercise**, v.9, p. 645-662, 2008.

HELLSTEDT, J. C. The coach/parent/athlete relationship. **The Sport Psychologist**, v. 1, n. 2, p. 151- 160, 1987. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1989-20980-001>. Acesso em: 4 out. 2025.

HOHMANN, M. & WEIKART, D.P. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LIM, S. & DIXON, M.A. Examining the role of sport participation in predicting life satisfaction and psychological well-being of adolescents. **Journal of Sport Behavior**, v. 41, n. 2, p. 155-171, 2018.

MIRANDA, R.E.; REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J. Esporte e dupla carreira: revisão sistemática sobre a conciliação entre esporte e estudo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 28, n. 3, p. 214-227, 2020.

NOVIKOFF, C. COSTA; L. F.O. TRIANI, F. S. Os efeitos da iniciação esportiva na vida de crianças: o que a literatura vem apontando. **EFDesportes.com**, Buenos Aires, v.17, n. 173, 2012.

OLIVEIRA, A.L.; PAES, R.R.; VAGETTI, G.C. O esporte como fenômeno educativo e social: perspectivas para a escola. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, n. 2, p. 243-251, 2020.

ROJAS, Vanessa Melina Cotrim. **O basquetebol feminino no contraturno escolar: relação dos suportes escolar e parental com o desempenho acadêmico por meio da vivência esportiva. 2024**. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/88615/R%20%20D%20%20VANESSA%20MELINA%20COTRIM%20ROJAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10 out. 2025.

ROSA, M. T.; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. de. **Handebol e educação: aprendizagem sob a ótica do desenvolvimento humano**. Curitiba: Editorial Casa, 2023.

RYBA, T.V. Dual career in sport: A critical review. **European Journal of Sport Science**, v. 14, n. 5, p. 431-441, 2014.

SANTOS, A. A. L. V. Esporte educacional: uma ferramenta para formação integral. In: LIMA, S. V. de; ARAÚJO, M. O. B.; CARVALHO, E. J. G. de; MENEZES, F. F. **Gestão escolar: desafios e possibilidades**. 1. ed. Guarujá: Editora Científica, 2021. p. 122-134.

SANTOS, A. S.; VAGETTI, G. C.; OLIVERA, V. de. **Atletismo: desenvolvimento humano e aprendizagem esportiva**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

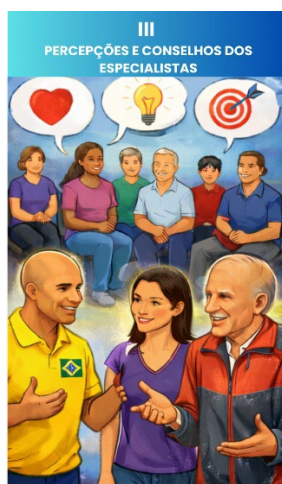
SANTOS, A. S., VAGETTI, G. C., OLIVEIRA, V. de. **Atletismo e educação: perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano**. Maringá: Editora Clube dos Recreadores, 2022.

SANTOS, G.F.; SILVA, D.A.; ANDRADE, V.M. Educação Física escolar e desenvolvimento integral: reflexões sobre a prática docente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 145-154, 2019.

SILVA, Ivana Vitória Santos da; SENA, Ana Karolina Silva; MARTINS, Mariana Zuaneti; KRAHENBÜHL, Tathyane; LEONARDO, Lucas. Basquete feminino na universidade: acolhimento, segurança e a importância de jogar juntas. Motricidades: **Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 9, n. 2, p. 155–170, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.29181/2594-6463-2025-v9-n2-p155-170>. ISSN 2594-6463.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

VASCONCELOS, S. V., GOMES, R. Comportamentos parentais, orientação motivacional e objetivos desportivos: um estudo com jovens atletas. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte, Las Palmas de Gran Canaria**, v.10, n. 2, p.215-223, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3111/311137747006.pdf>. Acesso em 17 out. 2025.



PARTE III

Esta terceira parte é reservada para relatos, observações e experiências pessoais dos organizadores do livro e de um convidado internacional que oferece sugestões para que a relação pais/familiares/filhos/profissionais seja a mais proveitosa possível e que contribua de forma significativa para o desenvolvimento esportivo de crianças e jovens que se aventura neste mundo competitivo.

SOBRE COMO EDUCAR NO ESPORTE FORMATIVO

Ricardo Bojanich

O esporte é muito mais que uma atividade física: é equilíbrio com o meio ambiente, é inteligência para analisá-lo, é crescimento.

E em um mundo no qual o esporte tem cada vez mais importância e movimenta mais recursos, tendemos a esquecer que aqueles que mais o praticam são as crianças e os jovens.

A prática esportiva claramente traz benefícios físicos, ajuda enormemente no desenvolvimento emocional e contribui para a aquisição de valores fundamentais para qualquer pessoa.

Como em tantos outros aspectos da vida infantil, os pais, mães e familiares são fundamentais no momento de ajudar e extrair o máximo benefício da prática esportiva. Junto a eles, os treinadores/professores, o clube e os companheiros formam o entorno que, em ótimas condições, promovem o desenvolvimento pessoal adequado de crianças e jovens.

Partindo deste conceito entremos em um mundo de dívidas que são geradas quando você se converte em um familiar de um esportista em formação:

O que supõe o esporte formativo?

Sem aprofundar muito a questão podemos dizer que o esporte formativo tem um sentido de pertencimento, compromisso, sentido de união, respeito às diferenças, ajuda mútua, comunicação aberta, tempo compartilhado, solidariedade, etc..

Que pais, que famílias não querem que seus filhos ingressem nesse mundo de valores da vida? Mas quem dá sentido a esses valores? São as instituições, seus objetivos e os recursos humanos que vão trabalhar com essas crianças.

Famílias, pensemos que quando entregamos nosso mais precioso tesouro, devemos ter clareza dos objetivos que são definidos pela instituição e quem são as pessoas que vão executá-los e quem são os profissionais com quem vão trabalhar.

Começamos então a responder a algumas dúvidas:

Que importância têm as famílias na formação do mini esportista?

- As famílias são sumamente importantes

É uma tarefa dos técnicos, professores ou é uma tarefa compartilhada?

- É uma tarefa compartilhada

É o clube, colégio ou a escola esportiva que devem ser os únicos responsáveis?

- Não. Devemos acompanhar as instituições e nos tornarmos uma equipe para educar nossos filhos

Se você como familiar deu essas respostas: **está aprovado.**

Então temos que começar a nos preparar para que tudo isto funcione. Para que os familiares sejam eficazes e úteis nesse processo o trabalho em equipe é fundamental para que as crianças e jovens transitem no esporte formativo somando aprendizagens, experiências educativas, emoções e aprenda os valores para a vida. É um caminho difícil, desafiante, mas que traz muitos dividendos quando o percorremos com sabedoria.

É importante ter referências, os ídolos?

A maioria deles têm sucesso, ricos, são grandes de verdade e transmitem valores. São importantes, mas não no momento de escolher um esporte. Devemos saber quais são os ídolos das crianças e jovens e entender quais os valores que eles apregoam. São oportunos e adequados a eles? Coincidem com o que é destacado na instituição ou o que os professores divulgam? Estão de acordo com aquilo que apregoamos em nossas casas?

Temos que entender que as crianças e jovens imitam seus ídolos. Eles repetem movimentos que seus ídolos executam. Ficam horas chutando a bola contra a parede ou lançando centenas de vezes a bola à cesta até conseguir fazer como seu ídolo. Eles não estão gastando mal o tempo. Estão trabalhando com desafios, estão treinando e desenvolvendo a resiliência entre erros e acertos.

Agora que tal pensarmos em nossos comportamentos (internos e externos).

- Como nos relacionamos com o esporte de nossos filhos?
- Somos violentos verbalmente
- Entendemos a diferença de atitude quando dizemos: GANHAMOS!!! Ou PERDERAMOS??

Não é somente uma maneira de conjugar um verbo. É uma atitude. Quando se GANHA eu sou parte e quando se PERDE, vocês perderam, eu não.

Vamos imaginar o que sente a criança com esse tipo de atitude. Ela não é só verbal, é emotiva e dolorosa. Passamos de ídolo a inútil. De rodeá-los de elogios a negar tudo diante de uma má atuação. Devemos entender que estão em uma idade que não são ídolos, tampouco inúteis.

Cuidado com as palavras, há muitas que doem. Doem tanto que em um dia qualquer a criança vai falar em voz baixa "...não vou mais ao futebol (ou basquetebol, voleibol, natação...)" e a primeira pergunta que faremos é "mas o que aconteceu? Teve algum problema com o treinador ou com algum companheiro?" e ela vai responder: "NÃO PAPAI, EU CANSEI". Mas cansou do que? "Da terrível pressão de suportar durante todos esses anos a pressão e das coisas feias que você fala do meu jogo. Das minhas atitudes e dos meus pensamentos. E acredite NÃO TEMVOLTA".

Quantas vezes aconteceram exemplos deste tipo: vai me ver jogar" Não. Não tenho tempo. Ou escutar coisas como "derruba seu adversário", sabendo que ele está somente querendo jogar também.

Escutar os pais tentando tomar decisões pela criança: mudar de clube, discutir com o treinador, brigando com as famílias de meus companheiros e adversários representam a forma de como se pode ser agressivo em um jogo de crianças e jovens.

Então qual o vocabulário ideal? Evitemos perguntas como:

- Ganharam?
- Outra vez perderam?
- Quanto tempo o técnico te colocou no jogo?

Essas perguntas poderiam ser substituídas por:

- Como foi o jogo?
- O que você aprendeu hoje?
- Você se divertiu?

Conversar, dialogar, escutar, compreender, apoiar, com partilhar são verbos muito importantes para sejam bons pais e uma boa família de um esportista em formação.

Aos pais e professores/técnicos dos mini esportistas seguem algumas sugestões de atitudes positivas:

- ✓ Reconheçam as habilidades das crianças e jovens
- ✓ Não as superestimem
- ✓ Tolerem seus erros. São parte da aprendizagem
- ✓ Aceitem seus filhos como eles são e os ajudem a crescer

Não há nada de errado termos dúvidas. Elas são parte do crescimento de ambas as partes, a família e os filhos.

Agora vamos falar dos medos das crianças e jovens e dos medos dos familiares. Os medos não são hereditários. Eles são contagiosos.

Desenvolver e exercitar a confiança nas crianças é um grande desafio para os pais e treinadores. A confiança na atividade gerada pelos profissionais e pela família motiva diretamente as crianças. E se tem motivação haverá aprendizagem, captação de valores e emoções positivas.

Ou seja: BEM-VINDOS AO ESPORTE

CUIDE-SE VS DIVIRTA-SE....melhor dizendo CUIDE-SE E DIVIRTA-SE

Àqueles que estão tendo a oportunidade de estar lendo estes pensamentos que comentar que não tenho a pretensão de dar sugestões e nem lhes dizer como se deve atuar ante cada situação. São muitas as variáveis que interferem nessas decisões que se tomam como familiares de um esportista em desenvolvimento.

Entre tantas variáveis há o contexto, a personalidade de cada ator, a cultura do meio, o nível de conhecimento, os objetivos, os recursos humanos que estão levando adiante os objetivos, etc.. Mas se isto colocar o leitor em estado de reflexão é esta a intensão destes pensamentos e em alguma oportunidade os pais devem se questionar:

- **Como agimos durante os jogos?**
 - Externamos aquilo que estamos pensando interiormente?
 - O autocontrole está ao nosso lado ou a ação de um árbitro contrária a equipe de nossos filhos (segundo nosso critério) nos incomoda?
- **Como agimos durante os treinos?**
 - Somos somente observadores ou nos transformamos em avaliadores do técnico e dos companheiros dos nossos filhos?

- Somos colaboradores e nos colocamos à disposição ou criticamos o desenvolvimento dos jogadores e a competência do técnico?
 - Analisamos e entendemos aquilo que o técnico está fazendo?
 - Perguntamos o que não estamos entendendo?
- **Como nos comportamos com os familiares das outras crianças?**
 - Compartilhamos situações, momentos e socializamos?
 - Somos influenciados pelo negativo ou pelo incorreto?
- **Como reagimos perante o erro (lembrando que o erro é uma constante no processo de aprendizagem)?**
 - Ficamos frustrados?
 - Redobramos o acolhimento para que as crianças não se frustrem e tentem novamente?
 - Criticamos o professor pelo erro de nossos filhos? Ele é quem sabe como foi importante a tentativa errada. A criança tentou e o professor saberá como corrigir o erro e dar ferramentas para que a criança acerte da próxima vez
- **Como nos sentimos perante a vitória e a derrota?**
 - Somo equilibrados em ambas as situações ou extremistas em nossos sentimentos?
 - O que sentimos se reflete em nossos filhos (em relação às emoções diferentes decorrentes de uma derrota ou vitória)?
 - Damos prêmios ou castigos de acordo com o resultado do jogo
- **Que atitude temos com nossos filhos?**
 - Ficamos loucos e dizemos o que eles têm que fazer? Quando isto acontece pensemos na falta de confiança que isto pode gerar quando ele tiver que tomar uma decisão. O que dirá “meu pai” em uma situação dessas? Um dos principais valores do processo esportivo é o desenvolvimento da autoconfiança e como família temos que alimentá-la
 - Nós os enchemos de informações e indicações técnicas e táticas como se fossemos os técnicos? Se não queremos gerar confusão a um jogador em formação não temos que nos envolver com questões técnicas e táticas. Se escolhemos o clube ou a escola esportiva, sabendo quem é o professor, como ele ensina, como

trabalha e como planeja o crescimento das crianças estamos fazendo um bom trabalho. Mas se não nos controlamos e começamos a dizer o que eles têm que fazer e sobretudo quando fazer podemos influenciar negativamente e gerar a dúvida: “O que devo fazer? O que pede o técnico ou o que fala meu pai?” Nenhuma criança se desenvolve esportivamente e é feliz jogando com este nível de pressão.

- Sabemos como as crianças se sentem? Compartilhamos o que eles sentem? Esta é, sem dúvidas, uma das fases mais importantes do crescimento da relação entre a família e um esportista em formação. Para saber o que sentem temos que escutar e deixá-los decidir o que sentem. Por trás de experiências negativas acumuladas, por não serem ouvidos, poderemos escutar das crianças resposta como “não vou mais”, “não gosto mais”. Temos que antecipar as situações perguntando e escutando. Os adultos são muito bons para falar com as crianças, mas falta melhorar a capacidade de escutar
- Somos indiferentes? Isto é muito grave. Ser indiferente com crianças é cruel. “Faça o que quiser”, “pra mim tanto faz”, “não posso”, “não me pergunte” são respostas clássicas de famílias que abandonam a atividade dos filhos. Os deixam órfãos entre seus companheiros e o professor. Muitas crianças se sustentam nas atividades porque os valores que se apregoam e praticam no esporte são mais fortes que aqueles praticados pela família
- Não temos ideia de como agir? É possível. Esta resposta traremos ao final como sugestões
- Sabemos e reconhecemos os possíveis caminhos fora do esporte? Temos que lembrar que próximo dos jovens estão muitos vícios e problemas. Em determinados momentos nos quais o jovem poderia estar disfrutando de seus valores poderemos escutar “não vou mais ao futebol, cansei”. Este “cansei” pode levá-los a caminhos como as drogas, depressão, desengano. Temos que fazer o possível para afastá-los dessas opções

O QUE PODEMOS FAZER COMO FAMÍLIA?

Podemos melhorar as experiências esportivas de nossos filhos. Isto é o que todos desejam. Mas também podemos influenciar negativamente nessa experiência por não termos conhecimento de como nos inserimos neste novo mundo. Mas o bom é que podemos escolher. Mas como escolher? Analisemos alguns detalhes que temos que conhecer.

- **Deveríamos saber e conhecer se os técnicos e professores são competentes.** Sem dúvidas que são muitos os que ensinam pela paixão pelo que fazem. Consequentemente EDUCAM, não somente no âmbito esportivo mas também aos valores e convertem o esporte como ferramenta da educação. Mas há outros com diferentes características: os responsáveis, os carismáticos, os sociáveis, os amáveis. Mas há os outros: os que lhes falta a paixão, os indiferentes, com baixo nível cultural entre tantas qualidades negativas. Consequentemente quando colocamos nossos filhos em um clube, escola de esportes ou academia devemos saber se os recursos humanos disponíveis são os mais adequados para cumprir os objetivos da instituição e estão alinhados com os objetivos da família
- **As crianças devem praticar o esporte de modo seguro.** Sobre este item devemos considerar se os professores conhecem as etapas evolutivas, os períodos críticos, os níveis de maturação, ou seja, conhecer as crianças. Eles podem conhecer muito sobre o esporte mas é necessário saber muito mais sobre os processos de crescimento, das capacidades condicionantes e coordenativas, do ato motor, do controle das emoções e dos processos de ensino-aprendizagem do esporte
- **As crianças devem competir com crianças em mesmo nível de igualdade de possibilidades.** Os processos de aprendizagem são marcados pela impaciência do entorno das crianças, não por eles, mas por aqueles que os cercam. Ver um adulto festejando uma vitória clamorosa nas etapas de formação ou ver um adulto padecendo frente a uma enorme derrota é parte dos erros que se cometem desde a organização das competições quando se

colocam crianças com muita desigualdade. Esta situação à qual as crianças são expostas ao êxito ou ao fracasso é um fator de abandono do esporte. Eles têm que apreciar a competição em igualdade de possibilidades. Claro que sempre haverá vencedor e perdedor. Mas se estimulamos a igualdade melhoramos a motivação para que sigam, progridam, aprendam e se esforcem mais.

- **As crianças devem poder escolher o esporte de sua preferência.** Como o pai foi jogador de basquete então a criança deverá jogar basquete, como uma imposição. Podemos até sugerir, mas não impor a prática de um esporte. Há muitos fatores que influenciam na escolha: os amigos, os ídolos, a publicidade, o clube perto de casa, o professor que o conquista, entre tantos. O importante é que a criança faça esporte. Assim ela poderá mudar e descobrir outras opções.
- **As crianças devem crescer em um ambiente saudável e livre de vícios.** Como pais deveríamos saber que os vícios e maus costumes estão ao alcance de todos. Mesmo dentro de uma mesma instituição. É necessário conhecer o ambiente e a atmosfera que rodeia a atividade. Cuidado com este detalhe. Respirar um ar não viciado, cheio de maus costumes e de má educação é também nossa responsabilidade como adultos.
- **As crianças devem ter amplas possibilidades de brincar e aprender.** “Aprender jogando” parece uma frase feita, repetida através da história sobre este tema. Mas nem por isso deixa de ter grande valor. Cada criança que brinca, que se emociona com um jogo, que se transforma em um personagem imaginário está APRENDENDO. E o que ela incorpora vai para sua memória, ou seja, é uma aprendizagem correta, armazenada para ser usada quando necessário. Se não há jogo, se não há brincadeira dificilmente haverá aprendizagem. Nossos filhos precisam se emocionar para aprender com qualidade.
- **Todas as crianças devem ser tratadas com DIGNIDADE.** Em qualquer tratado sobre a infância aparece a palavra DIGNIDADE.

Ser tratado com dignidade significa reconhecer o valor intrínseco de cada criança, tratando-a com respeito, empatia e justiça. Tratar com dignidade é criar condições para seu pleno desenvolvimento que lhe permita um desenvolvimento pleno, autonomia, liberdade e satisfação de suas necessidades básicas sem se importar com a condição dessa criança. O esporte formativo é o ambiente ideal para que, nós adultos, também sejamos dignos com a criança.

- **As crianças devem ter a possibilidade de preparar-se para ser um CAMPEÃO. Mas jamais ter a OBRIGAÇÃO DE SER-LO.** Gerar um ambiente de melhor qualidade de ensino é quase um dever dos adultos. Aprender com os melhores profissionais em lugar agradável e com os elementos necessários favorece a aprendizagem. Mas se todos esses recursos não estão disponíveis também se pode ensinar com qualidade. Depende de nós transmitir a paixão pelo esporte e gerar motivação. O êxito não está reservado somente para o campeão. Ele também aparece quando há evolução, quando se obtém os objetivos, quando se compete dignamente ou simplesmente, quando se aprende.

Ser pais ou familiares de um mini esportista ou de um esportista em formação é uma carreira na qual primeiro te conferem o título e depois começam a cursar as matérias. E seguramente, logo aparecerão novas matérias, novas necessidades. É desafiante e emocionante. A vivência de acompanhar um filho ou filha no esporte é insubstituível para o crescimento de um adulto.

Gerar comunicação fluente entre professores, técnicos e família, entre dirigentes e professores e técnicos, entre as famílias das crianças é um desafio que outorga qualidade ao modelo de trabalho da equipe.

Acompanhar as crianças envolve os irmãos, avós, tios e amigos. Cria-se um mundo ao seu redor, um círculo que quando se entende e se respeita a palavra processo, nos enche de satisfação.

A educação do adulto é parte determinante no processo de formação das crianças. Nós professores estamos (ou deveríamos estar) preparados para educar “para baixo” e “para cima”. Mas como podemos fazer isso?

“Para baixo” com as crianças, com tudo o que aqui temos tratado, em conhecimentos do esporte que se pratica, em valores formativos e o respeito para o plano de crescimento das crianças.

“Para cima” com os pais, famílias, dirigentes. Deveríamos explicar a cada início de temporada quais são as possibilidades motoras, psicológicas, emocionais e sociais que terão seus filhos nessa idade. Saber mais de seus filhos significa compreender e ajudá-los. Entender que erros fazem parte do desenvolvimento.

Cada profissional deveria compartilhar sua forma de conduzir o grupo, qual sua escala de valores, como é o processo de aprendizagem técnica e tática, que conceito tem de “justiça ou injustiça” e como tratá-los.

Ao final todos têm que ter o mesmo objetivo EDUCAR A CRIANÇA NO MELHOR AMBIENTE POSSÍVEL. Quando uma criança ou jovem sente que por trás dele há uma “equipe” com coerência ele será mais feliz no que fizer.

Cada vez que seja necessário devemos entrar em contato com a família em particular ou no geral para explicar quais são as características, possibilidades, seus pontos fortes e fracos e os objetivos. E assim educar todos os atores do esporte infantil. De nada serve conhecer muito do esporte e não saber transmitir esse conhecimento. De nada serve não ter conexão direta com as crianças e suas famílias. De nada serve falar muito e não saber ouvir.

Quando uma criança sente coerência em seu ambiente esportivo ele aproveita mais, aprende mais, sofre menos e se converte em um futuro difusor desses valores.

PENSAMENTOS E CONCLUSÕES

“Os valores são os ideais que a sociedade considera como ótimos para uma determinada situação. No esporte formativo é o contexto ideal para que esses valores se desenvolvam e se fortaleçam”.

“A principal fonte de aprendizagem de meninos e meninas é a imitação do que fazem seus modelos de referência, especialmente pais e mães”

“O esforço é uma técnica de motivação com a qual fomentamos comportamentos e aprendizagens saudáveis de nossos filhos”.

“Todos os atores do esporte formativo têm seus direitos e obrigações. Devemos conhecê-los e divulgá-los para crescermos com qualidade”

“Os professores seguem um processo formativo que inclui cursos e supervisões. Esta formação contínua é a base de sua verdadeira aprendizagem além de sua experiência. Apoiar esse processo é muito importante”

“Resolver os problemas do esporte formativo de forma cooperativa e em equipe faz com que adotemos soluções mais eficazes”.

“A motivação é o que nos impulsiona a alcançar nossas metas e a razão pela qual fazemos o que fazemos. Não devemos perdê-la nunca enquanto formos parte do esporte formativo”.

“As taxas de abandono do esporte em idade escolar são muito altas e cada vez aumentam mais. Este é o momento de dar-lhe importância e o valor que elas têm. Temos que trabalhar duro para reverter essa realidade”.

**DO QUE FOMOS AO QUE SOMOS:
FAMÍLIA E ESPORTE EM UMA TRAVESSIA DE GERAÇÕES**

**Dante De Rose Junior
Adair José Pereira da Rocha
Mônica Cristina Flach**

Neste capítulo final, os organizadores do livro relatam de uma forma muito pessoal suas experiências sobre o apoio recebido por pais e familiares em sua trajetória esportiva como atletas e sobre suas condutas como profissionais do esporte e pais em uma perspectiva do passado, presente e futuro.

Dante De Rose Junior

Comecei minha carreira esportiva muito cedo praticando natação de forma lúdica. Aos 10 anos iniciei minha carreira de “atleta” no basquetebol.

Principalmente meu pai sempre me incentivou à prática esportiva, apesar de não estar muito presente nos jogos por conta de suas atividades laborais. Sempre que possível ele comparecia aos jogos e nunca recebi qualquer tipo de cobrança por desempenho ou resultado. Mas as cobranças eram sempre no sentido de respeitar meus treinadores, companheiros e adversários.

Quando atingi a idade de prestar vestibular havia uma expectativa da família em ter um “doutor”. Mas o esporte falou mais alto e segui a carreira da Educação Física. Apesar de certa decepção dos familiares, meus pais sempre apoiaram minhas decisões e sempre me acompanharam ao longo desta carreira.

Ser profissional da Educação Física e do esporte me levou a diferentes caminhos. O principal objetivo era ser técnico de basquetebol, mas a vida e a experiência me mostraram que havia um grande mundo além das quatro linhas.

E um desses mundos, até por ter trabalhado com categorias de base, era o esporte infantil. Como técnico de crianças e jovens me deparei com inúmeras situações de ter que confrontar pais e familiares que tentavam interferir na atuação de seus filhos e na minha atuação como profissional. Também observei muitas atitudes inadequadas de pais e familiares de equipes adversárias, sobre as quais eu não tinha como intervir.

Mas isto me chamou a atenção para o tema deste livro. Como eu poderia ajudar a melhorar o comportamento desses pais em relação a vida esportiva de seus filhos.

Paralelamente a toda essa situação algo novo ocorreu em minha vida. Tornei-me **pai**. E com todo meu envolvimento com o esporte passei a lidar com o outro lado da moeda.

Foi muito difícil conciliar essas duas condições: pai e profissional do esporte. Mesmo sem querer, cria-se uma grande expectativa sobre o futuro esportivo dos filhos. Inconscientemente, havia uma “quedinha” pelo basquete. Mas aí, além dos exemplos que tive em minha casa, o lado profissional e acadêmico falou mais alto. Seria uma grande incoerência de minha parte exigir de meus filhos que praticassem o esporte que sempre foi minha paixão.

Então estabeleci uma regra familiar: a prática esportiva seria obrigatória, independentemente do nível pelo qual os esportes seriam praticados e sem cobranças sobre desempenho e resultados.

Meus filhos praticaram futebol, futsal, ginástica artística, tênis, natação e, é claro, o basquetebol. Tiveram a oportunidade de vivenciar todas as possibilidades motoras que essas modalidades oferecem sem, no entanto, terem se tornado atletas.

A vivência que tiveram no esporte deram a eles a oportunidade de trabalhar em grandes eventos esportivo, serem apreciadores do esporte e melhor ainda, profissionais em outras áreas nas quais o esporte oferece grandes oportunidades.

Além disso, são grandes companheiros que dividem comigo o prazer de estarmos juntos em jogos e competições.

E agora aprecio outra fase desta vida esportiva e familiar. Acompanhar os netos em suas escolhas. É um prazer enorme vê-los praticando os esportes de forma lúdica e prazerosa. Serão atletas? Quem sabe. Mas estão tendo a oportunidade de vivenciar diferentes atividades que lhes serão muito valiosas para a vida futura.

E o “vovô”, especialista no assunto, de vez em quando dá umas sugestões e “conselhos”. Afinal ninguém é de ferro.

Adair José Pereira da Rocha

A minha história é escrita entre dois mundos: a visão de uma geração do pós-guerra, à qual pertencem os meus pais, e a realidade em que hoje educo os meus filhos. Os meus pais, nascidos nas décadas de 40 e 50, deram-me tudo o que podiam dentro do seu entendimento. Naquela época, a visão de educação era focada na sobrevivência e no "juízo"; a função pedagógica e transformadora do desporto não era totalmente compreendida. Para o meu pai, levar-me a um teste num grande clube era um passo para a emancipação e para a independência solitária, mais do que um investimento num sonho desportivo.

No entanto, a vida encarregou-se de colocar pessoas no meu caminho que suprimam as lacunas. Familiares próximos que, ao valorizarem o desporto, me apoiaram com o equipamento necessário para treinar, e treinadores que, entre os trilhos de comboio da infância e os pavilhões profissionais, viram em mim um potencial que eu próprio desconhecia.

A minha infância nem sempre foi fácil no ambiente desportivo. Lembro-me de ser uma criança com dificuldades de coordenação e acima do peso, para quem o desporto, entre os 7 e os 10 anos, era sinónimo de sofrimento e rejeição. Vivi a dor física e emocional de ser estereotipado no futebol e a dureza do trabalho precoce como apanha-bolas numa academia de ténis para conseguir pagar um lanche ou praticar alguns minutos. Mas foi também nesse caminho que aprendi o valor do trabalho e a importância de saber nadar contra a maré — literalmente, na natação, onde encontrei o apoio de amigos que me deram confiança.

Cheguei ao alto rendimento no basquetebol. Vivi momentos mágicos, mas também as sombras da profissão: lesões graves que encerraram a minha carreira aos 26 anos, a pressão estética e o peso emocional de treinos muitas vezes equivocados. Hoje, aos 42 anos, olho para trás com gratidão. O desporto salvou a minha vida, não pelos troféus, mas pelas lições de resiliência que hoje aplico na minha família.

Hoje, junto com a minha esposa, educo os meus filhos com uma consciência que os meus pais não puderam ter. O que eu estudei, o que joguei e o que me tornei permitem-me oferecer-lhes um suporte próximo e compreensivo. O meu filho mais velho já respira o desporto, e o meu conselho

para ele é sempre o mesmo: "Joga para te divertires, respeita as pessoas e usa o desporto como um meio, não como um fim único."

Não procuro que ele seja um atleta profissional por obrigação; desejo que ele cresça com os valores do jogo, com saúde e sempre próximo dos livros. Quero que ele sinta o alívio que senti um dia ao ouvir de um mentor que "o jogo é apenas o jogo" e que o valor de uma pessoa é independente do placar.

Sei que todas as épocas têm a sua importância. Honro o que os meus pais fizeram por mim, pois foi o alicerce que me permitiu chegar aqui. E, embora saiba que como pai também cometerei as minhas falhas — pois nunca saberemos tudo —, o meu compromisso é proporcionar aos meus filhos o apoio desportivo e emocional que eu tive de conquistar sozinho. O meu maior desejo é que eles vejam o desporto como um caminho para a felicidade e que saibam que, ganhem ou percam, o nosso amor e suporte estarão sempre lá.

Mônica Cristina Flach

Meu envolvimento com o esporte, mais especificamente com algumas práticas esportivas começaram cedo, criada em uma cidade pequena, onde brincar na rua, jogar taco, basquete na árvore de casa, andar de bicicleta e tantas outras atividades faziam parte do meu dia a dia. Meu pai era muito ligado ao esporte, trabalhador desde sempre, buscava seu lazer na prática do futebol amador, jogando com amigos, colegas de trabalho aos finais de semana nos eventos de igreja de comunidades no interior, onde era o momento de encontro das famílias rodeado de muito churrasco e o famoso matinê (baile da tarde).

Quando pequena, inicialmente aprendi a nadar em um clube próximo de minha casa, mas sem fazer aulas de natação, ficava horas e horas na piscina se desafiando e aprendendo sozinha, jogava futebol com os primos nos campos de gados dos tios, onde não se tinha um campo adequado, mas era onde mais se aprendia as regras (pois elas não existiam). O amor pelo basquete surgiu por volta dos 8 anos, que por influência dos dois irmãos mais velhos que já praticavam, via no esporte uma fuga para algumas situações da rotina e da vida. Nessa mesma idade perdi minha mãe, jovem com seus 32 anos para o câncer, eu pequena, envolvida na escolinha da escola fui adquirindo cada vez mais gosto e amor pela modalidade, pois ela era ensinada por uma professora tão carinhosa e amorosa.

Meus irmãos foram alcançando outros voos na modalidade e fora dela e eu também, me envolvendo mais e mais, participando de campeonatos, viajando conhecendo estados, cidades, pessoas. Em jogos em casa, na minha cidade, a presença de meu pai, irmãos ou familiares nunca existiu, o apoio vinha de forma interna, do coração, da vontade, do amor, e vinha de fora, externa da professora carinhosa que me fazia seguir meu caminho, sendo incentivo e aconchego, sem ela nem perceber.

Em meio a lesões, cortes de uma convocação para seleção catarinense com meus 13 anos, e devido aos caminhos da vida, parei o basquete enquanto adolescente aos 15 anos para trabalhar e estudar e porque não sair da minha cidade, que era pequena e que não me via futuramente morando nela, já que eu amava a praia, o mar, a cidade grande.

Me vi então em Florianópolis capital do estado, estudando Educação Física e de novo a jogar basquete, só que agora no esporte universitário, viajando o Brasil e sendo voluntária em um projeto de basquetebol.

Sem imaginar, eu estava ali, acompanhando crianças de 04 a 10 anos, que estavam brincando de jogar basquete e ao mesmo tempo, vendo seus pais e familiares ali, na arquibancada, vidrados olhando seus filhos, netos, sobrinhos, afilhados, praticando aquele esporte que para mim é minha vida. E ao ministrar as aulas para aquelas crianças me lembrava todo dia, por que não pude ter tido um acompanhamento também de pais e familiares para aquilo que para mim era tão importante?

Hoje com meus 30 anos, **mãe** do meu filho Antônio de 1 ano e 10 meses, olho para trás e percebo que cada momento é um momento, meu pai sempre foi do esporte, entendia e nos passava de forma não intencional o gosto e o quão bem o esporte lhe fazia, fazendo com que nos permitisse ir em busca de um esporte e praticá-lo da forma que desejássemos, mesmo sem ele nos acompanhar, e isso para ele foi uma forma de incentivo, sem palavras, sem abraços nas vitórias ou derrotas, sem acompanhar em viagens. Porém era a forma como ele entendia o seu papel, hoje vejo o quanto minha influência de mãe é importante para a vida do meu filho de forma geral, o incentivo já existe com palavras de carinho, de incentivo, mesmo que para chutar uma bola, para quicar, para repetir o nome do bicho que está no livro, ou somente em palavras de carinho no dia a dia, como um eu te amo, estou aqui, não tenha medo.

Então posso dizer que meu filho sempre será incentivado para o esporte, qualquer esporte que ele escolher, será incentivado a fazer a coisa certa, a seguir com seus valores, a respeitar os adversários, a respeitar seu próprio corpo e principalmente a amar aquilo que estiver fazendo e fazer o seu melhor. Por isso, não tenho expectativas com o futuro esportivo do meu filho, mas tenho certeza de que ele irá amar o esporte, irá vivenciar o esporte em todas as suas esferas, só desejo que assim como foi para mim, que o esporte seja para ele uma porta que se abre para infinitas possibilidades de crescimento pessoal, profissional e cultural. Que o amor ao esporte se mantenha e siga em suas veias, é o desejo e a torcida de uma mãe que olha para o futuro e espera seu filho chegar no topo, não para ganhar o troféu, mas sim, para ser o seu melhor a cada dia.

Organizadores



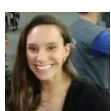
ADAIR JOSÉ PEREIRA DA ROCHA

- Professor de Educação Física. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e pesquisador na área de Educação, com atuação em cognição, aprendizagem motora e desenvolvimento esportivo.
- Membro da Rede Internacional de Basquete Educativo e do Centro de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Esporte da Universidade Federal do Paraná.
- Desenvolveu o Processo Adaptativo Bioecológico no Basquetebol Brasileiro e utiliza o QATE em estudos sobre trajetória esportiva.
- Conduz pesquisas que articulam educação, esporte e tecnologias, com ênfase na formação de atletas e no papel da família.
- <https://orcid.org/0000-0002-3308-121X>



DANTE DE ROSE JUNIOR

- Licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da USP.
- Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP. Professor Titular aposentado pela Universidade de São Paulo.
- Docente da Escola de Educação Física e Esporte da USP e Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP nos cursos de Graduação e Pós-graduação nas seguintes disciplinas: Basquetebol, Pedagogia do Esporte, Esporte Infantil, Psicologia do Esporte, História da Educação Física e do Esporte, Metodologia da Pesquisa em Educação Física e Esporte.
- Ex-Diretor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP.
- Vice-Presidente da Rede Internacional de Basquetebol Educativo
- <https://orcid.org/0009-0000-8770-2731>



MÔNICA CRISTINA FLACH

- Graduada em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina
- Mestrado em Ciências do Movimento Humano pelo Programa de Pós-Graduação CEFID/UDESC
- Doutoranda e bolsista CAPES pelo PPCMH-UDESC
- Representante da região Sul na Rede Internacional de Basquetebol Educativo - RIBE BRASIL.
- Membro do Laboratório de Pesquisa em Práticas Pedagógicas da Educação Física (LAPRAPEF).
- Professora de minibasquetebol no projeto OMDA Tubarões (Palhoça/SC).
- <https://orcid.org/0000-0003-1488-7290>

AUTORES



ALEXANDRA FOLLE

- Graduada em Educação Física e especialista em Esporte Escolar (UNOCHAPECÓ)
- Mestre e Doutora em Educação Física (Universidade Federal de Santa Catarina)
- Professora Titular do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (Universidade do Estado de Santa Catarina)
- Vice Coordenadora LAPRAPEF-UDESC
- <https://orcid.org/0000-0001-8972-6075>



CAIO VAGETTI DE OLIVEIRA

- Graduação em Educação Física na Universidade Federal do Paraná (UFPR).
- Facilitador em Preparação Física nos esportes no Clube Curitibanos – Curitiba
- Campeão Paranaense de Basquetebol pelo Clube Thalia (2017, 2018, 2019) e Campeão Sul-Americano de Basquete em Novo Hamburgo (2018)
- Atleta de Basquete do Clube Curitibano (2021, 2022)
- <https://orcid.org/0009-0008-4968-9300>



CARINE COLLET

- Docente do curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Licenciada, mestra e doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina
- Co-lidera o Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisas em Esporte (GEPPE/UFRGS) e integra o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia do Esporte e do Exercício (NuEPPEE/USF)
- Experiências na docência, pesquisas e consultoria esportiva com ênfase na Pedagogia do Esporte. Atua principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento esportivo em longo prazo, formação de treinadores/as e esporte e demandas sociais
- <https://orcid.org/0000-0003-3742-4037>



EDUARDO SANTANA SILVA

- Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Instituto Federal do estado de Mato Grosso (IFMT)
- Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
- Treinador de atletismo nas categorias de base, atuando no programa de extensão vinculado ao Centro Interdisciplinar em Esporte e Exercício Físico (CIPEEF-UNEMAT)
- <https://orcid.org/0009-0007-7343-4773>



FRANCINÉLI BECKER

- Psicóloga do Esporte formada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)
- Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico pela (UNESC) Universidade do Extremo Sul Catarinense e pós-graduada em Psicologia do Esporte
- Atua como Psicóloga do Criciúma Esporte Clube desde 2013. Membro da Comissão de Psicologia do Esporte, do Exercício e da Performance (CRP-12)
- Ministra palestras para pais, profissionais e comunidade esportiva, com foco na promoção do desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes no esporte.
- <https://orcid.org/0000-0001-6798-3214>



GISLAINE CRISTINA VAGETTI

- Doutora em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná
- Mestrado em ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação e esporte
- Vice-líder do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (CEPEPE)
- Bolsista da Fundação Araucária em pesquisa científica.
- <https://orcid.org/0000-0003-0704-1297>



HERMES FERREIRA BALBINO

- Doutorado e Mestrado em Ciências do Esporte pela Unicamp
- Graduação em Educação Física e Psicologia
- Preparador físico da Seleção Brasileira de Basquetebol Feminino campeã do Mundo em 1994 e medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1996
- Psicólogo da Seleção Brasileira de Voleibol Feminino S23 campeã do mundo em 2015 e da Seleção Adulta medalha de bronze em Paris 2024
- Professor convidado da FGV para cursos de MBA desde 2012
- <https://orcid.org/0009-0009-7142-3194>



LEILANE ALVES DE LIMA

- Mestre (2018) e doutora (2024) em Educação Física na área Biodinâmica do Movimento e Esporte pela Faculdade de Educação Física (FEF-UNICAMP)
- Docente da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT), pesquisadora colaboradora no Laboratório de Estudos Aplicados em Pedagogia do Esporte (LEAPE-UNEMAT), e membro do Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (LEPE-UNICAMP)
- Desenvolve pesquisas e atividades nas áreas de Educação Física, Esporte e Educação, com foco em Educação Física Escolar, Pedagogia do Esporte, Desenvolvimento de atletas e Esporte Escolar
- <https://orcid.org/0000-0002-7866-4152>



LARISSA FERNANDA PORTO MACIEL

- Mestrado e Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
- Pós-Graduação em Basquetebol pela Faculdade de Telêmaco Borba (FATEB)
- Pós-doutoranda da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
- Membro e pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Práticas Pedagógicas da Educação Física (LAPRAPEF) e do *International Basketball Research Network*
- Sócia Administradora da MF Assessoria Esportiva e técnica de basquetebol de categorias de formação
- <https://orcid.org/0000-0002-5077-8844>



MARIANA TRINDADE ROSA DE SOUZA

- Licenciada e Bacharel em Educação Física pelas instituições UNIBRASIL e Claretiano
- Mestra e doutoranda em Educação (UFPR), na linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, e integrante do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte
- Especialista em Gestão Pública do Esporte (UEPG, 2023), Handebol (FATEB, 2022), Educação Física Escolar (UNINA, 2018) e Políticas Públicas para Infância e Juventude (UEPG, 2011)
- Professora concursada da SEED-PR e da Prefeitura de Curitiba, com atuação no Departamento de Esporte da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude
- Experiência em Educação Física e handebol, autora e palestrante em iniciação esportiva.
- <https://orcid.org/0000-0002-7835-6416>



MICHELE ALVES FERREIRA BARBOSA

- Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Uberlândia
- Pós-graduada em Psicologia do Esporte e do Exercício, em Terapia Cognitivo Comportamental e em Neurociência do Desenvolvimento
- Atua, enquanto psicóloga clínica e do esporte com atletas e equipes de diferentes modalidades como: vôlei, basquete, futebol e tênis
- Trabalhando diretamente com treinadores, equipe técnica, pais e atletas, visando o bom desenvolvimento, bem-estar e melhora na performance do atleta, através do olhar da psicologia.
- <https://orcid.org/0000-0003-2236-9506>



RICARO BOJANICH

- Profesor Nacional de Educación Física - Rosario, Argentina.
- Técnico Internacional de Basquetbol.
- Capacitador da Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol Argentina
- Diretor Nacional de Mini Basquetebol da Confederação Argentina de Basquetebol
- Palestrante em mais de 200 Clínicas e Congressos de Basquetebol.
- Autor do livro “Pasión por la Educación...Pasión por el Basquetbol”
- <https://orcid.org/0009-0008-7112-0188>



SARITH ANISCHA

- Psicóloga, Profissional de Educação Física, Graduada em Pedagogia
- Pós- Graduada Pedagogia e Psicologia do Esporte, Gestão Esportiva e Docência em Ciências do Esporte
- Gestora do Projeto Nova Aula de Educação Física em escolas da rede pública de São Paulo
- <https://orcid.org/0009-0001-6662-4129>



SÍLVIA DESCHAMPS

- Doutora em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da USP
- Psicóloga formada na Universidade Federal de Santa Catarina
- Professora e Pesquisadora UNAERP/Campus Guarujá/SP no Curso de Graduação em Educação Física
- Psicóloga da Seleção Brasileira de Futebol de 7 PC na Associação Nacional de Desporto para Deficientes e da Seleção Brasileira de Tiro Esportivo Paralímpico no Comitê Paralímpico Brasileiro (Ciclo 2012-2016)
- Trabalhos realizados com atletas de voleibol, triathlon, vôlei de praia, basquetebol, futsal, futebol, vela, kart, tiro esportivo, judô, surf, futebol de 7 e tênis.
- <https://orcid.org/0009-0000-2385-0217>



VALDOMIRO DE OLIVEIRA

- Doutor e Mestre em Educação Física pela Unicamp/SP e Lider do centro de pesquisa em Educação e Pedagogia do esporte (UFPR/Cnpq)
- Professor Titular do Departamento De Educação Física da UFPR
- Estágio Pós Doutoral em Ciências Pedagógicas do Desporto de Alto Rendimento pelo Instituto de Cultura Física de Moscou/Rússia
- Professor do PPGE, Programa de Pós-graduação stricto-sensu em Educação no Esporte
- Facilitador do Comitê Brasileiro de Clubes e da CBF Academy.
- <https://orcid.org/0000-0002-8709-8471>



VANESSA COTRIM

- Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná - Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação (PPGE - UFPR), na linha de pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano (CADH)
- Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2024) e Integrante do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (CEPEPE) da UFPR
- Especialista em Educação Física Escolar, Educação Especial Inclusiva e Gestão Escolar
- Professora de Educação Física na Prefeitura Municipal de Curitiba e Professora do Quadro Próprio do Magistério na Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED-PR)
- Coordenadora do Centro Esportivo Avelino Vieira - Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMELJ) – Curitiba
- <https://orcid.org/0000-0001-7446-2935>

